



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE CULTURA E TERRITÓRIO**

Antônio Themístocles Barbosa da Silva

**TERRITÓRIO, TERRITORIALIDADE E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: USO DA
LATERAL PALATAL /ʎ/ POR FEIRANTES DE ARAGUAÍNA**

**Araguaína - TO
2019**

Antônio Themístocles Barbosa da Silva

**TERRITÓRIO, TERRITORIALIDADE E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: USO DA
LATERAL PALATAL /ʎ/ POR FEIRANTES DE ARAGUAÍNA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Edviges Albuquerque

Co-orientadora: Profa. Dra. Severina Alves de Almeida Sissi

**Araguaína - TO
2019**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- S586t Silva, Antônio Themístocles Barbosa da.
TERRITÓRIO, TERRITORIALIDADE E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: USO DA LATERAL PALATAL /ʎ/ POR FEIRANTES DE ARAGUAÍNA. / / Antônio Themístocles Barbosa da Silva. – Araguaína, TO, 2019.
125 f.
- Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Estudo de Cultura e Território, 2019.
- Orientador: Prof. Dr. Francisco Edviges Albuquerque
Coorientadora : Profa. Dra. Severina Alves de Almeida
1. Territorialidade. 2. Feiras. 3. Variação Linguística. 4. Lateral Palatal /ʎ/. I. Título

CDD 306

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

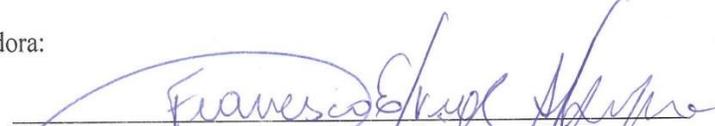
Antônio Themístocles Barbosa da Silva

**TERRITÓRIO, TERRITORIALIDADE E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: USO DA
LATERAL PALATAL /k/ POR FEIRANTES DE ARAGUAÍNA**

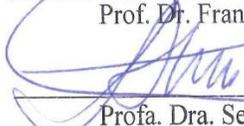
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território, foi avaliada para a obtenção do título de Mestre em Estudos de Cultura e Território, e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca examinadora.

Data de Aprovação 12/06/2019

Banca Examinadora:



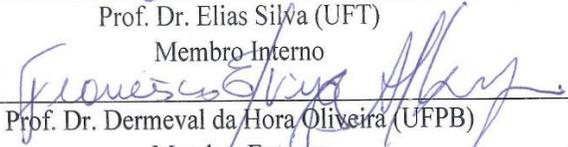
Prof. Dr. Francisco Edviges Albuquerque (UFT)
Presidente



Profa. Dra. Severina Alves de Almeida (FACIT)
Coorientadora



Prof. Dr. Elias Silva (UFT)
Membro Interno



Prof. Dr. Dermeval da Hora Oliveira (UFPB)
Membro Externo

Araguaína - TO
2019

Este trabalho é dedicado à minha família, que sempre me apoiou, dando-me forças durante a caminhada, especialmente ao meu pai, um ancião de 80 anos, que é minha grande inspiração.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus Vivo a quem devo tudo o que tenho e o que sou por ter me dado a oportunidade de realizar mais este sonho;

À minha família e amigos pelo incentivo em continuar nesta jornada na busca pelo conhecimento;

Ao meu querido amigo e orientador Prof. Dr. Francisco Edviges Albuquerque pela confiança em querer me orientar, pela disponibilidade, amizade e por me ajudar a tornar um sonho em realidade;

Ao meu querido amigo e professor Dr. Demerval da Hora pela amizade e incentivo neste trabalho;

À minha amiga professora Dra. Severina Alves de Almeida pelas dicas e força na consecução deste trabalho;

Ao meu amigo e professor Dr. Elias da Silva pela força, incentivo e amizade;

Ao meu grande amigo professor Ms. Ítalo Danyel Amorim Gonçalves dos Santos por seu companheirismo e ânimo nos momentos difíceis;

À minha grande amiga e professora Ma. Izarete da Silva de Oliveira que sempre me incentivou desde o início a fazer este mestrado, pela amizade, força e dicas;

À minha grande amiga e professora Ma. Andreia Nascimento Carmo pelos conselhos, dicas e amizade;

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território – PPGCULT;

À Universidade Federal do Tocantins – UFT por proporcionar a realização deste que parecia tão distante sonho em realidade.

Para dizerem milho dizem mio
Para melhor dizem mió
Para pior pió
Para telha dizem teia
Para telhado dizem teiado
E vão fazendo telhados.

Oswald de Andrade (1988).

LISTA DE SIGLAS

ACIARA	Associação Comercial e Industrial de Araguaína
CIMBA	Companhia Industrial e Mercantil da Bacia Amazônica
DAIARA	Distrito Agroindustrial de Araguaína
FENIAGRO	Feira de Negócios, Indústria e Agroindústria do Tocantins
FIETO	Federação das Indústrias do Estado do Tocantins
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
JK	Juscelino Kubitschek (aqui, nome de Bairro de Araguaína - TO)
MA	Maranhão
MG	Minas Gerais
PPGCULT	Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território
TO	Tocantins
UFT	Universidade Federal do Tocantins

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01. Estratificação da Idade	22
QUADRO 02. Contexto Fonológico Precedente	25
QUADRO 03. Contexto Fonológico Seguinte	26
QUADRO 04. Extensão do Vocábulo	26
QUADRO 05. Tonicidade	27
QUADRO 06. Território de Dominância Funcional e de Dominância Simbólica:	50

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01. Resultado Geral por Variante	72
GRÁFICO 02. Variante [j] por Sexo	73
GRÁFICO 03. Realização da Variante [j] por Idade	74
GRÁFICO 04. Por Anos de Escolaridade	75
GRÁFICO 05. Naturalidade por Estado.	76
GRÁFICO 06. Zona Rural/Urbana	76
GRÁFICO 07. Contexto Fonológico Precedente	77
GRÁFICO 08. Contexto Fonológico Seguinte	78
GRÁFICO 09. Extensão do Vocábulo	79
GRÁFICO 10. Tonicidade	79
GRÁFICO 11. Resultado Geral por Variante	83
GRÁFICO 12. Variante [j] por Sexo	83
GRÁFICO 13. Realização da Variante [j] por Idade	84
GRÁFICO 14. Anos de Escolaridade	85
GRÁFICO 15. Naturalidade por Estado	86
GRÁFICO 16. Zona Rural/Urbana	87
GRÁFICO 17. Contexto Fonológico Precedente	88
GRÁFICO 18. Contexto Fonológico Seguinte	89
GRÁFICO 19. Extensão do vocábulo	89
GRÁFICO 20. Por Tonicidade	90
GRÁFICO 21. Resultado Geral por Variante	93
GRÁFICO 22. Variante [j] por Sexo:	94
GRÁFICO 23. Variante [j] por Idade	95
GRÁFICO 24. Por Escolaridade	96
GRÁFICO 25. Naturalidade por Estado	97
GRÁFICO 26. Zona Rural/Urbana	98
GRÁFICO 27. Contexto Fonológico Precedente	99
GRÁFICO 28. Contexto Fonológico Seguinte	99
GRÁFICO 29. Por Extensão do Vocábulo	100
GRÁFICO 30. Por Tonicidade	101

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01. As Nuances da Interdisciplinaridade	29
FIGURA 02. Mapa de Localização de Araguaína – TO	33
FIGURA 03. Aldeia Iontra 1951	34
FIGURA 04. Praça das nações 1965	37
FIGURA 05. Maternidade Dom Orione	40
FIGURA 06. Igreja Matriz 1985	41
FIGURA 07. Localização das Feiras Área Urbana de Araguaína – TO	52
FIGURA 08. Feira do Jk e Imediações	71
FIGURA 09. Barraca Tangenciando o Supermercado Superbox JK, Feira do JK	80
FIGURA 10. Freguês Sendo Atendido na Feira do JK	81
FIGURA 11. Feira do Entroncamento e Imediações	82
FIGURA 12. Frenesi dos Fregueses na Feira do Entroncamento	91
FIGURA 13. Feirantes em Atendimento na Feira do Entroncamento	92
FIGURA 14. Feira do Mercado Municipal e Imediações	92
FIGURA 15. Galpão do Mercado Municipal, Feira do Mercado Municipal	101
FIGURA 16. Coco Babaçu ainda Verde e Resina de Jatobá, Feira do Mercado Municipal	102

RESUMO

Nesta Dissertação realizou-se uma pesquisa a partir das categorias Território, Territorialidade e Variação Linguística. O objetivo foi identificar e analisar a variação linguística de feirantes de Araguaína - TO, avaliando como se efetiva o uso da lateral palatal /ʎ/, bem como o território e territorialidade da mesma. A pesquisa, de teor interdisciplinar, se configura como quali-quantitativa e etnográfica, a partir da seguinte frente teórica: (1) Sociolinguística Variacionista laboviana (LABOV, [1972], 1978, 1994, 2001, 2003, 2008); (2) Para território e territorialidade: Haesbaert (1999, 2007) e Saquet (2006, 2009); (3) Para a interdisciplinaridade: Pombo (2006, 2008). A amostragem foi composta de questionários com duração aproximada de trinta minutos. A pesquisa foi levada a cabo nas três principais feiras livres da cidade de Araguaína: Feira do JK, no bairro Juscelino Kubitschek; Feira do Entroncamento, no bairro Entroncamento; e Feira do Mercado Municipal, no setor Central. Participaram da pesquisa 24 pessoas no total, sendo 8 por feira, destas, sendo 4 homens e 4 mulheres. O público alvo foi dividido por sexo, idade, escolaridade e naturalidade e relacionadas a estas variáveis extralinguísticas as variáveis linguísticas, contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, extensão do vocábulo e tonicidade. Nas três feiras foram analisadas todas as variáveis quer extralinguísticas quer linguísticas e favoreceram a variante inovadora [j] em detrimento da variante de prestígio [ʎ]. A variável sexo apontou que homens favoreceram-na mais que as mulheres, provando que estes são mais inovadores que elas neste quesito; quanto à idade ficou comprovado que temos uma variação estável pois a variante prevalecente ocorreu independentemente da dela; sobre a escolaridade, a maioria tem menos de 10 anos de estudos, o que favoreceu a variante supracitada, pois quanto menos escolaridade, mais preferência pelas variantes inovadoras; quanto à naturalidade, todos os participantes da pesquisa são nordestinos, notadamente maranhenses e maioria da zona rural, o falar rural se aproxima mais das variantes inovadoras; nos contextos precedentes e seguintes a vogal baixa [a] foi a grande favorecedora da variante, uma vez que a palatal, nestes contextos, assim se comporta; sobre extensão vocabular os dissílabos foram bem produtivos no favorecimento da variante, pois palavras desta extensão favorecerem-na; no que tange à tonicidade, as palavras postônicas foram as grandes favorecedoras da variante, vez que a palatal quando na referida posição de fato costuma agir assim.

Palavras-chave: Territorialidade. Feiras. Variação Linguística. Lateral Palatal /ʎ/.

ABSTRACT

In this dissertation carry out a research from the categories Territory, Territoriality and Linguistic Variation. The objective was to identify and analyze the linguistic variation of marketers from Araguaína TO, evaluating how to carry out the lateral palatal / ʎ / use, as well as the territory and territoriality of the same. The research, with an interdisciplinary content, is configured as a qualiquantitative and ethnographic type, starting from the following theoretical front: (1) Labovian Sociolinguistic Variation of (LABOV, [1972], 1978, 1994, 2001, 2003, 2008); (2) For territory and territoriality: Haesbaert (1999, 2007) and Saquet (2006, 2009); (3) For interdisciplinarity: Pombo (2006, 2008). Sampling was composed of questionnaires with a duration of approximately thirty minutes. The research was carried out in the three main free fairs of the city of Araguaína: Fair of the JK, in Juscelino Kubitschek neighborhood; Entroncamento Fair, Entroncamento neighborhood; and Municipal Market Fair, in Central neighborhood. Twenty-four people participated in the research in total, being 8 per fair, of these, being 4 men and 4 women. The target audience was divided by sex, age, schooling and naturalness and related to these social variables the linguistic variables, previous phonological context, following phonological context, word extension and tonicity. In the three fairs, all social and linguistic variables were analyzed and favored the innovative variant [j] in detriment of the prestige variant [ʎ]. The sex variable pointed out that men favored it more than women, proving that they are more innovative than women in this respect; about the age, it was verified that we have a stable variation because the prevaescent variant occurred regardless of it; on schooling, the majority have less than 10 years of study, which favored the aforementioned variant, since the less schooling, the more preference for innovative variants; about the naturalness, all the participants are Northeastern, especially Maranhão and most of the rural area, rural speaking approaches more closely to innovative variants; in the previous and following contexts the low vowel [a] was the great favorer of the variant, since the palatal, in these contexts, thus behaves; on vocabulary extension the disyllables were very productive in the favoring of the variant, since words of this extension favor it; with regard to tonicity, the postonic words were the great favorers of the variant, rather than the palatal when in the said position of fact usually does so.

Keywords: Territoriality. Fairs. Linguistic Variation. Lateral Palatal / ʎ /.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I: METODOLOGIA PROCEDIMENTOS E TÉCNICAS	18
1.1. Objetivos	18
1.1.1. Objetivo geral.....	18
1.1.2. Objetivos específicos	18
1.2. O Público Alvo	18
1.3. A Amostragem	19
1.4. As variáveis	20
1.4.1. Variável Dependente	20
1.4.2. Variável Independente	20
1.4.2.1. Variáveis Extralinguísticas	20
1.4.2.1.1: Sexo	21
1.4.2.1.2. Idade	22
1.4.2.1.3. Escolaridade.....	23
1.4.2.1.4. Naturalidade.....	24
1.4.2.2. Variáveis Linguísticas	25
1.4.2.2.1. Contexto Fonológico Precedente.....	25
1.4.2.2.2. Contexto Fonológico Seguinte	26
1.4.2.2.3. Extensão do Vocabulo	26
1.4.2.2.4. Tonicidade	27
1.5. Pesquisa Sociolinguística e do Tipo Etnográfica	28
1.6. Variação Linguística e Interdisciplinaridade	28
1.7. Contexto da Pesquisa: A Linguagem como Territorialidade Imaterial	32
CAPÍTULO II: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	59
2.1. A Teoria da Variação Linguística	59
2.2. Sociolinguística: Língua e Sociedade	64
2.2.1. Sociolinguística Variacionista, Variação linguística e Sociedade.....	65
CAPÍTULO III: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	70
3.1. A Feira do JK	71
3.1.2. Visão Geral do Resultado por Variante	72
3.1.2.1. Influência da Restrição Sexo sobre o Uso da Lateral Palatal /ʎ/.....	73
3.1.2.2. Influência da Restrição Idade sobre o Uso da Lateral Palatal /ʎ/.....	74

3.1.2.3. Influência da Restrição Escolaridade sobre o Uso da Lateral Palatal /k/	75
3.1.2.4. Influência da Restrição Naturalidade sobre o Uso da Lateral Palatal /k/	76
3.1.2.5. Influência da Restrição Contexto Fonológico Precedente sobre o Uso da Lateral Palatal /k/	77
3.1.2.6. Influência da Restrição Contexto Fonológico Seguinte sobre o Uso da Lateral Palatal /k/	78
3.1.2.7. Influência da Restrição Extensão do Vocábulo sobre o Uso da Lateral Palatal /k/	79
3.2. Feira do Entroncamento	81
3.2.2. Influência da Restrição Sexo sobre o Uso da Lateral Palatal /k/	83
3.2.3. Influência da Restrição Idade sobre o Uso da Lateral Palatal /k/	84
3.2.4. Influência da Restrição Escolaridade sobre o Uso da Lateral Palatal /k/	85
3.2.5. Influência da Restrição Naturalidade sobre o Uso da Lateral Palatal /k/	86
3.2.6. Influência da Restrição Contexto Fonológico Precedente sobre o Uso da Lateral Palatal /k/	88
3.2.7. Influência da Restrição Contexto Fonológico Seguinte sobre o Uso da Lateral Palatal /k/	89
3.2.8. Influência da Restrição Extensão do Vocábulo sobre o Uso da Lateral Palatal /k/	89
3.2.9. Influência da Restrição Tonicidade sobre o Uso da Lateral Palatal /k/	90
3.3. Feira do Mercado Municipal	92
3.3.2. Influência da Restrição Sexo sobre o Uso da Lateral Palatal /k/	94
3.3.3. Influência da Restrição Idade sobre o Uso da Lateral Palatal /k/	95
3.3.4. Influência da Restrição Escolaridade sobre o Uso da Lateral Palatal /k/	96
3.3.5. Influência da Restrição Naturalidade sobre o Uso da Lateral Palatal /k/	97
3.3.6. Influência da Restrição Contexto Fonológico Precedente sobre o Uso da Lateral Palatal /k/	98
3.3.7. Influência da Restrição Contexto Fonológico Seguinte sobre o Uso da Lateral Palatal /k/	99
3.3.8. Influência da Restrição Extensão do Vocábulo sobre o Uso da Lateral Palatal /k/	100
3.3.9. Influência da Tonicidade sobre o Uso da Lateral Palatal /k/	100
3.3.10. Diálogo entre os Resultados das Três Feiras	102
REFLEXÕES FINAIS	106
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	111

INTRODUÇÃO

A dissertação apresenta os resultados de uma pesquisa cujo objetivo foi identificar e analisar a variação linguística de feirantes de Araguaína TO, avaliando como se efetiva o uso da lateral palatal /ʎ/, bem como o território e territorialidade da mesma.

Araguaína é uma das maiores cidades do Estado e é um local onde interagem diferentes sujeitos sociais, com suas peculiaridades culturais e linguísticas.

A Sociolinguística Variacionista, área da Linguística que estuda os falares em seus contextos de uso, foi de vital apoio na consecução deste trabalho que se deu no contexto das feiras livres no espaço urbano de Araguaína.

Em Araguaína há três feiras livres: a do Mercado Municipal, setor Central, a do JK, bairro Juscelino Kubitschek e do Entroncamento, no bairro Entroncamento.

A feira livre do Mercado Municipal ocorre às sextas-feiras a partir da tarde e vai até o sábado por volta das 14 horas. Ademais há a parte interna do Galpão onde fica a parte permanente da mesma. A do JK e do Entroncamento ocorrem somente aos domingos e vão das 7:00h da manhã até por volta das 12:00h.

A pesquisa, de teor interdisciplinar, se configura como qualitativa e etnográfica, a partir das teorias da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008; ALMEIDA, 2015), permeando as relações socioculturais estabelecidas num cenário etnolinguístico. Segundo Almeida (2015, p. 167) “O liame entre a Etnolinguística e a Sociolinguística se ratifica na dimensão sociocultural que perpassa cada uma dessas categorias teóricas” pois, enquanto a Sociolinguística estuda a situação de uso da língua num espaço social específico, a Etnolinguística envolve aspectos da língua falada, a sociedade onde se situam os falantes e a cultura que daí emana.

O cenário onde se realizou a pesquisa foi as feiras livres, locais compreendidos como espaço de trocas, seja de mercadorias, saberes e/ou conhecimentos, onde se materializam territorialidades. Assim, o território é estudado pela ótica da existência e continuação das atividades da feira, compreendendo ao mesmo tempo a linguagem como um instrumento seja no que tange ao território seja quanto às territorialidades.

No movimento interativo feirante-feirante, feirante-poder público, feirante-freguês e feirante-espaço as territorialidades se fazem presentes e influenciam os falares evoluindo para uma variação linguística.

A feira livre é um ambiente rico de conhecimentos, e para melhor compreendê-lo e interpretá-lo, seria insuficiente o estudo disciplinar, buscou-se então a aplicação da

interdisciplinaridade (FAZENDA, 2008), mobilização de um perspectivismo, de uma convergência, de uma combinação de vários saberes para o estudo da variação linguística. (POMBO, 2008).

Quem frequentar a feira perceberá a presença de diversos falares, sotaques, construções sintáticas, ritmos e sons diferentes.

As variações linguísticas podem ser consideradas sob dois aspectos: o da valorização, compreendendo que tudo isso constitui uma enorme riqueza da língua; ou da desvalorização, quando há uma comparação entre estes diferentes falares e se tenta hierarquizar um em relação ao outro por fatores que pouco ou nada têm a ver com a linguística, mas sim com a questão social do falante que a usa (BAGNO, 2011).

Lamentavelmente existe uma divisão da língua: um Português Padrão, tido como o único correto, o da gramática, o ensinado na escola, o estilisticamente belo que corresponde à variedade prestigiada, falado pelas classes escolarizadas e pela elite dominante, e o Português falado pelas camadas mais pobres que não tiveram acesso à escola, correspondendo às variedades estigmatizadas e tidas como erradas.

Essa estigmatização estende-se às feiras livres, onde se percebe mais eloquentemente que feira e feirante são vistos por alguns como algo menor, seja porque impera a ideia de que a feira é suja, seja porque se pensa que ali é tudo desordenado, seja porque se prefere comprar em locais mais “chiques”.

A feira livre é a representação do que Santos (1979) determina como “circuito inferior da economia urbana”, este lado “não moderno” vivendo lado a lado com os empreendimentos modernos, os chamados “circuitos superiores” da economia urbana, na teoria dos dois circuitos da economia. (SANTOS, 2008a).

É na cotidianidade que estes sujeitos sociais colocam em ação as suas territorialidades como trabalhadores, como portadores de saberes populares, como comerciantes. Estes conhecimentos precisam ser estudados, valorizadas enquanto cultura e divulgados para o enriquecimento de todos os que vivenciam as inquietações da alteridade.

O trabalho está disposto por capítulos que se interconectam responsivamente.

Primeiro apresenta-se a Introdução onde se descreve como está estruturada a dissertação, precedida por uma contextualização do tema.

Sua arquitetura é composta por 3 capítulos, quais sejam:

O primeiro: Metodologia: Procedimentos e Técnicas onde se descreve a metodologia e técnicas, objetivos geral e específicos, contexto e participantes da pesquisa;

O segundo: Fundamentação Teórica que se ocupa do levantamento da revisão da literatura e se menciona sobre Sociolinguística, Sociolinguística Variacionista, Território e Territorialidade (esta última parte dentro do Contexto da Pesquisa);

O terceiro: Descrição e Análise dos Dados onde se discorre sobre estes analisando o comportamento linguístico do público alvo nas três feiras e em seguida tecendo um diálogo entre os resultados.

Por fim, nas reflexões finais, menciona-se os caminhos percorridos, as dificuldades encontradas e superadas, os sucessos e insucessos, as possibilidades que se abriram e os resultados alcançados.

CAPÍTULO I: METODOLOGIA PROCEDIMENTOS E TÉCNICAS

Neste capítulo descrever-se-á a metodologia, os procedimentos e as técnicas. Serão apresentados os objetivos geral e específicos, delineados o contexto e os participantes.

1.1. Objetivos

Os objetivos são um pré-requisito obrigatório para a realização de qualquer trabalho científico, respondem à pergunta da pesquisa e norteiam todas as argumentações pautadas nas teorias e estudos empíricos (ALMEIDA, 2015). Sendo assim, buscou-se responder à seguinte pergunta norteadora: De que forma se dá a efetivação do uso da lateral palatal /ʎ/ como territorialidade na variação linguística pelos feirantes, nos eventos de realização das feiras livres em Araguaína?

1.1.1. Objetivo geral

Identificar e analisar a variação linguística de feirantes de Araguaína TO, avaliando como se efetiva o uso da lateral palatal /ʎ/, bem como o território e territorialidade da mesma.

1.1.2. Objetivos específicos

- 1) Descrever e analisar os conceitos de Território e Territorialidade, Sociolinguística e Etnolinguística;
- 2) Compreender, à luz das pesquisas sociolinguísticas e do tipo etnográfica, a feira-livre como espaço de socialização marcado por falares que conferem identidade aos feirantes e transeuntes;
- 3) Perceber o que são variações linguísticas, identificando como se efetiva o uso da lateral palatal /ʎ/ por feirantes de Araguaína;

Considerar-se-á, outrossim, que as variáveis dependentes e independentes (linguísticas, extralinguísticas e culturais) se entrelaçam com o objeto da pesquisa, a partir do estudo e dos resultados da variante em questão.

1.2. O Público Alvo

O público da pesquisa foram as três feiras livres. Uma das feiras está localizada no Setor Central, Mercado Municipal, outra às margens da BR 153, no Bairro JK (Bairro

Juscelino Kubitschek) e a terceira no Setor Entroncamento. A maioria dos feirantes é de origem nordestina. A migração e a construção da BR 153 influenciaram suas vidas.

A oralidade foi usada como fonte para o levantamento histórico das feiras, bem como para a composição dos dados linguísticos. Tudo isso à luz das pesquisas quali-quantitativas e etnográficas.

1.3. A Amostragem

O *corpus* foi composto por 24 participantes distribuídos conforme as variáveis extralinguísticas: sexo, idade, escolaridade e naturalidade. Do total de 24 participantes, foram 8 pessoas por feira e destas 8, sendo 4 homens e 4 mulheres em cada feira; a idade variou de 20-30; 31-49; e 50 anos ou mais; quanto à escolaridade, feirantes com até 10 anos ou mais de escolarização.

Como variáveis linguísticas elencaram-se: contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, extensão do vocábulo e tonicidade.

Os questionários foram aplicados durante as feiras, momento em que se percebia o tratamento formal ou informal a depender do nível de intimidade do feirante com o pesquisador e com os fregueses. Os questionários tinham duração de cerca de trinta minutos.

Em diversos momentos a gravação ficava um tanto prejudicada porque a feira não é um lugar de silêncio. Mas em sua maioria foi plenamente possível entender a fala, e delas extrair tanto a história das feiras quanto os traços sociolinguísticos.

Um ponto alto da pesquisa foi quando houve aplicação dos questionários com alguns pioneiros, que também estão inclusos na amostragem, a boa vontade deles em atender, inclusive alguns que já são acostumados a serem inquiridos em outras oportunidades de pesquisa nas feiras. Os temas foram do dia a dia como: futebol, trabalho, política, venda nas feiras, diversão, infância e relação a dois.

Procurou-se deixá-los sempre à vontade, buscando não interferir para se vencer o que Labov (2008) denomina de Paradoxo do Observador. Labov (2008, p. 244), esclarece que “[...] o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática”.

Logo em seguida o autor dá diretrizes para se driblar o paradoxo. Para Labov (2008, p. 245), uma das formas de superar o paradoxo do observador é romper os constrangimentos da

situação com procedimentos que tirem a atenção do falante e façam com que o vernáculo emerja.

Uma tática é usar do subterfúgio dos intervalos e pausas, que, se utilizados corretamente, levarão os mesmos a de forma inconsciente pensar que não estão sendo alvo da pesquisa. Desta forma, surge o vernáculo que Labov (2008, p. 244) define como “[...] o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala. A observação do vernáculo nos oferece os dados mais sistemáticos para a análise da estrutura linguística”. Ou seja, é quando o falante fica bem descontraído.

Após a coleta, digitação e tabulação no programa Word 2010, utilizamos a regra de três simples para a análise e quantificação dos dados.

As hipóteses estão todas descritas logo após cada variável social e/ou linguística a seguir.

1.4. As variáveis

As variáveis foram divididas em duas partes: dependentes e independentes.

1.4.1. Variável Dependente

Mollica (2003, *apud* MOURA, 2009) endossa que uma variável é concebida como dependente no sentido que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores (ou variáveis independentes) de natureza social e linguística. Sendo assim, analisou-se a consoante lateral palatal /ʎ/, realizável nas variantes: [ʎ] e [j].

A hipótese é que a variante [j], a iotização, seja a prevalecente entre o público alvo provavelmente em virtude de a maioria não ter o grau de escolaridade alta bem como outros fatores que serão discutidos a seguir.

1.4.2. Variável Independente

Segundo Moura (2009), as variáveis independentes são aquelas que, mantendo certa relação com a variável dependente, podem ou não condicionar o seu caráter variável. A pesquisa divide-as em variáveis linguísticas e extralinguísticas.

1.4.2.1. Variáveis Extralinguísticas

As variáveis apontam as situações de efetuação de um procedimento variável. Para ilustrar tais variáveis podemos citar: sexo, idade, escolaridade e naturalidade.

De acordo com Mollica (2003 *apud* MOURA, 2009), as variáveis extralinguísticas podem ser de natureza interna ou externa à língua e podem exercer pressão sobre os usos, aumentando ou diminuindo sua frequência de ocorrência. Levou-se em conta as variáveis: idade, sexo, escolaridade e naturalidade.

1.4.2.1.1: Sexo

Diversas pesquisas indicam que esta variável é uma das que mais determinam o uso de certas variantes. Gagné (2002, p. 54) afirma que algo típico das mulheres é o fato de utilizarem bastante o diminutivo, como *amiguinha*, *queridinha* e *amorzinho*. Enquanto que os homens tendem a usar o aumentativo, como *Murilão* e *Zeção*.

Fischer (1958, *apud* MOURA, 2009) menciona a relevância da variável sexo em sua obra com título *Influências Sociais na Escolha de Variantes Linguísticas*. Nela o autor afirma que formas de prestígio, sejam semânticas, morfológicas, sintáticas, ou fonológicas são as escolhidas pelas pessoas do sexo feminino.

As mulheres normalmente são consideradas mais conservadoras no que tange às variações em sua comunidade de fala. Elas são propensas a somente adotar uma variante quando esta não for mais motivo de estigma. É uma forma de manter seu prestígio social. Já os homens parecem agir como se este prestígio fosse automático e não precisam fazê-lo linguisticamente (FISCHER, 1958, *apud* MOURA, 2009).

Esta afirmação encontra guarida nos pensamentos Moura (2009), vez que o mesmo afirma que em virtude de os homens precisarem ter uma atitude de inovação e independência para assegurarem seu lugar na sociedade, tendem a falar também inovadoramente. Ademais, há vários autores que também referem esta variável como bastante influente nas variações em diversos aspectos, a exemplo do semântico, fonológico e morfossintático. Dentre eles pode-se citar Paiva (2003, p. 34) que notou que “[...] na fala dos cariocas há uma marca bem regular em que pessoas do sexo feminino preferem as variantes linguísticas de maior prestígio na sociedade”.

É importante ressaltar, levando em consideração a afirmação de Mollica (2003), que se pode depreender que se homens assumem papéis tipicamente das mulheres, a exemplo de educar as crianças, também utilizarão da variante de prestígio. Pode-se falar por exemplo dos homens que exercem o magistério.

A hipótese do trabalho é baseada nestes autores, ela influenciará na manutenção da variante lateral palatal /ʎ/ realizada na sua forma de prestígio como /k/, na fala das mulheres, e a variável [j] prevalecerá na fala dos homens.

1.4.2.1.2. Idade

É de suma importância estudar a idade para se perceber qualquer variação linguística justamente porque ela permite que se perceba se o que ocorre é variação estável ou mudança em curso. É o que defende Labov (1972) em seu estudo efetuado em Martha's Vineyard.

A variação estável se dá quando pessoas mais jovens e mais velhas a utilizam da mesma forma, e é mudança em curso quando entre os jovens se apresenta de forma ascendente.

Chambers (1995) na obra Teoria Sociolinguística, considera que tal como o sexo, a classe social e a idade influenciam inegavelmente os sujeitos da sociedade. O referido autor explica que a classe social é algo mutável caso haja vontade política para isso. Que quanto ao sexo a luta por igualdade social tem diminuído tal diferença, mas que quanto à idade permanece estável e forte.

Chambers (1995, apud MOURA, 2009), assevera que “a idade tem quase que um papel autocrático em nossa vida social e isso também se faz presente no nosso desenvolvimento linguístico” (CHAMBERS, 1995).

Baseados nas assertivas de Chambers, pode-se dizer que por meio da variação linguística de certo falante é possível obter uma noção da idade que o mesmo tenha. A Sociolinguística concorda que a obtenção da linguagem ocorre no final da puberdade, aproximadamente aos 15 anos, do que se pode depreender, por exemplo que alguém com 79 anos em 2018, iria falar da mesma forma como a 64 anos, em 1954.

Nesse sentido, em virtude de não haver, muitas vezes, dados linguísticos representativos de muito tempo atrás, o que se consubstanciaria numa pesquisa em tempo real, normalmente se toma a decisão por tempo aparente e neste se divide a idade de maneira que se possa averiguar se há ou não alteração entre a variação linguística dos falantes dentro das idades pré-estabelecidas.

Optou-se pela pesquisa em tempo aparente, e escolheu-se a seguinte estratificação:

Jovens: de 20 anos a 30 anos, adultos: de 31 anos a 49 anos e idosos: com 50 anos ou mais.

QUADRO 01: Estratificação da Idade

JOVENS	De 20 a 30 anos
ADULTOS	De 31 a 49 anos
IDOSOS	Com 50 anos ou mais

Fonte: (Autoria própria).

No que tange a esta variável, geralmente o que se tem é que os falantes mais novos (de 20 a 30 anos) façam uso de variantes mais inovadoras, enquanto que os mais velhos (com 50 anos ou mais) utilizem mais as conservadoras, e o grupo que fica ao meio, na fase adulta (de 31 a 49), em virtude de sua maior interação no mercado de trabalho, faça uso concomitante entre inovadoras e conservadoras.

Apesar disso, não é a hipótese que se postula, acredita-se que ocorrerá uma variação estável nas três feiras e as diferenças acima discutidas serão mitigadas.

1.4.2.1.3. Escolaridade

A escolaridade é uma variável fácil de se detectar pois ela deixa marcas tanto na escrita como na fala. Ela intervém na eleição de vocabulário, no nível de concordância, no aspecto fonológico, e intervém também de forma direta no tipo de variante que são utilizadas e que estes têm conhecimento. Outro dado interessante é que normalmente as variantes que sofrem estigmas são utilizadas pelas pessoas menos escolarizadas e as não estigmatizadas pelos que tem maior nível de escolarização.

Votre (2003) assinala que a educação é “preservadora de formas de prestígio”, desta forma diretamente proporcional é a forma pela qual quanto mais escolaridade, muito mais escolha pela variante prestigiada. Para o autor, esta variável (escolaridade) é a grande responsável pela maneira pela qual os indivíduos utilizam a língua.

“A escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que a frequentam e das comunidades discursivas. Constata-se, por outro lado, que ela atua como preservadora de formas de prestígio, face às tendências de mudanças em curso nessas comunidades” (VOTRE, 2003, p. 51).

Votre (2003) assegura ainda que no paradoxo do observador (LABOV, 1972), o nível de escolaridade do falante faz com que este seja bem acentuado. Ou seja quando se fizer uma pesquisa com alguém de nível de escolaridade mais alto, é preciso se ter cuidado para que o instrumento utilizado não permita que o falante torne o seu discurso muito formal, e, conseqüentemente não emerja o vernáculo.

“Em projetos de pesquisa que privilegiam a língua falada, [...] aparecem apreciavelmente nítidas as interferências do grau de formalismo da gravação, como um efeito secundário e indireto da escolaridade” (VOTRE, 2003, p. 55).

A pesquisa estratifica esta variável em duas faixas: menos de 10 anos e 10 anos ou mais de escolaridade. É perceptível que esta é a variável social que mais influência tem no presente estudo.

A hipótese é que em virtude da pouca escolarização, farão a escolha pela variante inovadora [j].

1.4.2.1.4. Naturalidade

Esta variável será levada em conta em virtude de grande parte dos habitantes de Araguaína ser composta por nordestinos.

Segundo Corazza (s.d. p. 12), “Araguaína foi composta principalmente de nordestinos, especialmente maranhenses, piauienses e cearenses. Esta imigração provavelmente influenciou na variação dos nossos feirantes”.

É sabido que as variações regionais (diatópicas ou geográficas)¹ estão intimamente ligadas à naturalidade. Estas variações têm ocorrência segundo o lugar em que vivem os falantes, influenciando-os. Elas se dão em virtude do fato de que cada região possui suas peculiaridades culturais, hábitos, modos e tradições, dando origem assim às estruturas linguísticas variadas.

Silva (1997 *apud* FREIRE, 2016), em estudos realizados em Iguatu, Ceará, com a lateral palatal /ʎ/, teve, tanto na zona urbana quanto na rural, em sua variante [ʎ], 84,7% de ocorrência e segundo o estudo isso se deu porque esta é a forma padrão de se pronunciá-la.

A hipótese é que o resultado será o oposto, pois o público é em sua maioria da zona rural e que por isso, não parece que os mesmos preferirão a forma padrão de uso da variante em questão. O seu falar se aproximará de falares que utilizam variantes estigmatizadas, apontando portanto para o uso da variante [j].

¹ Variações diatópicas representam as variações que ocorrem pelas diferenças regionais. As variações regionais, denominados dialetos, são as variações referentes a diferentes regiões geográficas, de acordo com a cultura local. Um exemplo deste tipo de variação é a palavra “mandioca” que, em certos lugares, recebe outras denominações, como “macaxeira” e “aipim”. Nesta modalidade também estão os sotaques, ligados às marcas orais da linguagem. Variação Regional (os chamados dialetos) - São as variações ocorridas de acordo com a cultura de uma determinada região, tomamos como exemplo a palavra mandioca, que em certas regiões é tratada por macaxeira; e abóbora, que é conhecida como jerimum. Fonte: Variações Linguísticas - Mundo Educação. Disponível: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/gramatica/variacoes-linguisticas.htm>. Acesso em: 28-dez-2018.

O estudo de Silva (1997 *apud* FREIRE, 2016), é mencionado aqui porque este trabalhou com nordestinos, especificamente cearenses, o público deste trabalho se assemelha neste aspecto. (CORAZZA, s.d. p. 12). Nesta pesquisa a maioria dentro da amostra é de nordestinos maranhenses, naquela de cearenses. Naquela somente de uma cidade, nesta além de maranhenses nota-se a presença de piauienses, cearenses e pernambucanos. O estudo fala de pessoas das zonas urbana e rural, nesta a grande maioria da zona rural.

Logo, a hipótese é de que em virtude desta variante regional (diatópica, geográfica), a preferência será pela variante [j].

1.4.2.2. Variáveis Linguísticas

As variantes linguísticas são as intrínsecas ao caráter linguístico em si, e por isso são conhecidas igualmente como variáveis estruturais. Podem ser vinculadas com a morfologia, sintaxe, fonologia, fonética e semântica.

Foram abordadas as variáveis: Contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, extensão do vocábulo e tonicidade.

1.4.2.2.1. Contexto Fonológico Precedente

Uma vez que será analisado o uso da lateral palatal /ʎ/ o contexto fonológico precedente será de vogais orais da língua.

QUADRO 02. Contexto Fonológico Precedente

Tipo/altura	Exemplos
Vogal alta posterior [u]	entulho, barulho, tulha
Vogal alta anterior [i]	filho, milho, ilha
Vogal média posterior [o]	olho (subst), molho, repolho
Vogal média anterior [e]	Espelho (subst), aparelho (subst), relho
Vogal média-baixa posterior [ɔ]	olha (verbo), molha (verbo), tolhe (verbo)
Vogal média-baixa anterior [ɛ]	velho, groselha, evangelho
Vogal baixa [a]	canalha, palha, falha

Fonte: (Autoria própria)

Tanto nos trabalhos de Madureira (1987), quanto de Brandão (1996) e de Soares (2002), a vogal baixa [a] é apontada como tendo peso mais favorável à variante [j].

A hipótese é de que prevalecerá a iotização, (variante [j]), logo a vogal supracitada se mostrará bastante produtiva.

1.4.2.2.2. Contexto Fonológico Seguinte

Eis a classificação das vogais presentes no contexto fonológico seguinte:

QUADRO 03. Contexto Fonológico Seguinte

Tipo/altura	Exemplo
Vogal alta posterior [u]	orelhudo, abelhudo, bulhufas
Vogal alta anterior [i]	acolhido, tolhido, velhice
Vogal média posterior [o]	orgulhoso, folhoso, humilhou
Vogal média anterior [e]	ampulheta, alheio, cavalheiro
Vogal média-baixa posterior [ɔ]	melhor, ilhota, filhota
Vogal média-baixa anterior [ɛ]	mulher, colher, talher
Vogal baixa [a]	palhaço, detalhado, entalhar

Fonte: (Autoria própria)

Conforme Freire (2011) a variante [j], (iotização), acontece basicamente quando presente a vogal baixa [a]. Como a hipótese é de que prevalece a iotização, então crê-se que a vogal citada em contexto fonológico seguinte será bastante produtiva.

1.4.2.2.3. Extensão do Vocábulo

Nesta variável levar-se-á em conta a massa fônica do termo e sua influência no comportamento da lateral palatal /ʎ/.

QUADRO 04: Extensão do Vocábulo

Extensão do Vocábulo	Exemplos
Polissílabo	Emparelhado
Trissílabo	Velhice
Dissílabo	Mulher
Monossílabo	Lhe

Fonte: (Autoria própria)

Santos (2012) afirma que a iotização da lateral palatal /ʎ/, que é a realização como [j], também é chamada de vocalização e Ferreira (2011) afirma que a vocalização ocorre mais em vocábulos dissílabos.

A hipótese é que o afirmado por Ferreira será confirmado na presente pesquisa fazendo com que os dissílabos sejam bastante produtivos.

1.4.2.2.4. Tonicidade

Com esta variável procurar-se-á analisar em que posição silábica das três elencadas abaixo ocorre com mais intensidade cada uma das variantes da lateral palatal /ʎ/.

QUADRO 05 - Tonicidade

Tonicidade	Exemplo
Pretônica	Galhardia
Tônica	Ramalhete
Postônica	Espelho

Fonte: (Autoria própria)

Santos (2012), constata que quando a lateral palatal /ʎ/, se encontra em posição de sílaba postônica, esta favorece a realização da variante [j].

A hipótese é que o resultado será semelhante ao de Santos (2012).

Para proceder-se à análise foram levadas a cabo inúmeras visitas às três feiras supramencionadas, bem como aplicados questionários durante todo o período do mestrado.

Quando o levantamento da história das feiras era posto em prática muitos tinham o prazer de relatá-las e se disponibilizavam para uma próxima vez. Houve quem dissesse que era sempre procurado para este fim e para a história da cidade.

Esta disponibilidade e espontaneidade veio a calhar pois era preciso deixar os feirantes à vontade. Vergara (2007) afirma que essas análises são exploratórias, ou seja, visa extrair dos entrevistados seus pensamentos que foram livremente ditos sobre algum tema, objeto ou conceito. Elas fazem emergir aspectos subjetivos e atingem motivações não explícitas, ou mesmo conscientes, de maneira espontânea.

As visitas a campo foram sempre acompanhadas de gravador e caderno de anotações.

Logo que se chegava em casa as anotações eram convertidas em relatórios. Foram tiradas fotos das feiras, das pessoas e produtos ali comercializados e confeccionados mapas.

Os dados linguísticos logo eram tabulados, analisados e armazenados no notebook e mídia externa e passados para o caderno de variações.

Eram analisados o comportamento dos feirantes quanto ao uso da palatal /ʎ/ em suas múltiplas variantes. Este comportamento era confrontado com as variáveis linguísticas e

extralinguísticas, por meio de apreciação qualiquantitativa dos dados conseguidos nos questionários e visitas às feiras a fim de se verificar que implicação iria ter uma a uma das variáveis em relação ao objeto de pesquisa.

1.5. Pesquisa Sociolinguística e do Tipo Etnográfica

Etnografia e Sociolinguística além de teorias que estudam grupos sociais em suas formas de viver e de falar, são metodologias de pesquisa que se complementam. No que diz respeito à pesquisa que se ocupa da variação linguística, Sá (2014, p. 109) afirma que “[...] “Descrever uma língua implica dizer que o estudioso se colocará diante da variação que ela possui quer influenciada por critérios que distinguem o falante socialmente, quer influenciada pela região onde o falante mora ou até mesmo pela cultura que ele detém”.

Para Almeida (2015), as pesquisas sociolinguísticas e etnográficas estudam os falares e as pessoas em seu contexto sociocultural. Enquanto a sociolinguística estuda a língua falada, suas variações e mudanças, a etnografia descreve as pessoas e o local onde tudo isso ocorre.

Nessa perspectiva, a pesquisa se configura como sociolinguística, estudando feirantes e seus falares, tendo como base teórica os estudos de Labov (1972) e Tarallo (2007).

Para Almeida (2015), a pesquisa do tipo etnografia e a pesquisa etnográfica não são a mesma coisa, pois a etnografia tem sua ocorrência e principal característica com a inserção do pesquisador no ambiente pesquisado por um tempo longo, vivendo a vida com aquelas pessoas. Enquanto a pesquisa do tipo etnográfica utiliza procedimentos e técnicas da etnografia, como estudar um determinado grupo social em seu contexto.

Segundo Sá (2014), para se fazer uma pesquisa sociolinguística, é preciso, inicialmente, definir o objeto a ser pesquisado, seja de natureza fonética, léxica ou morfossintática. Em seguida, tendo escolhido a comunidade a ser investigada, passar-se-á à seleção dos participantes da pesquisa para realização desta. Assim se procedeu.

1.6. Variação Linguística e Interdisciplinaridade

Vive-se num mundo globalizado e tudo está interligado. As tomadas de decisões feitas no Japão, por exemplo, ressoam no restante do mundo.

Algo que ocorre na África do Sul é sabido em tempo real no restante do globo. Nesse sentido, não é viável se pensar de forma isolada, logo, o conhecimento disciplinar tem sido amplamente questionado e a interdisciplinaridade tem se tornado um assunto que sempre vem

à baila, seja por especialistas no assunto, seja por leigos que não sabem dizer o que é, mas que insistem em falar sobre, como se tivessem amplo domínio do tema.

O mundo em geral e, maiormente, o acadêmico, requer cada vez mais indivíduos que possam pensar e produzir conhecimentos interdisciplinares. O tema merece ser problematizado.

Como efetuar uma mudança em um mundo que tem como herança tão forte a forma disciplinar de se fazer conhecimento e de transmiti-lo? Como sair dessas “caixinhas”? Como conceber território, territorialidade e variações linguísticas interdisciplinarmente?

O que vem a ser interdisciplinaridade?

Segundo Fazenda (2008), o prefixo *inter*, dentre as diversas conotações que podemos lhe atribuir, tem o significado de “troca”, “reciprocidade” e “disciplina”, de “ensino”, “instrução”, “ciência”.

Logo, a interdisciplinaridade pode ser compreendida como sendo um ato de troca, de reciprocidade entre as disciplinas ou ciências, ou melhor, de áreas do conhecimento.

Olga Pombo (2008, p. 14), afirma que os três termos relacionados à Interdisciplinaridade são: o perspectivismo, a convergência e a combinação.

FIGURA 01. As Nuances da Interdisciplinaridade



Fonte: Pombo (2008, p.14).

O conhecimento especializado, a despeito de ter trazido grandes avanços para a humanidade, se viu também, e ainda se vê, em vias de ser um embaraço ao desenvolvimento do mesmo.

Na luta contra o conhecimento especializado e a busca por uma visão mais holística dos saberes a autora cita uma passagem de Durand, que vai ilustrar justamente esse pensamento. Pombo (2008):

Os sábios criadores do fim do século XIX e dos dez primeiros anos do século XX, esse período áureo da criação científica em que se perfilam nomes como os de Gauss, Lobochevsky, Riman, Poincaré, Becquerel, Curie, Pasteur, Max Planck, Niels Bohr, Einstein, etc., tiveram todos uma larga formação pluridisciplinar, herdeira do velho trivium (as humanidades) e quadrivium (os conhecimentos quantificáveis e, portanto, também a matemática) medievais, prudente e parcimoniosamente organizados pelos colégios dos jesuítas e dos frades oratórios e das pequenas escolas jansenistas [...] (DURAND, 1991 *apud* POMBO, 2008, p. 22.).

Note que para pombo o conhecimento interdisciplinar já houvera sido valorizado há muitos anos atrás e que precisa sê-lo novamente nos dias atuais.

Num outro artigo de Olga Pombo, intitulado Práticas Interdisciplinares, a autora expõe sobre a Interdisciplinaridade afirmando

Talvez o facto mais interessante que caracteriza a interdisciplinaridade enquanto fenómeno, não da sociologia, mas, digamos assim, da ontologia da ciência, é que ela só se deixa pensar no *cruzamento da perspectiva veritativa e da perspectiva sociológica da ciência*. Não se trata agora, nem só da subdivisão contínua dos domínios disciplinares num movimento iniludivelmente orientado em direcção à verdade, nem da expansão quantitativa da comunidade dos investigadores. O crescimento do conhecimento científico resulta, pelo contrário, de *um processo de reordenamento interno das comunidades levado a cabo por um reordenamento das disciplinas*. A *interdisciplinaridade* traduz-se na constante *emergência de novas disciplinas* que não são mais do que *a estabilização institucional e epistemológica de rotinas de cruzamento de disciplinas*. Este fenómeno, não apenas torna mais articulado o conjunto dos diversos “ramos” do saber (depois de os ramos principais se terem constituído, as novas ciências, resultantes da sua subdivisão sucessiva, vêm ocupar espaços vazios), *como o fazem dilatar*, constituindo mesmo *novos espaços de investigação*, surpreendentes *campos de visibilidade*. (POMBO, 2006, p. 210) (grifo nosso).

Este é o novo olhar defendido, a Interdisciplinaridade traduz-se na constante emergência de novas disciplinas. Este fenómeno articula novos ramos do saber e também o fazem dilatar constituindo novos espaços de investigação e visibilidade.

É no processo de reordenamento dentro desta cartografia dos saberes que a autora vai elencar três tipos fundamentais, quais sejam: ciências de fronteiras, interdisciplinas e interciências (POMBO, 2006, p.211).

Dentro destes três citados, o Interciências, possui como um exemplo bastante pregnante, o das chamadas Ciências Cognitivas, que é conhecida também por outro nome: A “Galáxia das Ciências Cognitivas.

[...] é constituída por um conjunto de investigações que têm origem em cinco disciplinas dominantes: a psicologia, a *linguística (fonética, gramática, acústica, pragmática)*, a filosofia (lógica, *filosofia da linguagem*, epistemologia, filosofia do espírito, filosofia moral), a inteligência artificial e as neurociências (neurofisiologia, neuroanatomia, neuroquímica, biologia molecular, citologia) (POMBO, 2006, p. 214) (grifo nosso).

Pombo vai dizer que a despeito da existência destas cinco disciplinas que compõem esta galáxia, o que seria o núcleo rígido, ela se alarga para abarcar novos conhecimentos.

[...] nelas se inclui ainda um conjunto muito mais amplo que, conforme os casos e as exigências dos problemas em estudo podem incluir disciplinas, sub-disciplinas,

especialidades, sub-especialidades e programas de investigação provenientes, quer das ciências da natureza (física, eletromagnetismo, cronometria, mecânica, química), quer da lógica e das ciências matemáticas (geometria, probabilidades, estatística), quer da área das engenharias (informática, cibernética, robótica), quer das ciências humanas (antropologia, sociologia, economia), quer ainda uma pluralidade de especialidades de fronteira como a psicolinguística, a psicofísica, a neurolinguística, a neuropsicologia e a psicologia social (POMBO, 2006, p. 214).

De certa forma a Cognição é a Interdisciplinaridade e como se viu, a Linguística se faz presente de forma bastante forte dentro dela, seja de forma isolada: Linguística (Fonética, Gramática, Acústica, Pragmática). Seja de forma composta: Psicolinguística, Neurolinguística.

Veja-se que acima ainda se fala em Filosofia da Linguagem.

Na prática de se pesquisar as variações linguísticas, a interdisciplinaridade não seria um acordo prévio de uma metodologia, seria a busca de convergência de perspectivas a respeito de um objeto. A delimitação deste objeto já é uma provocação de situação de interdisciplinaridade.

Quer isto dizer que, neste tipo de prática, a interdisciplinaridade passa, não tanto pela concertação prévia de uma metodologia, mas pelo convite à convergência de perspectivas em torno de um determinado objecto de análise. Objecto de análise este cuja delimitação pode ser já, ela mesma, uma forma de provocar a situação de interdisciplinaridade (POMBO, 2006, p. 233.)

A interdisciplinaridade tem como “liga” a linguagem que fará entender melhor as nuances por trás da fala de nossos feirantes.

Almeida (2009), em dissertação intitulada: Fazendo a Feira: Estudo das Artes de Dizer, Nutrir e Fazer Etnomatemático de Feirantes e Fregueses da Feira Livre do Bairro Major Prates em Montes Claros – MG, deixa claro que as feiras livres são fonte de conhecimentos de práticas do trabalho e da pedagogia e se relacionam com saberes e fazeres do cotidiano, notados nas *artes de dizer* (perceptíveis nas jocosidades, desenvoltura e gestos para convencer os clientes), nas *artes de nutrir* (selecionamento de alimentos para serem provados) e nas *artes de fazer* (a exemplo do ato de fazer contas, dar troco, medir, pesar).

O autor aponta que eles renovam tais técnicas, partindo das suas ações sócio-educativo-econômico-culturais e que tudo isso contribui para que pessoas menos estudadas possam compreender mais facilmente o que ocorre por parte do feirante (ALMEIDA, 2009).

As variações linguísticas se encaixam nas *artes de dizer*, vez que é na performance dos feirantes que mais são percebidas

Em virtude da falta de fontes secundárias, e ser preciso criar fontes primárias, entra a questão da oralidade, pois conforme Alessandro Portelli “as fontes orais dão-nos informações sobre o povo iletrado ou grupos sociais, cuja história escrita é falha, distorcida ou inexistente” (PORTELLI, 1997, p. 27).

A pesquisa primou portanto pelo uso da oralidade, dentro da amostragem foram ouvidos pioneiros, dando voz aos que não são ouvidos e tentando sistematizar sua história, trabalho e construção cultural. É uma interface entre história e variações linguísticas. Interface interdisciplinar.

1.7. Contexto da Pesquisa: A Linguagem como Territorialidade Imaterial

A pesquisa realizou-se no contexto da cidade de Araguaína, TO. A concepção de contexto ao qual nos referimos é o de Almeida (2015, p. 51), ou seja, “[...] de um construto social que se manifesta nas configurações subjetivas”. A autora recorre a Halliday e Hasan (1989), argumentando que um constructo social é “[...] qualquer entidade institucionalizada ou artefato cultural num sistema social construído por participantes, numa cultura ou sociedade específicas”.

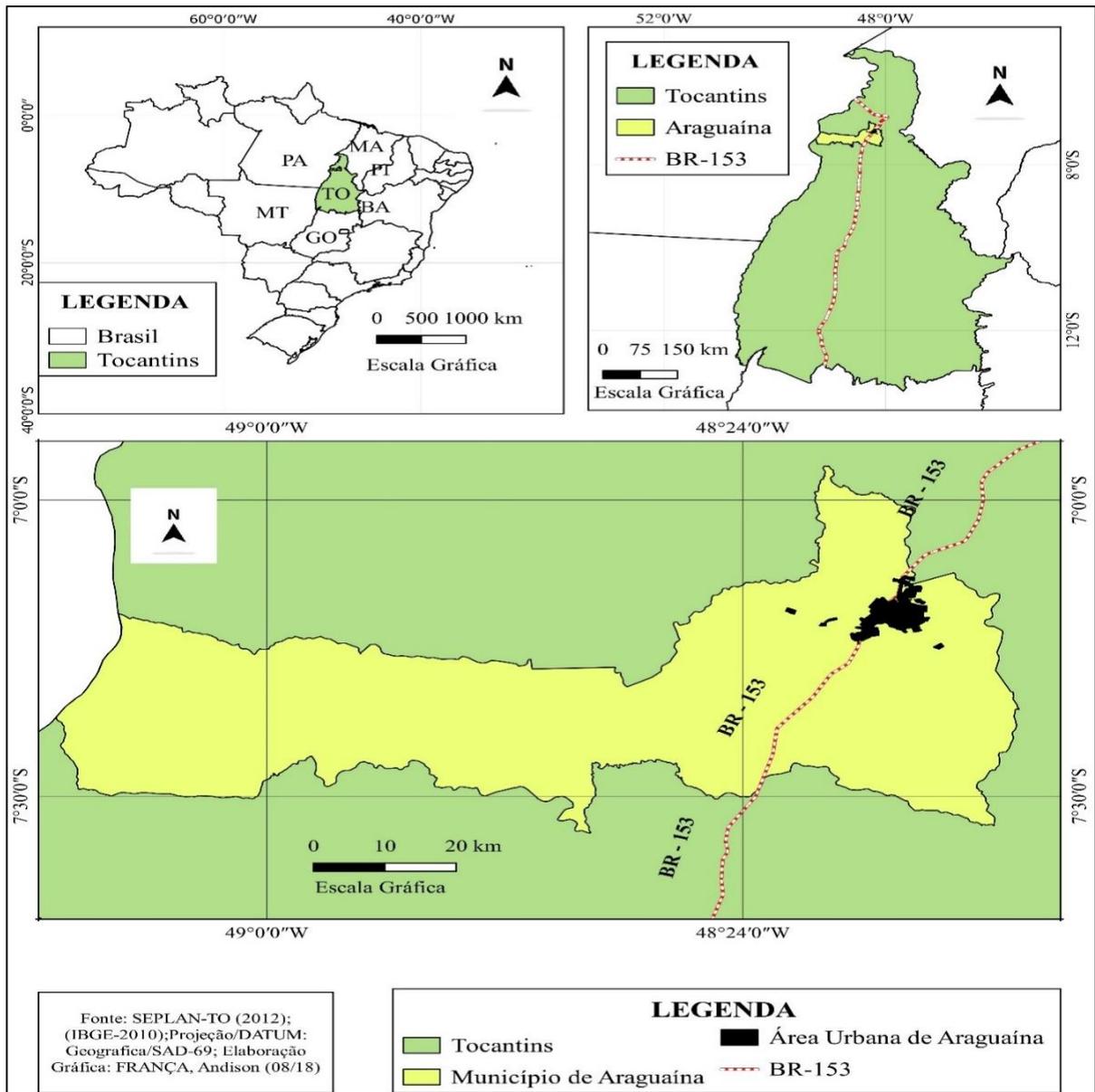
O território e territorialidade de Araguaína, remonta à época que pertencia a Goiás e indo até ao século XIX.

Araguaína está localizada na região Ocidental do Tocantins, no meio dos paralelos 5° e 10°. Fica no extremo norte do Estado, a 7° 11’ e 28” de Latitude, 48° 12’ e 26” de Longitude e com Altitude média de 277 metros. (ARAÚJO, 2000). Araguaína fica distante de Palmas – 393 km, de Goiânia – 1165 km, de Brasília – 1067 km, de Imperatriz (MA) – 257 km e de Marabá (PA) – 312 km. (PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAGUAÍNA, 2015).

O município possui ainda estes limites territoriais: Ao Norte – Santa Fé do Araguaia, Muricilândia, Carmolândia e Aragominas; Ao Sul – Pau D’arco, Arapoema e Nova Olinda; A Leste – Wanderlândia e Babaçulândia; A Oeste – Estado do Pará.

Os primeiros habitantes do território que hoje constitui o município de Araguaína, foram os indígenas do povo Karajá. Essas ricas terras estão compreendidas entre os Rios Lontra e Andorinhas, que são afluentes da margem direita do Rio Araguaia, (ARAÚJO, 2000). O desbravamento do município começou ainda no século XIX, precisamente no ano de 1876. Ainda segundo Araújo (2000), a vinda da família de João Batista da Silva, que eram de Paranaguá, Estado do Piauí para esta região foi de vital importância para o desenvolvimento deste espaço que seria a futura cidade.

FIGURA 02. Mapa de Localização de Araguaína – TO



A família se estabeleceu à margem direita do Rio Lontra cujo local ficou conhecido pelo nome de Livre-nos Deus em virtude do temor que tinham tanto de animais selvagens quanto dos próprios indígenas. Logo o povoado passou a se chamar Lontra (ARAÚJO, 2000).

Araújo (2000) menciona que a princípio, estes primeiros desbravadores se dedicavam à lavoura de subsistência e levavam sua produção para ser vendida no povoado do Coco, atual Babaçulândia.

Logo depois começaram a implantar a cultura do café que chegou a ser predominante. A nova cultura não se mostrou bem sucedida em virtude da grande dificuldade de

escoamento, visto que não havia nenhuma via terrestre para isso apesar de haver estradões de tropa. Tal afirmação é corroborada pelo pensamento de Albuquerque (2006) *apud* Brito e Dias (2012). Segundo esse autor, os pioneiros de Araguaína não conheciam máquinas e nem tão pouco estradas, o que eles conheciam eram pequenos trechos abertos em meio à mata, por onde passavam com animais, e que ligavam às cidades de Babaçulândia e Filadélfia.

FIGURA 03. Aldeia Lontra de 1951



FONTE: Portal O Norte, 2019.

Esta foto publicada no Portal O Norte, informa onde possivelmente tenha se iniciado o Município de Araguaína. Segundo informações do referido portal o lugar era uma Aldeia por nome Lontra.

Araújo (2000), afirma que o povoado pertenceu a vários municípios até conseguir sua emancipação. Primeiramente pertenceu ao município de São Vicente do Araguaia, atual Araguatins, depois ao de Boa Vista do Tocantins, atual Tocantinópolis.

Em 1948, em 08 de outubro, foi criado o município de Filadélfia e o povoado Lontra passou a fazer parte desse município. Ainda em 1949 o nome de Lontra foi alterado para Povoado Araguaína, isso em homenagem ao Rio Araguaia, que no futuro seria a divisa entre Araguaína e Conceição do Araguaia no Estado do Pará (ARAÚJO, 2000).

Araújo (2000) aponta que no ano de 1953, o povoado passou à categoria de distrito com o mesmo nome. Nas lutas pelo desenvolvimento de Araguaína, a Lei Municipal nº 52 de 20 de julho de 1958 deu autorização para o desmembramento do distrito, descrevendo e determinando os seus limites.

Em 14 de novembro de 1958, finalmente, pela Lei Estadual nº 2.125, o Município de Araguaína foi criado, e foi instalado oficialmente em 1º de janeiro de 1959.

Em meados dos anos 60 do século XX, o perímetro urbano era ainda indefinido, o que se tinha em volta era formado por grandes terras, como chácaras ou até fazendas. Mesmo assim já contava com 2000 habitantes, vivendo em aproximadamente uma centena de casas de palha e pouco mais de uma dezena de barracos de telha. Ainda nos anos 70, a cidade ficava nos termos do córrego Canindé, Neblina e Lava-Pés, exceto as ruas ou caminhos que a ligavam a Filadélfia (IBGE, 1960-2000 *apud* SILVA, 2013).

Brito e Dias (2012) informam que só havia mesmo palhoças e barracos de telha e que isso evidenciava a pouca presença de técnicas modernas na construção das casas. E que isso tudo vai mudar justamente quando a técnica e a ciência adentram mais a este território. A cada momento a totalidade existe como uma realidade concreta e está ao mesmo tempo em processo de transformação. A evolução jamais termina. O fato acabado é pura ilusão.

Os artefatos tecnológicos vinham de fora, em sua grande maioria, visto que o território em formação não tinha condição de confeccioná-los e tornar o mesmo independente neste aspecto. Isso não quer dizer que Araguaína é independente atualmente, mas é só para se ter uma noção das dificuldades pelas quais passou o município na sua gênese no que tange ao aspecto da técnica. Esta é a análise de Valverde e Dias (1967, p. 207 *apud* BRITO e DIAS, 2012):

O abastecimento do comércio de Araguaína revela uma concorrência, na qual os mercados do sul exercem certa preponderância. Enquanto de Belém vêm os combustíveis (gasolina, gás engarrafado) e os lubrificantes, bem como sal e telhas. De Anápolis chega o cimento, feijão (roxo), queijo (tipo Minas); o álcool vem de Goiás; tanto aquela cidade como São Paulo fornecem biscoitos; já para o ferro, todo êle proveniente de São Paulo, Anápolis sòmente o redistribui. O mercado paulista é fornecedor único de plásticos, mas compartilha com o Rio de Janeiro na remessa de medicamentos, com Belo Horizonte na de tecidos e com Recife, na de ferragens e perfumarias. O Rio de Janeiro envia com exclusividade ao comércio de Araguaína artigos de papelaria (VALVERDE e DIAS, 1967, p. 207 *apud* BRITO e DIAS, 2012, p. 6).

Valverde e Dias (1967) *apud* Brito e Dias, (2012) analisam que a informação no município em seu início era bastante carente e ainda que esta vai ser a alavanca que torna Araguaína uma das maiores cidades da Região Norte.

Dois grupos escolares e um ginásio da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, com sete professôras nomeadas, são as instituições que zelam pela educação, em Araguaína. Êste modesto resultado é produto do esforço da população do município, que fez doações, mais tarde postas à venda, para possibilitar o

funcionamento do ginásio (VALVERDE e DIAS, 1967, p. 207 *apud* BRITO e DIAS, 2012, p. 7).

Com relação à Cultura, em virtude de Araguaína ser uma cidade que recebeu grandes fluxos migratórios, conseguiu um forte e variado aporte que deve ser divulgado e preservado.

Há registro das mais variadas manifestações artísticas notadamente na área musical. No que se refere ao teatro, aqui há um grupo bastante conhecido: Ciganu's Teatro e Dança que faz apresentações em todo o Estado. (ARAÚJO, 2000). Esse mesmo autor sustenta que em Araguaína há várias festas populares, dentre elas pode-se elencar a Festa do Divino Espírito Santo, Festa dos Santos Reis e Festa dos Santos Padroeiros que acontecem em todos os setores da cidade.

Os símbolos oficiais do município consubstanciam-se em: a Bandeira, o Hino e o Brasão. Os três tiveram origem ainda no mandato de Raimundo Gomes Marinho. A lei municipal de número 115, de 10 de maio de 1970, instituiu a Bandeira e o Hino. A lei é de autoria de Jaques Silva.

A Araguaína de então (anos 1970), a despeito de fazer parte de Goiás, conhecido como um dos celeiros do Brasil, era uma cidade de vida pacata e que não havia conhecido ainda a expansão urbana, comercial e industrial que já se percebia no centro-sul do País (SILVA, 2013).

Nesse sentido, de que a cidade era pacata e precisava de muitas coisas, Castro (2005), citada por Silva (2013, p. 32) afirma:

Como toda cidade que sai de uma situação de dependência política e administrativa de outra, a situação de Araguaína na época, era de total carência. Carência de infraestrutura, de estradas em condições trafegáveis que a ligassem a outros centros, carência, sobretudo, de condições mais apropriadas de desenvolvimento.

A problematização nos leva a entender a situação econômico-social da cidade como pontapé inicial na assimilação da história da mesma, como por exemplo a construção da BR-153 e o desenvolvimento que implicou tal empreendimento.

Araguaína tinha uma avolumada carência em diversas áreas, sejam sociais ou econômicas (SILVA, 2013). De acordo com esse autor, a construção da Belém-Brasília trouxe um fluxo muito grande de pessoas para a região, notadamente para as cidades que ela cortava, bem como o surgimento de outras.

FIGURA 04. Praça das Nações 1965



FONTE: Portal O Norte, 2019.

A foto acima mostra as obras de construção da Praça das Nações. Percebe-se a precariedade e a atitude de relações horizontais de solidariedade na consecução deste bem público.

A concretização de um território tanto tem a ver com algo fixo, quanto com o que é móvel. Ademais,

[...] Um território, antes de ser uma fronteira, é primeiro um conjunto de lugares hierarquizados, conectados a uma rede de itinerários. [...] engloba ao mesmo tempo aquilo que é fixação [enraizamento] e aquilo que é mobilidade, em outras palavras, tanto os itinerários quanto os lugares. [...] tanto tem a ver com algo fixo, quanto com o que é móvel (BONNEMAISON, 1981, pp. 253-54) *apud* (HAESBAERT, 2006, p. 280).

A afirmação acima é confirmada pelo pensamento Silva (2013), ao informar que pelo aspecto quantitativo da população, verificam-se impulsos bastante significativos nas décadas de abertura e pavimentação asfáltica da rodovia.

Brito e Dias (2012), notam que surgiram empresas em redes que usufruíram destas modificações no tempo e no espaço. Ainda hoje se percebe que nas proximidades da rodovia em foco, há um forte movimento de pessoas e um comércio pujante sobretudo representado por concessionárias de caminhões, tratores, automóveis de luxo, empresas do ramo de

transporte de pessoas e de cargas, muitas lojas, oficinas de tratores e caminhões. Logo, a BR em questão ainda influencia tanto no que tange à movimentação de pessoas quanto de capitais.

A rodovia e a vinda de pessoas em massa para esta região fizeram com que a cidade passasse por uma grande transformação urbana determinando, assim, seu crescimento. Esta rodovia fica quase em sua totalidade ao lado do rio Tocantins, e faz ligação do centro ao norte do Brasil. Ela passa pelos estados de Goiás, Maranhão e Pará. Tem 3.569 quilômetros e desses 803 ficam no Tocantins. (SILVA, 2013).

O padre Remigio Corazza, em sua obra, *Primórdios de Araguaína*, revela a sua visão sobre o poder desta Rodovia sobre Araguaína:

[...] vingava a Belém-Brasília, a Transbrasiliana, irresistível com a força de um terremoto, mil máquinas, tratores de esteira de terraplanagem envolvia uma nuvem de fina poeira em Araguaína, a meia estrada entre Norte e Sul, marco importante, ponto de referência e de parada obrigatória da rodovia entre Norte e Sul, entre Leste e Oeste interligando o Goiás ao Pará e demais: Maranhão, Piauí, Ceará e etc. A Belém-Brasília abriu uma nova era trazendo o progresso, transportando riqueza, transformando gente, costumes, ambientes e relações de maneira rápida vendendo progresso inesperado, fora de todas as cogitações. Os Orionitas viam com bons olhos a chegada do avanço, embora muitos perplexos por falta total de meios para acompanhar tamanho despertar e das múltiplas novas exigências preocupavam-se pela transformação da região, pois abalava necessariamente as velhas estruturas religiosas com a enxurrada de valores étnicos e sociais (CORAZZA, s.d. p. 12).

Percebe-se, que na visão do padre, a vinda da BR trouxe novas territorialidades para Araguaína, notadamente ele demonstra um receio no que tange à territorialidade religiosa vez que “velhas estruturas religiosas” seriam abaladas.

O padre ainda cita as “redes” de ligação do território araguainense com outros territórios ligando regiões do país e especificamente Estados. Analisa o uso da tecnologia representado pelas máquinas e a dificuldade de Araguaína lidar com todas estas novidades.

O padre Remigio (s.d.) também fala que Araguaína era vista como uma região do futuro e sonho de diversos imigrantes que para cá vieram.

Araguaína, naquela época era a grande opção, especialmente para os flagelados da seca. Era vista como a região do futuro. Muita chuva, matas, garimpos...Chegavam imigrantes de todos os lados: paraibanos, alagoanos, pernambucanos, principalmente: mineiros, maranhenses e piauienses. Muitos aventureiros. Chegavam famílias inteiras sem recurso, doentes e desnutridos. Nunca faltava a companhia dos cachorros. Vinham em caminhões e tantas vezes eram vítimas de acidentes nas estradas (CORAZZA, s.d. pp. 15-16.).

É possível deduzir da descrição do padre orionita, que Araguaína era uma espécie de “Eldorado”, e a frase latina: *auri sacra fames* (maldita fome de ouro), serviria perfeitamente

como o lema destes imigrantes. Percebe-se, também, que a maioria destes “retirantes” era de nordestinos, o que veio a compor grande parte da população da cidade.

Machado (2006) também reforça a afirmação da forte migração de nordestinos para este município:

Do primeiro povoado organizado da região, o Exu, hoje setor Brasil, ao lado do Riacho jardim, Quero citar as famílias que deram início a uma organização: a família do senhor João Francisco, um nordestino; os Tavares, família piauiense; Totó Tavares, maranhense; os Palmeiras, família piauiense; a família dos Henriques, Dona Abidona Cabral, maranhense; Dona Maria Vitória e família; os pais de Minervina Rodrigues (MACHADO, 2006, p. 12).

Esta multidão de “Fabianos” chegavam com suas “baleias” (cachorros), vinham doentes e sofriam acidentes durante “esta corrida” para o “coração do Brasil”. Para socorrer tais doentes, Araguaína contava com o que foi seu primeiro posto de saúde que era a Casa de Caridade Dom Orione, hoje Hospital Dom Orione (CORAZZA, s.d.). O padre também cita que “nesta cidade um bom hospital passou a ser uma necessidade. A Casa da Caridade, hospedando acidentados, deficientes, velhos, sem-teto, mendigos, etc. era uma verdadeira bênção” (CORAZZA, s/d. p. 16).

O surgimento da rodovia fez com que se abandonasse quase que por completo o transporte fluvial dantes atuante por aqui. No começo foi chamada de BR-014, após 153, também foi conhecida como Rodovia Bernardo Sayão, através de decreto de Juscelino em 1960, e também, Transbrasiliana. Teve sua inauguração em 21 de abril de 1960.

O progresso podia ser visto tanto no aumento do número de habitantes como na presença da pavimentação asfáltica. Todo aquele maquinário era novidade para uma cidade que ainda possuía aspecto de um simples povoado (SILVA, 2013). Tudo o que ocorria aumentava a impressão de que o progresso presente era um grande ganho e que tais vantagens seriam compartilhadas por todos. E portanto todos deveriam contribuir para o avanço e permanência do mesmo. Tal análise é corroborada pelo pensamento de Santos (2005) que comenta que Araguaína, sendo um núcleo urbano que surgiu com a abertura da rodovia Belém-Brasília, teve um crescimento acelerado, onde novas condições foram oportunizadas.

Araújo (2000), relata que a industrialização do município começa nos anos 80 e se torna mais amplo nos anos 1990 com a criação do DAIARA – Distrito Agroindustrial de Araguaína, por meio do Decreto nº 229, de 06 de setembro de 1990.

No que se refere aos fatos relacionados à Educação, é bom frisar que a princípio este era atendido pela Secretaria de Educação de Goiânia, mas de forma bastante esporádica. A Educação aqui teve início em 16 de fevereiro de 1944, quando a professora Josefa Dias da

Silva veio para o Povoado Lontra, veio de Carolina, Maranhão. Era recém-formada em Normal Superior e dava aulas em dois momentos no ano: de março a junho e de agosto a novembro. Nos demais meses, ela ia para o interior dar aulas para filhos de agropecuaristas. (ARAÚJO, 2000).

FIGURA 05. Maternidade Dom Orione



FONTE: Portal O Norte, 2019

A foto mostra o aspecto inicial da Maternidade Dom Orione.

Nas décadas de 1960 e 1970, mais precisamente até 1985, Araguaína cresceu assustadoramente, e veio a ser a quarta cidade do Estado de Goiás de 1980 a 1986, perdia somente para Luziânia, Anápolis e Goiânia.

Com a instalação do Estado do Tocantins em 1989, Araguaína era a maior cidade do Estado e ventilava-se a ideia de a mesma vir a ser a Capital. Isso não se deu por razões de ordem geográfica, social e política, mas Araguaína recebeu a alcunha de Capital Econômica do Estado, sendo assim um de seus maiores polos (PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAGUAÍNA, 2015).

Araújo (2000) enfatiza que Araguaína tem forte potencial para a horticultura, fruticultura, criação de pequenos animais, piscicultura e pecuária leiteira. E sua agricultura tem como base principalmente o arroz, o feijão, o milho, a mandioca, a laranja, o abacaxi, a banana, a melancia e o tomate.

FIGURA 06. Igreja Matriz 1985



FONTE: Portal O Norte, 2019

A foto mostra os transeuntes frente à Igreja Matriz de Araguaína. Aqui a cidade já demonstrava um certo avanço.

Na década de 1960, as empresas aqui existentes eram em sua maioria filiais de empresas embasadas em Goiânia e Anápolis e trabalhavam com alimentos tais como arroz, babaçu, gergelim, amendoim. Dentre tais empresas a mais forte delas era a Companhia Boa Sorte.

A economia do município de Araguaína se baseia principalmente na produção de babaçu e, secundariamente, na do arroz, amendoim e algodão. Nêle existem florestas ricas em mogno, nas terras próximas às margens do Araguaia. Dessas matas extraem-se também peles silvestres, sobretudo de caititu, veado e lontra. A produção de peles é muito maior no “verão” (estação seca), porque, sendo os caçadores, em geral, pequenos lavradores, encontram nessa época do ano maior lazer em suas fainas agrícolas. O comércio local adquire essas peles e vende a intermediários de Anápolis, os quais, por sua vez, as revendem para os grandes mercados do Sudeste (VALVERDE e DIAS, 1967, p. 206 *apud* BRITO e DIAS, 2012, p. 6). (Aspas do texto original).

Semelhante pensamento é mencionado por Machado (2006), ao esclarecer que os Boa Sorte através da indústria da Região Norte: CIMBA - Companhia Industrial e Mercantil da Bacia Amazônica trouxeram grande progresso para Araguaína e produziam óleo de babaçu, sabão, cultivando grãos, e alavancando a pecuária e ofertando muitos empregos.

Machado (2006) salienta que a CIMBA teve também seu lado negativo vez que foi construída na cabeceira do Córrego Canindé, trazendo poluição para aquele que era uma fonte de água cristalina e que servia tanto para se tomar banho como para a lavagem de roupa.

Santos (2008) entende que o espaço e tempo estão em movimentação, e esta pode ser ao mesmo instante com continuidade, descontinuidade e irreversibilidade. Tempo seria uma sequência e espaço seria acumulação, daí se conclui exatamente, acumulação de tempo. Santos e Silveira (2008 apud BRITO e DIAS, 2012), demonstram que é necessário haver uma periodização para se compreender um território, pois este tem seu uso mudado no decorrer da história. Os períodos são espaços temporais no qual há elementos que se inter cruzam e garantem a movimentação do todo. Brito e Dias (2012) corroboram afirmando que:

[...] a atual configuração territorial que Araguaína usufrui é resultado de um tempo histórico, uma acumulação. Dentro deste viés acreditamos poder dividir a formação territorial de Araguaína em três períodos: o primeiro compreendido anterior à construção da rodovia Belém Brasília; o segundo posterior a construção da rodovia; e o terceiro a partir da década de 1990. Essa divisão está respaldada no uso do território. Serão os usos de técnicas específicas e ações políticas igualmente específicas que vão caracterizar cada período desta formação territorial (BRITO e DIAS, 2012, p. 3).

Da citação acima se depreende que os momentos históricos que marcaram a história de Araguaína e que contribuíram para a atual configuração do território foram o anterior e posterior à presença da Belém-Brasília e a partir da década de 1990. Ações políticas e técnicas específicas atuaram juntamente para a configuração atual.

Santos e Silveira (2008) explicam que nenhuma questão pode ser respondida fora da concepção de uma totalidade de estruturas e de uma totalidade de relações. Portanto, especialmente neste período de globalização, não se pode pensar de forma setorializada, é preciso compreender o que acontece no todo para se ter uma noção mais completa do singular. Algo que ocorre no outro lado do planeta é visto em tempo real por todos e afeta as decisões econômicas, sociais e políticas.

Brito e Dias (2012) entendem que a princípio o homem retirava da natureza tudo o que necessitava e prezava a relação com esta deixando-a praticamente sem transformações e tudo isso era em que se balizava o seu existir.

Em fins do século XVIII, tudo isso se alterou pelo surgimento do chamado meio técnico-científico, que aconteceu quando houve a mecanização do território. A fase atual, “[...] se constitui, sobre territórios cada vez mais vastos, o que se chamará de meio técnico-científico, isto é, o momento histórico no qual a construção ou reconstrução do espaço se dará

com um conteúdo de ciência e de técnica” (SANTOS, 2008, pp. 120-21 *apud* BRITO e DIAS, 2012, p. 03). Esses autores assinalam ainda que todas as mudanças porque passa o mundo ultimamente reflete no território, em especial depois da Segunda Grande Guerra em que a mecanização se tornou mais presente. O território, então passa a ter de forma mais constante a tríade: informação, ciência e técnica.

Aumenta [...] neste período [...] exponencialmente, o número de objetos. Nos últimos 30 anos criaram-se sobre a face da Terra mais objetos do que nos 30 mil anos anteriores. O fato de os objetos criados serem dotados de intencionalidade específica, o que não era obrigatoriamente o fato nos períodos históricos anteriores, faz com que o número de fluxos sobre o território se multiplique também. Com objetos muito numerosos e diferentes, temos, então, um aumento do número de fluxos que esses objetos ficam em medida de acolher ou emitir, tanto do ponto de vista qualitativo quanto do ponto de vista quantitativo. O território, por conseguinte, muda de definição (SANTOS, 2008, p. 122 *apud* BRITO e DIAS, 2012, p. 4).

O território araguainense se alterou de configuração em consonância com as mudanças a nível mundial, que por sua vez influenciaram as mudanças brasileiras e da região. Tudo isso se deu porque o território tem características de unidade e multiplicidade.

A construção da Belém-Brasília pode ser um exemplo desta afirmação na medida que ela ocorreu no período do avanço da indústria de automóveis americana que influenciou o governo do Brasil a implementar rodovias com o fim de fazer a chamada integração nacional.

Hodiernamente os territórios tem uma enorme carga informacional e cada vez mais as pessoas estão cientes do que ocorre no mundo e em volta de si mesmos. Vivemos o tempo real e nesta época os objetos reinam, e carregam informação em si mesmos. (BRITO e DIAS, 2012):

O mundo de hoje é o cenário do chamado “tempo real”, porque a informação se pode transmitir instantaneamente. Desse modo, as ações se concretizam não apenas no lugar escolhido, mas também na hora adequada, conferindo maior eficácia, maior produtividade e maior rentabilidade aos propósitos daqueles que as controlam (SANTOS e SILVEIRA, 2008, p. 98 *apud* BRITO e DIAS, 2012, p. 4).

Santos e Silveira (2008) defendem que há espaços rápidos e lentos neste contexto globalizado.

Em princípio, os espaços da rapidez são, do ponto de vista material, os dotados de maior número de vias (e de vias com boa qualidade), de mais veículos privados (e de veículos mais modernos e velozes), de mais transportes públicos [...]. Do ponto de vista social, os espaços da rapidez serão aqueles onde é maior a vida de relações, fruto da sua atividade econômica ou sociocultural (SANTOS e SILVEIRA, 2008, p. 263 *apud* BRITO e DIAS, 2012, p. 4).

Santos e Silveira (2008 *apud* BRITO e DIAS, 2012) também consideram que há os espaços de mandar e de obedecer. Ainda dizem que neste mundo globalizado, nos espaços de

mandar, há os sujeitos hegemônicos, que com o fim de auferir lucros cada vez maiores, atuam em imensos territórios e múltiplos territórios.

No período anterior à Construção da BR 153, o município possuía uma atuação de territorialidades ligada não à mais-valia, mas à de subsistência, e a técnica era precária, visto que o que tinha, era o que Santos e Silveira (*apud* DIAS, 2012) entendem como prolongamento do corpo.

No período posterior à construção da BR, os territórios e territorialidades passaram a ter novos usos. “Quando quisermos definir qualquer pedaço de território, deveremos levar em conta a interdependência e a inseparabilidade entre a materialidade, que inclui a natureza, e o seu uso, que inclui a ação humana, isto é, o trabalho e a política” (SANTOS e SILVEIRA, 2008, p. 247 *apud* BRITO e DIAS, 2012, p. 7).

As relações de poder que eram, por assim dizer, de forma mais horizontal que vertical em virtude da pouca presença do capital e talvez da pouca carga de conhecimento técnico, científico e informacional começa a ganhar novos rumos (SANTOS e SILVEIRA, 2008, p. 274).

Dessa maneira, defrontamo-nos com o território vivo, vivendo. Nele, devemos considerar os fixos, isto é, o que é imóvel, e os fluxos, isto é, o que é móvel. Os fixos são, geralmente, constituintes da ordem pública ou social, enquanto os fluxos são formados por elementos públicos e privados, em proporções que variam segundo os países, na medida em que estes são mais ou menos abertos às teses privatistas (SANTOS e SILVEIRA, 2008, p. 247 *apud* BRITO e DIAS, 2012, p. 274).

Frisa-se que o conhecimento técnico-científico-informacional e de normas passam a atuar neste território na/da cidade de Araguaína. Deixou-se de usar os meios de transporte que dantes era feito quase que totalmente por água em virtude de não haver condições para que fossem implementados outros meios. Isso fazia com que se levasse meses para se chegar a outras cidades do Estado. Fazia-se, também, uso de rede de estradões de tropas, mas isso também tornava lento a ligação entre este território e outros. Mas com a presença da BR e a presença mais marcante de carros trouxe uma carga de modernidade e será o principal meio doravante (BRITO e DIAS, 2012).

Nesse momento histórico, as relações que eram basicamente de solidariedade, religiosidade, horizontalidade, passa a ter um sentido mais vertical pela forte presença do capital e do fluxo. Obviamente é um processo paulatino pois são relações de poder que se tecem de outras formas transformando este espaço em território. O poder está presente em inúmeros pontos e em meio a relações de desigualdade e mobilidade.

Com Araguaína não seria diferente (FOUCAULT, 1979).

[...] um sistema geral de dominação exercida por um elemento ou um grupo sobre outro, e cujos efeitos, por derivações sucessivas, atravessam o corpo social inteiro. [...] O poder não é algo que se adquira, arrebate ou compartilhe, algo que se guarde ou deixe escapar; o poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis (FOUCAULT, 1979, pp. 88-90).

A todo poder, corresponde um contra poder. Em menor ou maior grau sempre haverá conflito e isso é territorialidade. Toda essa carga de mudança trouxe um forte fluxo migratório para esta região, mudando toda a dinâmica territorial e novas territorialidades passaram a atuar.

A própria construção da BR trouxe muitos migrantes, pessoas que vieram trabalhar na mesma. Tudo isso demandou uma maior presença de produtos exigindo mais conhecimentos, informações, técnicas e normas para tal oferta em especial no sentido comercial da coisa. O território ganha assim uma maior fluidez em virtude dessa gama de circulação de mercadorias e pessoas. Tais produtos vieram a princípio dos grandes centros brasileiros (BRITO e DIAS, 2012).

Na análise de Araújo (2000), a migração em Araguaína se deu principalmente de Estados do Maranhão, Piauí e Ceará. O Estado começa a atuar mais na malha viária tornando a infraestrutura mais de acordo com toda esta movimentação. Também o território começou a se tornar mais denso, “O território mostra diferenças de densidade quanto às coisas, aos objetos, aos homens, ao movimento das coisas, dos homens, das informações, do dinheiro e também quanto às ações” (SANTOS e SILVEIRA, 2008, p. 260 *apud* BRITO e DIAS, 2012, p. 8).

Naquela época, em virtude de todos estes novos atos voltados ao território e às territorialidades, Araguaína ganhou com a presença destes novos conhecimentos trazidos pelos imigrantes, em especial quanto à questão da mecanização, e se torna, assim, num novo centro econômico que influencia não somente as cidades circunvizinhas, mas regionalmente, o Estado do Tocantins.

Brito e Dias (2012) ainda asseveram que tudo isso mudou a dinâmica do uso do território e influenciou as territorialidades, vez que a população passou a consumir novos produtos vindos da implementação desse novo capital e reconhecem que isso não foi de uma forma imediata.

A partir dos anos 90, quatro variáveis atuaram no território de Araguaína: informação; novos consumos; financeirização e capital global. É a presença deles que explica o progresso de certos sujeitos sociais e a retirada de outros deste novo páreo que se iniciava.

No que tange à informação foi e é a implantação da universidade que fez e faz toda a diferença. Cabe ressaltar que o conhecimento científico agora é produzido na cidade e por ela utilizado. Ele é um forte instrumento na consecução do território no mundo pós-moderno e qualquer território que não se curve à ciência e à informação estará destinado à precariedade (BRITO e DIAS, 2012).

A cidade começa a oferecer o consumo de conhecimento, isso se faz presente no surgimento de papelarias, livrarias, locadoras, jornais locais, sejam escritos ou *online*. É forte também a presença de computadores e cursos de informática e cursinhos e preparatórios para concursos e para o ENEM. Santos e Silveira (2008, p. 229) vão ao encontro desta mesma análise:

A maior novidade do recente período é talvez a expansão e a diversificação dos consumos imateriais. Educação, saúde, viagens, manifestações artísticas, congressos, feiras e todo um leque de formas de turismos vêm impor novos ritmos e novos padrões à sociedade brasileira contemporânea (SANTOS e SILVEIRA, 2008, p. 229).

Esta nova conjuntura territorial, que chamaremos de técnico-científico-informacional se ajusta ao nivelamento do território brasileiro e não somente local. (SANTOS e SILVEIRA, 2008, p.52-3):

A união entre ciência e técnica que, a partir dos anos 70, havia transformado o território brasileiro revigora-se com os novos e portentosos recursos da informação, a partir do período da globalização e sob a égide do mercado. E o mercado, graças exatamente à ciência, à técnica e à informação, torna-se um mercado global. O território ganha novos conteúdos e impõe novos comportamentos, graças às enormes possibilidades da produção e, sobretudo, da circulação dos insumos, dos produtos, do dinheiro, das idéias e informações, das ordens e dos homens (SANTOS e SILVEIRA, 2008, pp. 52-53).

Nessa época surgem também outros tipos de consumo como por exemplo a presença de restaurantes, pizzarias, lanchonetes, clubes de festas, shows de grandes cantores, cinema, motéis, parques de diversões, diferentes tipos de sorveterias e outros. (BRITO e DIAS, 2012). Esses autores assinalam ainda que a partir dos anos 90 houve uma grande financeirização do território vez que a rede bancária aqui se instalou o que fez com que houvesse financiamento, empréstimos e outros serviços não somente para o público local mas para atenderem as cidades circunvizinhas.

Novos instrumentos são incorporados ao território na forma de depósitos e de créditos ao consumo. A sociedade, assim, é chamada a consumir produtos financeiros, como poupanças de diversas espécies e mercadorias adquiridas com dinheiro antecipado. Com isso o sistema financeiro ganha duas vezes, pois dispõe de um dinheiro social nos bancos e lucra emprestando, como próprio, esse dinheiro social para o consumo. Eis um dos caminhos da financeirização da sociedade e do

território. É um movimento de concentração e dispersão (SANTOS e SILVEIRA, 2008, p. 195).

Toda esta transformação por que tem passado o território araguainense é justamente a presença “densa” da era clivada na técnica, ciência e informação. O que se vê é que para a elite, consubstanciada especialmente por médicos, grandes criadores de gado, donos de comércios, tem feito uso deste território informacional e até mundial, que são as pessoas que fazem parte do circuito superior da economia, diferentemente, há os que não podem usufruir da mesma maneira e para estes as dificuldades financeiras só crescem e só lhes resta um território muito limitado.

Milton Santos (1979) em sua Teoria dos Dois Circuitos da Economia Urbana, confirma que este tipo de consumismo faz parte do Circuito Superior da Economia.

O circuito inferior compreende as atividades de fabricação tradicionais, como o artesanato, assim com os transportes tradicionais a prestação de serviços e o circuito superior é constituído pelas atividades comerciais, indústrias e pelos sérvios modernos, pelos bancos, pelo comércio atacadista e pelas atividades ligadas ao transporte (SANTOS, 1979, pp. 17-18 e 31 e 67).

No que se refere à formação administrativa de Araguaína, convém elencar os seguintes momentos:

Em 15-12-1963, pela Lei Municipal n.º 54, é criado o distrito de Araguañã e anexado ao município de Araguaína; em Lei Municipal n.º 55, de 15-12-1963, foi criado o distrito de Muricilândia e anexado ao município de Araguaína, em divisão territorial ocorrida em 31-XII-1963, o município era constituído de 3 distritos: Araguaína, Araguañã e Muricilândia, desta forma continuando em divisão territorial de 1-VII-1983 e em divisão territorial datada de 1-VII-1983; a Lei Estadual n.º 10.510, de 11-05-1988, criou o distrito de Aragominas o mesmo sendo anexado ao município de Araguaína, em divisão territorial datada de 1988 o município é constituído de 4 distritos: Araguaína, Aragominas, Araguañã e Muricilândia; pela Lei Estadual n.º 251, de 20-02-1991, alterada pela Lei Estadual n.º 498, de 21-12-1992, são desmembrados do município de Araguaína os distritos de Aragominas, Araguañã e Muricilândia, elevados à categoria de município e finalmente em divisão territorial datada de 2003 o município é constituído do distrito sede. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2014 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2015).

A extensão do município é de 4000,416 km². A população estimada para 2018 era de 177.517 habitantes. É a segunda cidade em população no Estado. O PIB per capita do município atingiu a marca de R\$ 21.981,28. Sendo o 23º PIB no Estado. (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE, 2018).

No que tange ao Índice de Desenvolvimento Humano – IDH, com dados do registro da Série Histórica do INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE, os anos de 1991, 2000 e 2010, percebemos o município em uma curva ascendente: 0,451;

0,58 e 0,752 respectivamente. No ano de 2016, a média mensal dos trabalhadores formais era de 2.1 salários mínimos. A quantidade da população trabalhando se comparada ao seu total era de 18,2%, e atingiu o ranking de 8 dos outros 139 municípios. No comparativo com outras cidades do Brasil, 1368 de 5570. (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE, 2016, 2018).

No que tange aos domicílios com rendas mensais de até meio salário-mínimo per capita possuía a 34.4% da população dentro desta média, e ocupava a 136 de 139 dentre a demais cidades do Tocantins, e 3698 de 5570 a nível de Brasil. (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE, 2016, 2018).

Já no que se refere ao número de empresas atuantes em Araguaína em 2016, conforme dados do IBGE, eram 3610. Sendo este o segundo município no Estado. O pessoal ocupado era 31.554 e o pessoal ocupado assalariado era de 27.759. (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE, 2018).

No ano de 2015, os educandos das séries iniciais da rede pública de Araguaína obtiveram nota média de 5.5 no IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica. Já os dos anos finais conseguiram 3.7. No comparativo com outros municípios, os das séries iniciais, Araguaína ficou em 10º lugar.

Já se se levasse em conta os das séries finais, ficou em 72º lugar. A taxa de escolaridade na idade de 6 a 14 anos era de 97.5 em 2010. O município ficava na situação de 64 com relação aos 139 do Estado. E com relação ao País, 2.904 de 5570 cidades. (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE, 2010, 2015).

Conforme fonte do IBGE, Censo de 2010, o município possui 15.8% de residências com esgoto sanitário apropriado, 76.9% de lares urbanos com vias públicas arborizadas e 5.9% das casas com urbanização satisfatória (contendo bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio). (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE, 2010, 2015).

Abaixo alguns dados geográficos do município, conforme Site Oficial da Prefeitura Municipal:

No referente ao relevo apresenta muita variação. Maior parte do seu território está localizado na Bacia Hidrográfica do Rio Araguaia, com destaque para o Rio Lontra. A vegetação é composta de 60% de matas (Floresta Amazônica), 20% de floresta de transição havendo bastante babaçu e, os demais 20% são de cerrados ou chapadas e também matas ciliares e encostas. Área: 3.920,01 km². Altitude: 277 metros. Localização: Região norte do Estado do Tocantins (7° 11'28" de latitude, 48°12' e 26" de Longitude). Relevo: Planalto, e apresenta enormes elevações. A altitude média dos morros é de 100 a 300 metros. Clima: Tropical Úmido. Temperaturas médias: Máxima – 32° / Mínima – 20°. Pluviometria: a Estação das chuvas vai de novembro a maio e cessa de junho a outubro. Precipitação por ano fica acima de

1.700 milímetros. Vegetação: Mista, havendo cerrado, matas ciliares e matas tropicais (PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAGUAÍNA, 2015, s/p.).

Ainda sobre a vegetação cabe ressaltar que as matas tropicais influenciam em muito a economia araguanense visto que há muitas espécies vegetais a exemplo do coco babaçu, o pequi e o buriti.

A riqueza do babaçu está no fato de ter bastante celulose e óleo e serve para fabricar gordura, sabão e sabonetes. A casca é usada como combustível e a palha para fazer redes, cordas e servir de telhado. Já o pequi é muito usado na culinária local e bastante presente até mesmo no perímetro urbano da cidade até os dias atuais (ARAÚJO, 2000).

Araguaína é uma forte produtora comercial e a exemplo podemos citar duas maiores atrações do Município: a Exposição Agropecuária que se dá no mês de junho e é a maior do Estado e nela se congregam não somente os produtores locais, mas os nacionais, e a FENIAGRO – Feira de Negócios, Indústrias e Agroindústrias que destaca a capacidade industrial e comercial do Município. A primeira é levada a efeito pelo Sindicato Rural de Araguaína e a segunda pela Federação das Indústrias (FIETO), Associação Comercial e Industrial de Araguaína (ACIARA) e o Sindicato Rural (ARAÚJO, 2000).

Araguaína é também um polo para as Regiões Norte/Nordeste.

Devido a sua posição geográfica, Araguaína é o principal elo entre o Norte/Nordeste brasileiro e, por isso, assumiu a condição de polo regional e centro distribuidor, principalmente na área de comércio e prestação de serviços [...] o destaque é para o comércio varejista de bens de consumo, isto é, produtos alimentares, vestuário, calçados e produtos hortigranjeiros (ARAÚJO, 2000, p. 63).

Araguaína tem sido este polo comercial ligando as regiões Norte/Nordeste e que cresce a cada dia mais notadamente no que tange ao setor de serviços.

As feiras de Araguaína também representam a economia, mas em seu aspecto de uma sociedade com mercado e não de mercado, bem como cultural, a exemplo das Variações Linguísticas.

No que tange ao território da feira convém pensar no conceito de Haesbaert (2007), pois este afirma que território está atrelado a poder, não somente no âmbito da tradição que seria o poder relacionado à política. Ele se atrela tanto ao poder de forma clara, pensando-se no ato de dominar, quanto ao poder de forma mais tácita ou simbólica, do ato de se apropriar.

Os feirantes já possuem sua territorialidade, e isto está claro tanto para a feira fixa, a do Galpão construído pelo Poder Público, quanto para as feira móveis que ocorrem semanalmente. Este poderia ser o “poder político” dos feirantes, no sentido explícito, de dominação. Já no que tange ao implícito, simbólico, este pode ser representado pelo “fazer da

feira”, pelo que ela representa para a comunidade e até por suas variações linguísticas. Haesbaert cita características do Território de Dominância Funcional e do Território de Dominância Simbólica:

QUADRO 06. Território de Dominância Funcional e de Dominância Simbólica

Território de Dominância “Funcional”	Território de Dominância “Simbólica”
Processos de Dominação “Territórios das desigualdades	Processo de Apropriação “Territórios da diferença”
Território “sem territorialidade” (Empiricamente impossível)	Territorialidade “sem território” (Ex.: “Terra prometida” dos judeus
Princípio da exclusividade (No seu extremo: unifuncionalidade)	Princípio de multiplicidade (?) (No seu extremo: múltiplas identidades)
Território como recurso, valor de troca (Controle físico, produção)	Território como símbolo, valor simbólico (“abrigo”, “lar”, segurança afetiva).

Fonte: Haesbaert (2007, p. 23).

A despeito dessa caracterização, Haesbaert (2007, p. 23) conclui: Portanto, todo território é, ao mesmo tempo e obrigatoriamente, em diferentes combinações, funcional e simbólico, pois as relações de poder têm no espaço um componente indissociável tanto na realização de "funções" quanto na produção de "significados". Note-se, que para Haesbaert, território sem territorialidade é empiricamente impossível, (HAESBAERT, 2007, p. 24). Já o contrário (territorialidade sem território) ele defende que é possível, como se depreende do gráfico acima. E complementando ele também afirma que:

A territorialidade, no nosso ponto de vista, não é apenas "algo abstrato", num sentido que muitas vezes se reduz ao caráter de abstração analítica, epistemológica. Ela é também uma dimensão imaterial, no sentido ontológico de que, enquanto "imagem" ou símbolo de um território, existe e pode inserir-se eficazmente como uma estratégia político-cultural, mesmo que o território ao qual se refira não esteja concretamente manifestado - como no conhecido exemplo da "Terra Prometida" dos judeus, territorialidade que os acompanhou e impulsionou através dos tempos, ainda que não houvesse, concretamente, uma construção territorial correspondente (HAESBAERT, 2007, p. 25).

Assim sendo, o território da feira apresenta estas duas facetas: território no sentido de dominação, pois ali estão semanalmente embora temporário, como também, “simbólico”, pois ali é a feira, ali ocorre o a troca de saberes e de experiências. Sem dúvida aqui no território simbólico estão encaixadas as variações linguísticas que se manifestam na linguagem dos feirantes. Logo tais variações instrumentalizam suas territorialidades e seu território.

Haesbaert afirma ainda, que a sua definição de território difere da de outras disciplinas no que tange ao fato de ele não caracterizar, nunca, território somente pela dimensão

simbólica – ao contrário da territorialidade, ele [território] sempre tem a ver com uma dimensão material-concreta. (HAESBAERT, 2007, p. 27).

Sack (1986) explica que territorialidade, possui uma dimensão mais especificamente política, afirma que tem a ver com interações econômicas e culturais, e é atrelada à maneira como as pessoas fazem uso da terra, de que forma se organizam no espaço e de que jeito atribuem significação ao lugar. Ele também enuncia que “A territorialidade, como um componente do poder, não é apenas um meio para criar e manter a ordem, mas é uma estratégia para criar e manter grande parte do contexto geográfico através do qual nós experimentamos o mundo e o dotamos de significado” (SACK, 1986. p. 219). Novamente se vê aqui o valor das variações linguísticas, visualizado pelo aspecto das “interações culturais” que são aquinhoados na feira dotando-a de significado.

Então a territorialidade, em comparação com o território, estaria mais intimamente ligada a questões de ordem política no dizer sackiano. É sabido que o espaço urbano é produzido por diferentes grupos sociais e que o mesmo é visto como um espaço de possibilidades corroborando com o pensamento de Saquet (2007, p. 27) que afirma que:

[...] se o território é um compartimento do espaço como fruto de sua organização, ele tem duas funções principais: a) servir de abrigo, como forma de segurança e, b) servir como um trampolim para oportunidades. Segurança e oportunidade requerem uma organização interna do território bem como relações externas, de poder e dominação. Assim, o território assume distintos significados para diferentes sociedades e/ou grupos sociais dominantes (SAQUET 2007, p. 27).

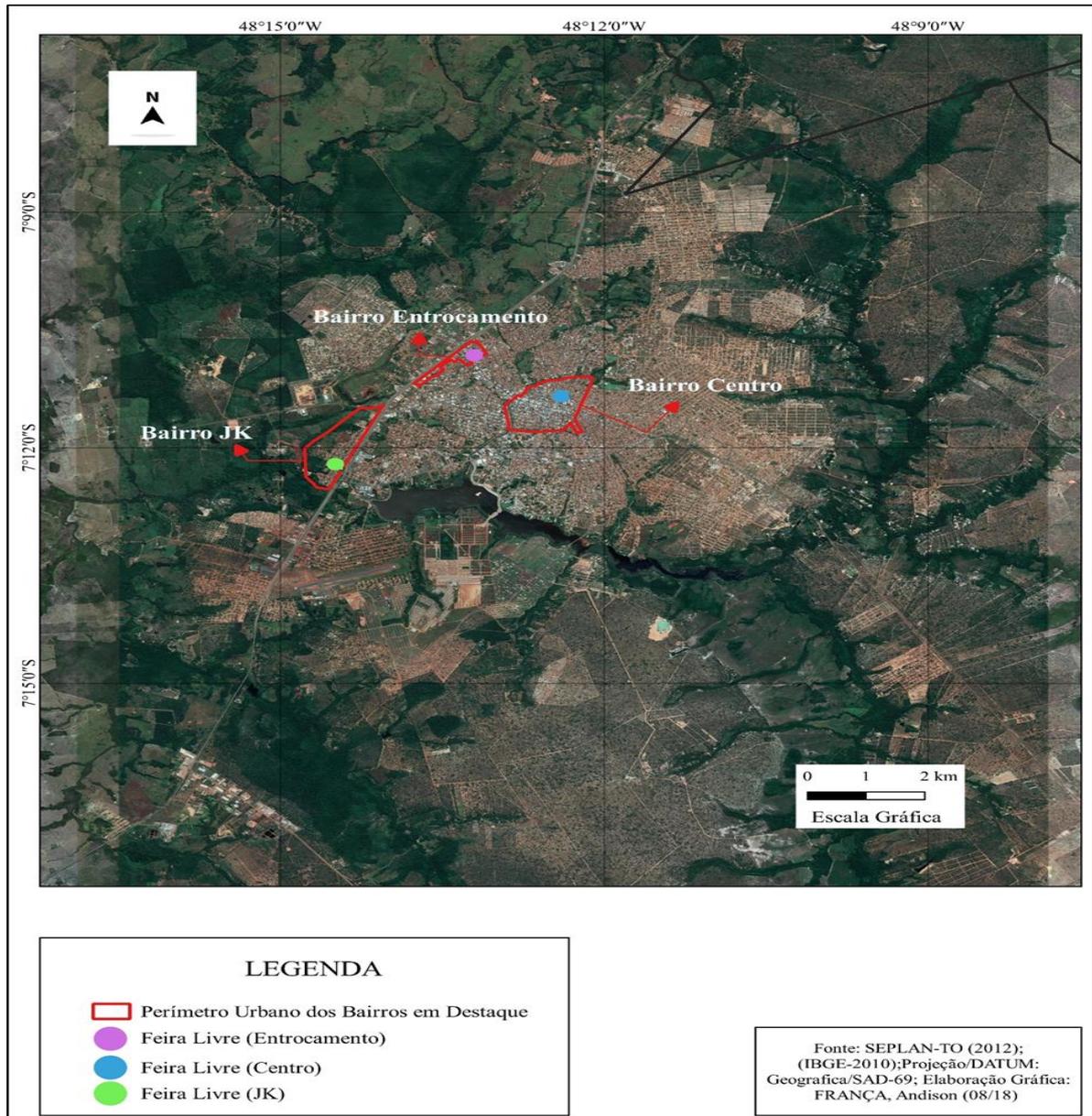
Os feirantes também se encaixam nesta afirmação pois o território da feira lhes é de valor tanto como abrigo como de trampolim para oportunidade. Necessitam deste território tanto para ter segurança quanto para ganhar seu pão de cada dia. Das três feiras pesquisadas, a do Mercado Municipal e a do JK ficam contíguas a grandes supermercados, aquela à Rede Campelo e esta ao Superbox JK. Já a do Entroncamento fica praticamente na mesma Rua do Campelo, afora os pequenos comércios que circundam cada uma delas.

Santos (1979, p. 33) afirma que no “circuito inferior, a tecnologia é o trabalho intensivo e frequentemente local ou localmente adaptada ou recriada”. Ou seja, é na luta pela sobrevivência desse circuito inferior, que o feirante tem como arma o trabalho, muito trabalho e sua capacidade de se adaptar ou de se recriar, passar por uma metamorfose.

As feiras têm tentado se metamorfosear, isso é percebido quando alguns feirantes compram de fornecedores, ao invés de produzir, usam máquinas de moagem de café na frente do freguês, trazem produtos exóticos, como por exemplo, pinga de babaçu, aceitam cartão de

crédito, permitem que o freguês escolha o tipo de medida, desde o litro, “o prato”, o meio litro e a contagem das frutas.

FIGURA 07. Localização das Feiras Área Urbana de Araguaína - TO



Fonte: Autoria própria.

Infelizmente, nem todas as feiras de Araguaína têm conseguido essa transformação e, segundo informações da feira do JK, esta está ficando cada vez menor.

Os feirantes mais antigos dão conta de que já foi muito movimentada e dava muito mais renda, porém o surgimento de um grande supermercado tangenciando a feira fez com que ela diminuísse.

A cidade abriga três feiras principais: a Feira do Mercado Municipal que possui parte coberta, fixa e outra “móvel” que ocorre aos sábados, mas que inicia na já na sexta-feira.

A Feira do Mercado Municipal tem a peculiaridade de possuir uma parte permanente (o Mercado Propriamente dito) e a parte móvel da feira, que ocorre principalmente aos sábados. É dito desta maneira, principalmente no que tange à parte móvel porque na verdade inicia-se às sextas-feiras já pela manhã com a montagem das barracas e a organização dos produtos para serem vendidos.

Esta feira teria surgido nos anos 1960, mais aproximadamente em 1968.

A senhora Maria Gilda Silva, advinda do Estado do Piauí vindo primeiramente para Filadélfia e depois para Araguaína, tendo chegado a Araguaína no ano de 1959, esta feira primeiramente funcionava nas imediações da Praça das Bandeiras, debaixo de um pé de Arapiraca, entre as ruas Primeiro de Janeiro e a Avenida Cônego João Lima.

Em momento posterior esta foi transferida para onde hoje fica o Colégio Estadual Guilherme Dourado, na Avenida Adevaldo de Moraes, Setor Central e finalmente para a atual localização, na Rua 15 de Novembro, Setor Central. (73 anos, piauiense, pioneira da Feira. SILVA, 2018)

Segundo ela, a parte permanente desta feira passou a abrigar-se neste local no mandato de Joaquim de Lima Quinta.

Ela acrescenta que esta feira já foi grande, havia diminuído e agora cresce de novo. Pensa que o bom de comprar na feira é porque os produtos são frescos. Acrescenta que não há associação de feirantes e que seria uma boa ideia ter. (73 anos, piauiense, pioneira da Feira. SILVA, 2018)

A anciã menciona o desenvolvimento da feira. Segundo ela, esta já foi maior, diminuiu e agora cresce de novo. Elenca o motivo pelo qual é bom aqui se comprar e usa como argumento o fato de serem produtos fresquinhos, “da hora”. Opina que não há associação de feirantes mas que seria muito bom porque os representaria defendendo seus interesses.

“... lá no começo, pra ser feirante, era só botar as coisa no lugá e vendê e só se pagava uma taxinha. Hoje tá teno uma revolução pois trocero nós de lugá. No começo fui contra, mais agora to vendo que foi mió assim porque ficô mais organizado” (73 anos, piauiense, pioneira da Feira. SILVA, 2018).

Percebe-se que a feirante menciona como era informal a maneira de se trabalhar antigamente em contraste com o excesso de regularização atual. Menciona que a realocação, a

princípio não foi bem vista por ela, mas que agora ela vê com bons olhos pois a organização contribui para o bom funcionamento.

“... Eu tenho 73 anos, 43 só de feira. Meus produto é produzido num povoado a uns 18 quilômetros daqui. A feira é um lugá não só de trabaio, mais de diversão” (73 anos, piauiense, pioneira da Feira. SILVA, 2018)

É perceptível o quanto os feirantes são aferrados ao seu trabalho. Esta pessoa de quase 80 anos, (73 anos), já tem 43 anos só de feira e vem de um povoado que dista 18 quilômetros do centro da cidade e se mantém firme e forte e ainda considera que aqui não é só trabalho, senão divertimento também. (73 anos, piauiense, pioneira da Feira. SILVA, 2018)

O senhor José Carlos Ferreira, pioneiro desta feira há 36 anos, chegou aqui em 1981, mas seus parentes já estavam por aqui, e quando de sua chegada Araguaína tinha muito poucas casas e era apenas capoeira, morada de animais selvagens, e quinta de criação de gado. (62 anos, maranhense, pioneiro da feira. FERREIRA, 2018).

Ainda segundo seu José, para ser feirante é necessário ter dom, estar disposto a mexer com gente pois o atendimento é tudo. Ele e sua esposa vivem numa chácara nas proximidades de Araguaína. (62 anos, maranhense, pioneiro da feira. FERREIRA, 2018).

Seu José é da opinião de que a prefeitura não tem ajudado muito. Opina que a feira diminuiu com o surgimento das redes de supermercado, no caso em questão o Campelo. Ele comenta que o governador da época em que ele começou a ser feirante era o senhor Henrique Santilo. (62 anos, maranhense, pioneiro da feira. FERREIRA, 2018).

De acordo com a senhora Maria Francisca Santos, de 59 anos, pioneira com 30 anos de feira, quem construiu o Mercado Municipal foi o Prefeito Joaquim de Lima Quinta.

Acresce que a princípio eram somente barraquinhas, que havia muita lama pois chovia muito naqueles anos e o ambiente era bastante insalubre. Eles foram alocados onde hoje fica o Colégio Estadual Guilherme Dourado, reconstruiu o Mercado e eles para lá voltaram. (Entre 59 anos, maranhense, pioneira da feira. SANTOS, 2018).

Segundo ela, João de Sousa apoiava e dizia que todos tinham direito de ter seu ganha-pão. (59 anos, maranhense, pioneira da feira. SANTOS, 2018).

A lei municipal 2946 de 29 de junho de 2015, publicada no DOM - Diário Oficial do Município, sob o nº 867, ano IV, institui a Feira Livre do Mercado Municipal como Patrimônio Cultural de Araguaína (CÂMARA MUNICIPAL, 2015).

A referida lei ainda descreve o tipo de mercadoria comercializada pelos feirantes dali, tais como de origem animal, vegetal, produtos processados e semiprocessados, e descreve que

esta ocorre preferencialmente aos sábados, no entorno do Mercado Municipal com acesso pelas ruas 15 de Novembro e Rua 7 de Setembro. A norma municipal ainda assevera que a municipalidade, sempre que possível, divulgará esta feira. A lei foi sancionada pelo prefeito Ronaldo Dimas Nogueira Pereira. (CÂMARA MUNICIPAL, 2015). Observe-se que, a despeito de o poder público ter se preocupado em tornar esta feira um “Patrimônio Cultural”, nada há escrito falando sobre sua origem, desenvolvimento e importância nas divulgações municipais. Esta é a feira mais antiga da cidade de Araguaína.

A Feira do JK, a segunda das feiras criadas, a despeito de muitos alegarem que este é o primeiro bairro da cidade, é também a menor de todas.

Há quem diga que esta já foi grande, mas em virtude do Supermercado Superbox JK, ela tem diminuído gradativamente. Ela fica às margens da BR 153 iniciando na rua Joaquim Nabuco e vai até a próxima esquina que é a Avenida Lontra, vai tangenciando o Superbox JK por seu lado esquerdo.

Conforme o senhor Joaquim Pereira Dias, pioneiro desta feira, já feirante aqui há 29 anos, essa feira tem cerca de 40 anos, ela teria começado em 1978. A feira já foi bastante lotada, agora é que está tão pequena. Ela teria sido bem maior não em termos de extensão, mas de movimento. Para se conseguir uma vaga para ser feirante aqui naquela época era muito difícil. Hoje há muito espaço vazio. A maioria aqui é de piauienses e maranhenses. (29 anos, pioneiro da feira. DIAS, 2018).

Já por volta das 4 horas da manhã é possível encontrar estes trabalhadores por aqui. Esta feira também compartilha feirantes da feira do Mercado Municipal.

A despeito de todas as dificuldades, os feirantes insistem em mantê-la viva e pulsante.

A lei municipal 3030 de 31 de outubro de 2016, publicada no DOM - Diário Oficial do Município, sob o nº 1151, institui a Feira do JK como Patrimônio Histórico de Araguaína. A lei somente acrescenta que a referida feira faz parte da história da cidade (CÂMARA MUNICIPAL, 2016).

A Feira do Entroncamento é a segunda das feiras tanto em extensão territorial quanto em movimentação.

É interessante perceber que há feirantes que transitam em mais de uma das feiras, sendo pioneiro, inclusive de mais de uma delas. É o caso do supracitado senhor José Carlos e sua esposa que são pioneiros tanto da Feira do Mercado Municipal quanto desta feira do Entroncamento.

Conforme depoimento do próprio senhor José Carlos Ferreira, muitos o procuram para dar depoimento sobre as feiras. Ele opina que a Feira do Entroncamento teria surgido a cerca de 10 anos, mas outros feirantes afirmam que a mesma pode ter já seus quase 40 anos. Como não há documento oficial dizendo isso, fica o debate.

Ele conta que esta foi primeiramente às margens da Br 153 e depois veio para as proximidades da Rua Catorze de Dezembro, no Entroncamento. Sugere que esta é a segunda maior feira e que nela ele vende muito bem. (65 anos, maranhense, pioneiro da feira. FERREIRA, 2018).

Nesta feira se percebeu o uso de uma unidade de medida chamada prato que corresponde a dois litros. Interessante que a despeito de ser uma medida que quase não se usa mais, está bem viva no vocabulário dos feirantes. Ainda se acrescenta, que junto com estas terminologias um tanto “arcaicas”, convive muito bem novas tecnologias, pois se vê que aqui, a exemplo da feira do Mercado Municipal, que não é somente em dinheiro vivo que se faz compras, mas faz-se o uso de máquinas de cartão de crédito.

A prefeitura está sempre presente nesta feira, seja para alocação, realocação dos feirantes, seja para fiscalizar os produtos. Já houve vezes que tiveram a feira suspensa em virtude de mudanças e indefinições do poder público. (65 anos, maranhense, pioneiro da feira (FERREIRA, 2018).

A primeira das feiras foi a do Mercado Municipal, a segunda a do JK e por último a do Entroncamento.

Cabe se falar das dificuldades em se encontrar material com dados secundários para fundamentar esta pesquisa e que estes são, portanto, dados primários com base nos depoimentos orais e história de vida destes trabalhadores.

A lei municipal número 2974, de 11 de novembro de 2015, institui esta feira como patrimônio histórico araguainense. Além disso a lei não dá nenhuma outra providência somente afirma que a mesma já faz parte da história da cidade (CÂMARA MUNICIPAL, 2015).

Enquanto a feira do Mercado Municipal é considerada Patrimônio Cultural de Araguaína, as feiras do JK e do Entroncamento são Patrimônios Históricos. Afora tais leis, temos também a de nº 1054 de 08 de abril de 1991 que trata do funcionamento das feiras livres e permanentes (CÂMARA MUNICIPAL, 1991).

No artigo 2º está o que esta lei considera como de Feira Livre: “Considera-se feira livre o local previamente designado, com a utilização de instalações comerciais precárias e

removíveis, sem caráter permanente, para a comercialização...” (CÂMARA MUNICIPAL, 1991).

O artigo 3º traz o conceito de Feira Permanente: “Considera-se feira Permanente o local edificado, com utilização de instalações comerciais fixas, em caráter permanente, para a comercialização dos produtos...” (CÂMARA MUNICIPAL, 1991). A referida lei segue afirmando que tanto as feiras livres quanto as permanentes objetivam trazer ao consumidores os mais variados produtos tanto naturais como processados e semiprocessados.

Logo após, a lei vai tratar de temas tais como: organização e funcionamento; da habilitação dos feirantes; da comercialização; das normas sanitárias; das infrações; das tributações e sanções; da defesa; dos empregados e auxiliares e das disposições finais. Note que esta lei rege milimetricamente o funcionamento das feiras livres e permanentes esclarecendo todas as dúvidas dos mesmos e dos consumidores.

Ainda que as feiras façam parte do chamado circuito inferior da economia urbana, elas sempre estão se reinventando e buscando se integrar à chamada globalização. Elas obviamente estão dentro deste macro que interliga a todos na aldeia global.

Era de se esperar que o território e as territorialidades de Araguaína e de suas feiras livres, e também levando em conta que para cá vieram pessoas das mais diversas regiões, notadamente nordestinos, haja uma tão grande gama de Variações Linguísticas.

As variações linguísticas - maneiras diversas de dizer a mesma coisa – são um forte instrumento de consecução de território e territorialidades para estes agentes socioespaciais.

É importante valorizar todo este acervo a céu aberto, pois assim fazendo, esta pesquisa faz uma abordagem da variação linguística prevalente nestas feiras livres, levando em consideração fatores sociais, quais sejam: idade, sexo, escolaridade, naturalidade, bem como, linguísticos, contexto precedente, contexto seguinte, extensão do vocábulo e tonicidade, entendendo que os mesmos influenciam tanto no território quanto na territorialidade.

É a produção de um material didático-científico da história de Araguaína, como ferramenta a ser utilizada nas escolas deste município, uma vez que há uma produção muito escassa nessa área.

Trabalha-se com a conscientização de que não há uma variação linguística melhor do que outra, uma vez que há diferentes formas de se dizer a mesma coisa.

Finalmente, a ligação cultural, territorial, econômica entre esta “Araguaína dos grandes empreendimentos”, as feiras e feirantes pode ser entendida pela relação entre circuito superior e inferior.

A feira livre é a representante do que Santos (1979) chama de “circuito inferior da economia urbana”, esta face “não moderna” vivendo lado a lado com os empreendimentos modernos, os chamados “circuitos superiores” da economia urbana, na teoria dos dois circuitos da economia. (SANTOS, 2008a).

Neste meio se insere os feirantes com seus pequenos empreendimentos mas com uma riqueza linguística imensa bem como outros saberes por eles compartilhados.

CAPÍTULO II: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica permite que se levantem as categorias de análise, no caso, Sociolinguística e Sociolinguística Variacionista.

Buscou-se referenciais teóricos mediante leitura livros de estudiosos, artigos científicos, dissertações e/ou teses.

Conforme Trentini e Paim (1999, p. 68), “[...] a seleção criteriosa de uma revisão de literatura pertinente ao problema significa familiarizar-se com textos e, por eles, reconhecer os autores e o que eles estudaram anteriormente sobre o problema a ser estudado”.

2.1. A Teoria da Variação Linguística

Para se compreender o que são variações linguísticas, sua importância, implicações e a necessidade não só de se teorizar sobre, mas buscar a sua valorização é necessário que se discorra a respeito da língua.

A língua é ao mesmo tempo um dos mais importantes produtos e veículo de transmissão cultural de um povo. O homem a utiliza como um dos principais meios de transmissão de sua cultura em suas interações sociais, seja escrita ou oralmente.

Língua é expressividade, logo, “o homem é apenas metade de si mesmo; a outra metade é a sua expressão” (CÂMARA JR., 2001, p. 164).

De chofre, percebemos que lhe é inerente expor seus sentimentos, ideias, vontades, efetuar trocas culturais e produzi-las ao mesmo tempo.

Whitney (1901, p. 401 *apud* LABOV 2008, p. 302) acrescenta que “[...] o homem fala, portanto, primordialmente, não com o intuito de pensar, mas de transmitir seu pensamento. Suas necessidades sociais, seus instintos sociais, forçam-no à expressão”.

É nas interações sociais que nascem as variações linguísticas, que, grosso modo, são maneiras diferentes de se dizer a mesma coisa.

E a despeito de haver quem defenda que a língua seja algo estático, o que se tem demonstrado por meio dos estudos sociolinguísticos é que ela é um “organismo vivo” e assim sendo, são os falantes que a “possuem” e a geram. Uma variação linguística tem muito a dizer sobre a condição social do falante, seja ela: econômica, nível de escolaridade, naturalidade, sexo, idade.

As variações nascem no seio das comunidades de fala, que, segundo Labov (2008, p. 287), “[...] é um grupo de falantes que compartilham um conjunto de atitudes sociais frente à língua”.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais preveem que a escola não somente reconheça a existência das variações linguísticas, mas que as valorize como riquezas inerentes a qualquer idioma (BRASIL, 1998).

O ser humano é um ser social por definição, e por meio de sua língua, “a sua maneira”, ao fazer uso das variações linguísticas, interage, intercambiando sua cultura, transmitindo, recebendo, criando e recriando-a. Um dos maiores frutos destas trocas são exatamente o nascimento e desenvolvimento destas variações. Língua e sociedade estão umbilicalmente atreladas. As relações sociais a influência e vice-versa.

Bakhtin (1929) já defendia que o cerne da língua não se consubstanciava em um sistema abstrato de formas linguísticas, ao contrário, era na interação de fala dos diversos grupos sociais. No pensar bakhtiniano o mais importante não era este sistema, este código, mas as interações falante/falante. Justamente o objeto de estudo da Sociolinguística. Os falantes fazem a língua.

Jakobson (1960), asseverava que todo falante interage com diversas comunidades de fala e todo código é multiforme, há códigos e subcódigos, o falante os escolhe com liberdade a depender do objetivo da mensagem, do receptor, e da relação entre falante e ouvinte. Não há código único, mas uma multiplicidade deles, cada um adequado a diferentes situações e interlocutores que dele farão a escolha.

Bright (1974) elenca fatores definidos da sociedade, e afirma que as diversidades da língua podem estarem ligados a eles, a exemplo da identidade do falante, o que poderia caracterizar dialetos espalhados na sociedade ou diferentes formas entre as falas levando em conta o sexo ou a situação social, importante para a análise de formalidade e informalidade.

As variações linguísticas são um “raio x” de seus falantes, por meio delas se pode notar nuances que influenciam diretamente na produção da variação: idade, sexo, nível de escolaridade, naturalidade.

William Labov (2008) empreendeu seus estudos sociolinguísticos nos anos 1960. Dentre os vários estudos, o inicial foi levado a cabo numa ilha denominada Martha's Vineyard em Massachussets nos Estados Unidos. Nesse estudo Labov levou em conta fatores tais como: idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitude frente ao falar da ilha.

No final do trabalho ele chegou à conclusão de que: “o estudo em *Martha's Vineyard* se concentrou na relação de fatores sociais com mudança linguística; demonstrou que a direção e o desenvolvimento daquela mudança não podiam ser compreendidos sem vinculá-las às categorias básicas da identidade local”. Parafrazeando, Labov quis dizer que a língua é

objeto de estudo considerando a comunidade de fala. As variações linguísticas devem ser descritas e compreendidas socialmente, porque conforme Labov (2008, p. 214), “a língua é uma forma de comportamento social”.

O trabalho laboviano é uma “ressonância magnética”, de como fatores sociais influenciam fortemente os fenômenos linguísticos e estes se encontram imbricados.

Conforme Whitney (1901, p. 404 apud LABOV 2008, p. 302), “a fala não é uma posse pessoal, mas social; ela pertence, não ao indivíduo, mas aos membros da sociedade”. As variações são riquezas forjadas nas interações sociais e são fruto da criatividade dos falantes.

De acordo com Meillet (1992, p. 16-17, apud LABOV, 2008, p. 304):

[...] pelo fato de ser a língua uma instituição social, resulta que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da mudança linguística é a mudança social, da qual as variações da língua são apenas as consequências... (MEILLET, 1992, p. 16-17, *apud* LABOV, 2008, p. 304).

Note-se que o autor expõe que a mudança social é o elemento-chave para a mudança linguística. As variações surgem justamente em virtude dessas mudanças na sociedade.

Para Labov (2008, p. 330), a variação é: “[...] opção de dizer a mesma coisa de várias maneiras diferentes, isto é, as variantes são idênticas em valor de verdade e referencial, mas se opõem em sua significação social/ou estilística”. Depreendemos que em termos de verdade e referencial as variações possuem o mesmo valor, mas já no que tange à significação social e estilísticas, elas se opõem.

Corroborando com a ideia de que a língua varia, Tarallo (2007) nos dá os conceitos de variante e variável linguísticas. Ele afirma que as variantes podem ser tidas como maneiras de se dizer a mesma coisa, numa mesma situação, com o mesmo valor de verdade (variantes padrão/não padrão, conservadoras/inovadoras, estigmatizadas/de prestígio).

Em geral, a variante padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não padrão e estigmatizada pelos membros da comunidade. (TARALLO, 2007, p.12).

As características padrão/conservadora/prestígio, se opõem diametralmente à não padrão/inovadora/estigmatizada. As variações linguísticas estão sempre em um constante embate e nisto estão envolvidos fatores sociais.

Conforme Beveniste (1968) a ligação entre sociedade e língua está no fato de que esta serve como ferramenta para se entender aquela ao descrevê-la, conceituá-la, interpretá-la no que tange à natureza e/ou a experiência.

A sociedade é refletida nas variações linguísticas nas suas diversas nuances. Uma e outra são indissociáveis. Labov (2008, p. 313), ao falar sobre o conceito de variação social e estilística, afirma que: “Por social entendo aqueles traços da língua que caracterizam vários subgrupos numa sociedade heterogênea; e por estilística, as alternâncias pelas quais um falante adapta sua linguagem ao contexto imediato do ato de fala”.

Labov aborda dois tipos de variações: a social e a estilística. Uma atrelada aos diversos grupos sociais e a outra atrelada ao contexto de fala. Um mesmo falante pode dominar diferentes variações linguísticas, e isso não é aleatório, há uma sistematização.

A escolha desta ou daquela é feita de acordo contexto social em que o mesmo participe. É importante explicar que subjaz aqui uma das provas de que o coerente não é rotular as variações como certas ou erradas, mas adequadas ou inadequadas.

É perceptível que há uma heterogeneidade sistemática/organizada e este é um elemento crucial para se identificar grupos sociais e diferenças linguísticas e extralinguísticas da comunidade. Em consonância com esta assertiva, Basílio (2013, p. 168), afirma que:

Segundo a perspectiva variacionista, as transformações linguísticas acontecem no contexto social da comunidade de fala e são vistas, pelos sociolinguistas, como dotadas de ‘heterogeneidade sistemática/ordenada’, fator importante na identificação de grupos e na demarcação de diferenças linguísticas e sociais na comunidade. Nesta perspectiva, a atitude e avaliação dos falantes com relação à variação e à mudança revelam a influência das forças sociais na escolha dos usos linguísticos do indivíduo, e, por sua vez, os usos linguísticos do indivíduo revelam seus verdadeiros sentimentos em relação à língua (BASÍLIO, 2013, p. 168).

Da citação acima apreende-se que quando o falante avalia a mudança linguística e a variação, demonstra o quanto os fatores sociais influenciam, na sua escolha, e já no tocante aos usos linguísticos deste mesmo falante transmite o sentimento seu no que se refere a língua.

Dos diversos fatores sociais, um dos exemplos que se pode citar é a questão do sexo: As mulheres possuem algumas peculiaridades no uso da língua e os homens outras.

Observe-se que os diminutivos como bonitinho, gracinha, menininha, são usados mais pelas mulheres e aumentativos de nomes próprios como Carlão e Marcão sendo mais usados por homens (GAGNÉ, 2002, p. 54).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, documento do Ministério da Educação, que reza sobre os conteúdos e a didática de transmissão dos mesmos, afirmam:

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa.

Assim, quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala (BRASIL, 1998, p. 29).

Em termos de documento do MEC, o estudo e a valorização das variações linguísticas têm todo o respaldo. O problema é que entre a teoria e a prática há um hiato abissal.

Além de comprovar que os fatores sociais contribuem fortemente para a existência e facetas das variações linguísticas, como o supracitado estudo feito em Nova York, a Sociolinguística Variacionista, com seus pressupostos, (LABOV, [1972] 2008; 1978; 1994; 2001; 2003), deram origem a proposições de ensino baseadas:

I- na ligação entre idioma e os seus falantes;

II- no estudo linguístico de “normas” que variam influenciadas por razões linguísticas e extralinguísticas; e

III- na mitigação dos estigmas sociais (COAN; FREITAG, 2010).

De acordo com Coan e Freitag (2010) há diversos tipos de variações: diatópicas (geográficas), diastráticas (sociais), diafásicas (contexto) e diamésicas (tipo de texto).

Além de se conhecer parte dos tipos de variações, sabe-se que elas ocorrem em várias dimensões: no léxico, na sintaxe, na morfossintaxe, no subsistema fonético-fonológico e no pragmático-discursivo (MOLLICA, 2013).

Medeiros e Cormineiro (2017) consideram a linguagem como instituinte e instituída pela experiência humana e elemento de fundação da cultura e da relação homem/mundo. Falam da importância de se mobilizar a linguagem no sentido de interpretá-la como este elo com outras dimensões epistemológicas.

Em nosso procedimento, entendemos também que a linguagem é instituinte e instituída pela experiência humana e elemento fundante da cultura e como tal é também mediadora da relação sujeito/mundo que se materializa na condição do homem como narrador de si. Não se trata, entretanto, de dar primazia à linguagem, mas sim de mobilizá-la [...] no sentido de interpretá-la como elo das outras dimensões (MEDEIROS; CORMINEIRO, 2017, p. 312.)

A linguagem é este elo entre os diferentes tipos de conhecimento. Por isso como instituinte e instituidora do conhecimento humano e pode ser tanto objeto de estudo quanto ferramenta para estudo de outras áreas.

Neste trabalho é tanto objeto (no que tange às variações linguísticas) quanto instrumento pois promove a ligação entre os diversos outros conhecimentos que a rodeiam promovendo uma visão mais ampla do objeto de estudo.

2.2. Sociolinguística: Língua e Sociedade

Sociolinguística, segundo Almeida (2015), é uma área da Linguística que se ocupa em estudar a língua falada no contexto onde interagem pessoas com repertórios linguísticos distintos, divide-se em Sociolinguística interacional e Sociolinguística variacionista.

Com o passar dos anos os estudos foram se expandindo e atualmente a Sociolinguística apresenta outras vertentes, como, por exemplo, a Sociolinguística educacional. Assim, ambas têm em comum o fato de ter a língua falada como objeto de estudo em correlação com a sociedade, isto é, estudam a influência dos aspectos sociais nos diferentes dialetos (ALMEIDA, 2015, p. 145).

Com efeito, a Sociolinguística estuda a língua em consonância com uma determinada comunidade de fala. Segundo Labov (1972), uma comunidade de fala pode ser definida como um grupo de pessoas que compartilha normas e atitudes sociais em comum.

Ademais,

[...] Uma comunidade de fala não é definida por qualquer acordo estabelecido quanto ao uso de elementos da linguagem, mas pela participação em um conjunto de normas compartilhadas. Estas podem ser observadas em tipos evidentes de comportamento avaliativos, e pela uniformidade de padrões abstratos de variação, que são invariáveis em relação a níveis específicos de uso (LABOV, 1972, pp. 120-121) *apud* (ALMEIDA, 2015, p. 140).

Ainda de acordo com Almeida (2015), foi nos Estados Unidos, na década de 1960, que surgiram os primeiros trabalhos despertando o interesse em estudar a língua como prática social, sob a denominação de Sociolinguística.

A motivação pela pesquisa em estudos da língua em seu contexto de uso, deve-se "[...] à grande divulgação dos estudos de comunicação; à necessidade de maior aproximação com outros povos, ou de conhecimento melhor da própria comunidade; e à divulgação dos estudos de Sociologia e Linguística" (ALMEIDA, 2015, p. 141).

Nesse sentido, para os estudiosos da sociolinguística, nas comunidades de fala, *a priori*, existirão formas linguísticas em variação, ou seja, formas que estão em coocorrência (quando duas formas são usadas ao mesmo tempo) e em concorrência (quando duas formas concorrem). Sendo assim, a Sociolinguística Variacionista também pode ser vista como Teoria da Variação (LUCCHESI e ARAÚJO, 2018).

Para esses autores a análise sociolinguística passa a ser orientada para as variações sistemáticas, inerentes ao seu objeto de estudo, a comunidade de fala, concebidas como uma heterogeneidade estruturada. Não existe, portanto, um caos linguístico, cujo processamento,

análise e sistematização sejam impossíveis de serem processados. Há, pelo contrário, um sistema (uma organização) por trás da heterogeneidade da língua falada.

2.2.1. Sociolinguística Variacionista, Variação linguística e Sociedade

A Sociolinguística variacionista tem em Labov (1972) as primeiras bases teóricas de estudo da língua em interação, a partir de uma metodologia focada na fala como objeto de estudo. (ALMEIDA, 2015), vejamos:

[...] essa corrente teórica se caracteriza pela preocupação em desvelar como ocorrem as variações linguísticas de acordo com o contexto social no qual o falante está inserido, e pela constatação de que a língua é heterogênea e que são diversas as variedades em um mesmo idioma. Porém, e tendo em vista o teor essencialmente comunicativo da Sociolinguística interacional, ela tem como principal característica ratificar que a fala em interação está propícia a interpretações e mudanças, as quais variam segundo o comportamento linguístico de uma sociedade ou comunidade linguística, considerando sempre os contextos específicos dos falantes (ALMEIDA, 2015, p. 147).

Com efeito, a língua varia de falante para falante e, segundo Sá (2014), para explicar o porquê de uma variante se sobressair em detrimento de outra, é necessário avaliar as dimensões sociais do falante, por exemplo, sexo, idade e escolaridade, no prenúncio de verificar uma possível mudança na língua ou a situação de estabilidade. Sá (2014) percebe a mulher como mais detentora da forma padrão como Labov (1972) elucida com os estudos de Fischer (1958).

Além da variável social sexo, a idade também assume lugar de destaque nas pesquisas de variação linguística, a partir da relação entre as variantes inovadoras ou conservadoras e os falantes que as produzem em sua fala espontânea.

Segundo, Tarallo (2007, p. 65), “[...] A relação de estabilidade das variantes (a situação de contemporização) avultará, se entre a regra variável e a idade dos informantes não houver qualquer tipo de correlação”. Para esse autor, por outro lado, se o uso da variante mais inovadora for mais frequente entre os jovens, decrescendo em relação à idade dos outros informantes, há, então, uma situação de mudança em progresso. Desse modo, Sá (2014) conclui que na interferência obtida pelo falante, a escolaridade apresenta-se como reguladora do prestígio, já que ela exerce papel incisivo no comando das variantes padrões, ou seja, aceitas como corretas.

Bakhtin (1929) identifica que a parte central da língua não era um sistema abstrato de estruturas linguísticas, mas um interagir da fala de todos os sujeitos sociais. Isso corrobora para o fundamento dos estudos sociolinguísticos pois os que falam, “constroem” a língua.

Jakobson (1960) acreditava na multiformidade das comunidades de fala, e que, em suas interações, os multicódigos são escolhidos de forma livre dependendo do escopo do assunto, do destinatário e da relação entre o emissor e esse.

Bright (1974) enumera condições pré-estabelecidos na sociedade e que estas estariam ligadas aos falantes lançando luz sobre a identidade dos que falam e que definiriam diferentes dialetos ou maneiras diversas de se falar considerando questões tais como sexo e *status* social, dados de vital importância para o estudo e do que é formal e informal.

Nesta mesma esteira se encaixam as pesquisas sociolinguísticas feitas por William Labov na década de 1960. Na ilha turística de Martha’s Vineyard havia duas atitudes dos moradores frente à forma de se pronunciar os ditongos (aw, como em *housewife*) e (ay, como em *might*): quem via a ilha de maneira positiva pronunciavam-nos de maneira central. Os contrários e que viam com bons olhos os que vinham de fora e nutriam sentimentos negativos respeitantes à ilha, de forma contrária, menos central.

Justamente porque a língua é um instituto social, a linguística é ciência social, a variável que se pode estudar para se compreender as mudanças da língua, são as mudanças da sociedade vez que as variações linguísticas são só o resultado (MEILLET, 1992, p. 16-17, apud LABOV, 2008, p. 304).

Como a pesquisa se assenta no uso da lateral palatal /ʎ/, faz-se necessário expor um pouco sobre a palatização.

Silva (2003) traz este conceito:

A Palatização consiste no levantamento da língua em direção a parte posterior do palato duro. Ou seja, a língua direciona-se para uma posição anterior (mais para a frente da cavidade bucal) do que normalmente ocorre quando se articula um determinado segmento consonantal [...] (SILVA, 2003, p. 35).

O conceito é dado aqui pela descrição de como ocorre este tipo de fonema. Ele traz também uma classificação, pois a lateral palatal /ʎ/ é classificada como palatal quanto ao ponto ou lugar de articulação. Nas palatais o articulador ativo é a parte média da língua e o articulador passivo é a parte final do palato duro a exemplo da palavra: palha (SILVA, 2003).

A lateral palatal /ʎ/ se classifica: No que se refere ao papel das cavidades nasais ela é oral. Quanto ao modo de articulação é constrictiva. Dentro das constrictivas ela está no

subgrupo das laterais. No que tange ao papel das cordas vocais é sonora e quanto ao ponto ou lugar de articulação é palatal. (SILVA, 2003).

Esta é a classificação do fonema lh, em sua representação fonológica: /ʎ/.

Fonema é a unidade mínima do significante, que se define pela oposição às demais. Caracteriza-se por ser tomada como um conjunto indivisível de traços articulatorios. É uma forma abstrata da língua que pode assumir diversos valores na fala. (FERREIRA NETTO, 2011).

Eles são estas unidades mínimas do significante. O fonema em questão é um dígrafo, que é quando duas letras se juntam para formar um novo som e estas unidades sonoras se agrupam para formarem as palavras de uma língua.

Conforme Labov (2008, p. 140), “Os sistemas fonológicos exibem o mais alto grau de estrutura interna de todos os sistemas linguísticos e, com isso, oferecem ao pesquisador uma extensa série de resultados paralelos e convergentes”.

É na fonologia que se percebe com facilidade tal variação. E o mais interessante é que segundo o mesmo autor, “não existe falante de estilo único. Alguns informantes exibem um espectro de alternância estilística mais amplo que outros, mas todo falante que encontramos exhibe alternância de algumas variáveis linguísticas à medida que mudam o contexto social e o tópico” (LABOV, 2008, p. 243). Já que não há falante com estilo único é preciso saber em que estilo se presta menos atenção na fala e conseqüentemente se obtém dados mais precisos.

Quanto menos formal o falante for, melhor será para se colher dados linguísticos, por mais que o falante esteja à vontade e informal é necessário sempre pensar que ele possui um estilo ainda mais informal, como por exemplo, quando fala com os colegas ou briga com a mulher (LABOV, 2008, p. 244).

No que tange à lateral palatal /ʎ/, há vários estudos mostrando que este dígrafo exhibe o realizar das variantes em concorrência entre os mesmos, simultaneamente, [ʎ], [l], [j], [lj] e [Ø] (ARAGÃO, 1997; CASTRO, 2006, OLIVEIRA e MOTA, 2007; BRANDÃO, 2007; CHAVES e MELO, 2009). São exemplos destas realizações situações como: fa/ʎ/a ~ fa[ʎ]a, mu/ʎ/er ~ mu[l]é, ve/ʎ/ice ~ ve[Ø]ice, apare[ʎ]o ~ apare[j]o.

Freire (2016) empreendeu uma pesquisa sobre a variante /ʎ/ em Jacaraú na Paraíba, tendo um *corpus* de 36 (trinta e seis) informantes. Utilizou-se de entrevistas sociolinguísticas e ao final percebeu que a variação /ʎ/ se mostrou mais presente na zona urbana e inclusive isso independeu do sexo do falante. Esta variante se mostrou mais frequente na fala de profissionais do status de professores e engenheiros e em contextos de maior formalidade.

No que tange à aceitação, houve rejeição das variantes [l], [j] e [Ø], à proporção de 81% a 93% e em contrapartida a variação /λ/ teve aprovação de 79%.

Percebeu-se que a variação /λ/ foi, de longe, a maior ocorrência e que fatores tais como escolaridade e contexto de formalidade foram indispensáveis para o resultado apresentado pelo pesquisador.

Silva (1997 *apud* FREIRE, 2016) empreendeu pesquisa com falantes em Iguatu, cidade do Ceará, objetivando entender processos fonológicos relacionados ao ato de substituir a soante palatal /λ/, instituindo a representação autosegmental e, concomitantemente, utilizando princípios da sociolinguística.

Esse mesmo autor fez uso de uma amostragem de 30 pessoas moradores do supracitado município à proporção de 50% de rurais e 50% de urbanos, quanto à coleta de dados levou a cabo entrevistas, uma forma de produção oral instigada por figura e outra de lista de palavras.

Os dados coletados deram conta do predomínio do segmento /λ/, tendo 84,7% de ocorrências, vindo logo após as variantes [j], com 7,4%, [l], com 5,4%, e [Ø] com ,5%. Predominou o segmento /λ/, tal fato foi atrelado por ser a variante padrão.

Brandão (2007) concluiu uma pesquisa sobre a palatal /λ/ no falar popular de 13 (treze) comunidades cariocas se utilizando da Sociolinguística Variacionista. A pesquisa foi feita no Norte e Nordeste do Rio de Janeiro.

Participaram da pesquisa 78 (setenta e oito) falantes. Todos homens, e vivem na zona rural ou semiurbanizadas, não alfabetizados ou chegando até 4 (quatro) anos de escolaridade e separados em 3 (três) grupos de idade.

O resultado foi: a variante [λ] ocorreu 2514 vezes: 72%, a [l] 181, isto é, 5% e para a maneira vocalizada, [j], 174 ocorrências, o equivalente a 5% e para [Ø], 21, o correspondente a 1%.

Esse autor sustenta que as variáveis que condicionam as variantes são respectivamente para: o segmento /l/, contexto subsequente e a nasal palatal no termo; do [j], o contexto antecedente, a naturalidade, a idade e a tonicidade.

Brandão (2007) descobriu que após a tabulação dos dados da variante /λ/ no falar do Norte e Noroeste do Rio, há existência de dois padrões de variação de dialeto: um com marcação social e o outro não, estes caracterizados pelas variantes [λ] e [l] acompanhada de [i] e/ou [j] (com marcação social) e o outro, [j] e a [l] quando precedem vogais que não o [i] (não marcado socialmente).

Chaves e Melo (2009) puseram em prática um estudo da variação do /λ/ em 4 bairros da capital acreana (AC). Obtiveram os resultados através de questionários fonético-lexicais e entrevistas sociolinguísticas. Foram abrangidas 72 (setenta e duas) pessoas separadas proporcionalmente por sexo, idade e escolaridade. A presente pesquisa levou em conta somente os fatores envolvidos na variação da lateral palatal /λ/.

Chaves e Melo (2009) comentam que as variáveis contexto antecedente (fator vogais /ó,ô/) e contexto subsequente selecionou-se como o que influenciou a regra em análise; elencaram ademais que a tonicidade da sílaba foi também abordada, e o fator sílaba tônica, foi de suma importância para a manutenção da palatal no falar de Rio Branco.

A despalatização do /λ/ se dá mais frequentemente entre os que não tem escolaridade e originários da zona rural. O resultado do estudo direciona para o predomínio do uso da variante /λ/: com 78,7%, de 1750 ocorrências; depois [j], com 1%; [l], com 3,9%; [Ø], com 0%; [lj], com 11,4% e finalmente [λj] com 5%.

Diante dos estudiosos mencionados e dos trabalhos revisados, foi possível perceber que a lateral palatal /λ/ se mostra bastante produtiva podendo ser pronunciada de diversas maneiras e em virtudes de fatores linguísticos e extralinguísticos que merecem toda a atenção.

CAPÍTULO III: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, far-se-á um relato expondo os resultados obtidos. Perceber-se-á qual variante da lateral palatal /ʎ/ prevalece na fala dos feirantes araguainenses. Discorrer-se-á sobre que variáveis linguísticas e extralinguísticas foram as influenciadoras no comportamento linguístico do público alvo.

Em todos os tempos o homem sempre primou por ter seu território, expandir seu espaço de atuação, garantir sua segurança e subsistência. Há diversos meios de se conseguir isso.

Neste trabalho se tentou mostrar que a língua, e aqui em seu viés variações linguísticas, é um dos mais poderosos instrumentos para a consecução deste objetivo, ou seja, o território e a territorialidade da variação linguística no uso da lateral palatal /ʎ/ pelos feirantes de Araguaína, pensados de forma interdisciplinar, foram o carro-chefe da pesquisa.

Primeiramente descrever-se-á feira a feira a começar pela Feira do JK (Bairro Juscelino Kubitschek), seguida da Feira do Entroncamento, em bairro de mesmo nome e depois a Feira do Mercado Municipal, no setor Central.

Uma vez assim feito procurar-se-á elencar os fatores que se implicam entre as três num possível diálogo entre elas.

A princípio, levantou-se a hipótese de que haveriam, na fala dos feirantes, 4 (quatro) variantes da lateral palatal /ʎ/, quais seriam: [ʎ], [j], [Ø] e [l].

A hipótese permaneceu durante quase toda a pesquisa, porém, logo após a tabulação dos dados percebeu-se que não houve nenhuma ocorrência das variantes [Ø] e [l], o que demonstra que estão em vias de se extinguir na fala dos feirantes, permanecendo apenas as duas primeiras: [ʎ] e [j].

Na digitação dos dados foram utilizados os programas: Word 2010 e mídias para armazenamento externo de dados, HD externo. Para o cálculo dos resultados foi utilizado a Regra de Três Simples.

Foram utilizados cadernos para anotações como criações de relatórios da cada visita à campo, bem como outro para anotações específicas da sociolinguística e gravador para guarda dos áudios das falas.

Em seguida percebeu-se que a variante dominante foi a [j], como previsto na metodologia, momento em que cada variante social e/ou linguística foi exposta bem como descrita as hipóteses para as mesmas.

O público alvo geral foi composto de um total de 24 pessoas: sendo 8 pessoas por feira, destas 8 pessoas, 4 do sexo masculino e 4 do sexo feminino.

3.1. A Feira do JK

FIGURA 08: Feira do JK e Imediações.



O público alvo desta feira foi de 8 participantes, sendo 4 pessoas masculinas e 4 femininas.

Esta feira é a menor das três pesquisadas e tem como peculiaridade o fato de ladear um grande supermercado.

Apesar de não ser a mais jovem das três, é a que menos movimento tem, e segundo os feirantes, é em virtude da presença do comércio citado.

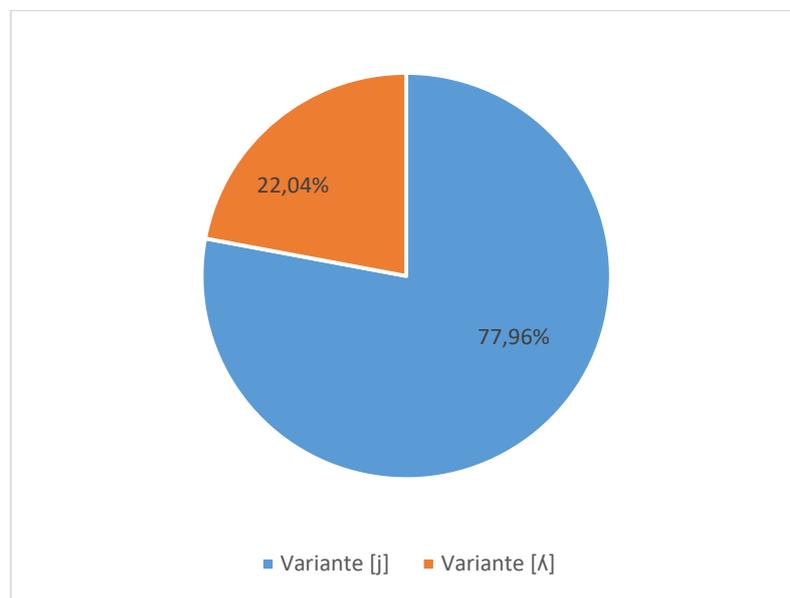
Boa parte deles são do próprio bairro e em sua maioria também fazem parte das outras duas.

É considerada patrimônio histórico de Araguaína e há feirantes que afirmam ter sido aquele bairro surgido pela presença de caminhoneiros que ali se instalavam para preparar seu alimento e passar a noite, bem como pelos trabalhadores que construíram a BR 153 local inclusive em que se localiza a referida feira.

A princípio os dados serão analisados numa perspectiva de uma visão geral e depois especificamente para cada variável social e linguística.

3.1.2. Visão Geral do Resultado por Variante

GRÁFICO 01. Resultado Geral por Variante



FONTE: (Autoria própria)

Em termos de totalidade envolvendo as duas Variantes, houve 59 ocorrências, destas 46 favorecendo a variante [j] e 13 favorecendo a variante [ʎ], correspondendo ao índice de 77,96% e 22,04%, respectivamente.

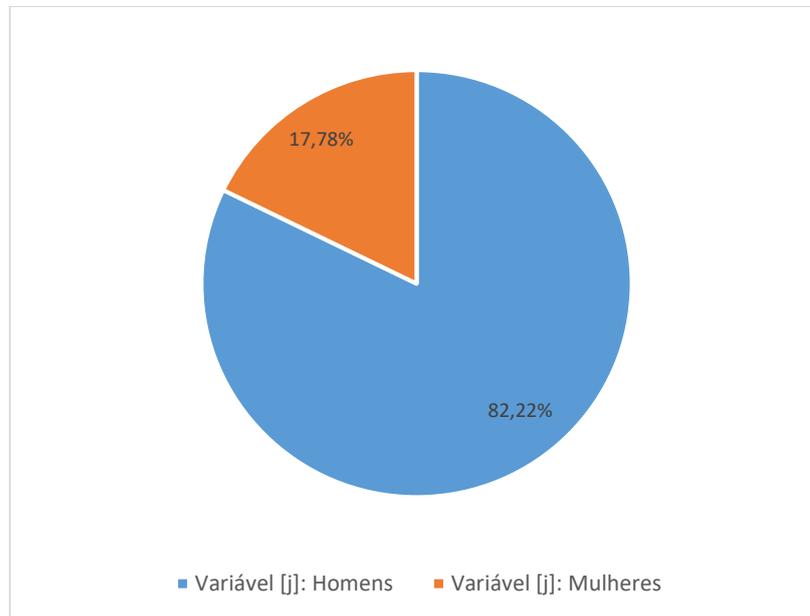
Neste gráfico, com visão geral, fica clara a ampla maioria da ocorrência da variante [j], com 77,96%.

Este dado vem ao encontro do que se previu na metodologia para o seu resultado que seria a prevalência da variante [j], a iotização, frente à variante [ʎ].

A hipótese se confirmou cabalmente. Os motivos serão esclarecidos quando serão elencadas as demais variáveis e se discorrer a respeito do porquê de seus resultados.

3.1.2.1. Influência da Restrição Sexo sobre o Uso da Lateral Palatal /ʎ/

GRÁFICO 02. Variante [j] por Sexo



FONTE: (Autoria própria)

Os dados aqui tratados são somente da variante que prevaleceu.

Em termos de sexo obtivemos 45 ocorrências favorecendo a variante [j], das quais 37 levadas a cabo pelos homens e 8 pelas mulheres, correspondendo, respectivamente a 82,22% e 17,78%.

A variável sexo influenciou exponencialmente no uso da palatal /ʎ/ com foco para a variante [j] visto que 82,22% dos homens a favoreceram.

Já no tocante às mulheres o favorecimento se deu à variante [ʎ], esta última justamente a que está de acordo com a Norma Padrão.

A tendência acima aponta para a confirmação da teoria defendida por Fisher (1958, apud MOURA, 2009) e Paiva (2003), que afirmam que as mulheres são mais propensas a utilizar as variantes de prestígio, independentemente de serem semânticas, morfológicas, sintáticas ou fonológicas. O resultado também ratifica a hipótese descrita na metodologia.

De fato as mulheres tendem a só utilizar uma variante inovadora quando esta não sofre mais estigmas na sociedade. Diferentemente os homens não possuem esta preocupação.

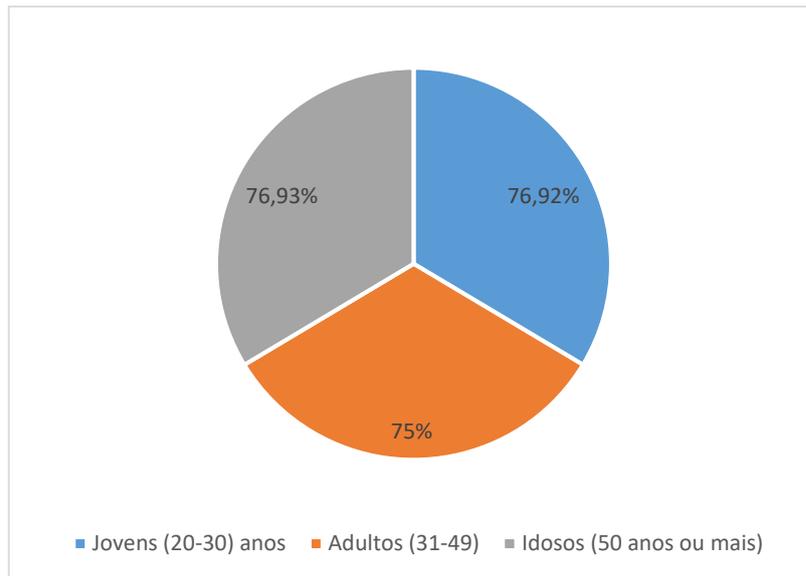
A despeito da baixa escolaridade (variável que será considerada posteriormente), ainda assim, as mulheres demonstram serem mais afetas às variantes de prestígio.

Os homens, por sua vez, como se era de esperar, são menos preocupados com o prestígio em termos linguísticos e ademais as ocorrências aqui registradas dão conta de que a

maioria foi realizada por eles. Mais um motivo para entender a preferência por uma variante inovadora.

3.1.2.2. Influência da Restrição Idade sobre o Uso da Lateral Palatal /ʎ/

GRÁFICO 03. Realização da Variante [j] por Idade



FONTE: (Autoria própria)

No que tange à variável Idade, foram obtidas 59 ocorrências no geral, abrangendo as duas variantes, [ʎ] e [j], deste total 13 delas foram de jovens (20-30 anos), sendo que 10 foram favorecendo a variante [j], 76,92%; 20 foram de adultos (31-49 anos), sendo que 15 delas favorecendo a variante [j], 75% e 26 foram de idosos (50 anos ou mais), sendo 20 delas, 76,93% favorecendo a variante [j]. O gráfico acima revela os valores finais para a variante [j].

Primeiramente note-se que Labov (1972) faz a diferença entre a variação estável e a mudança em curso afirmando que a primeira ocorre quando jovens e adultos a usam invariavelmente, e a mudança em curso quando tal variação está crescente entre os jovens.

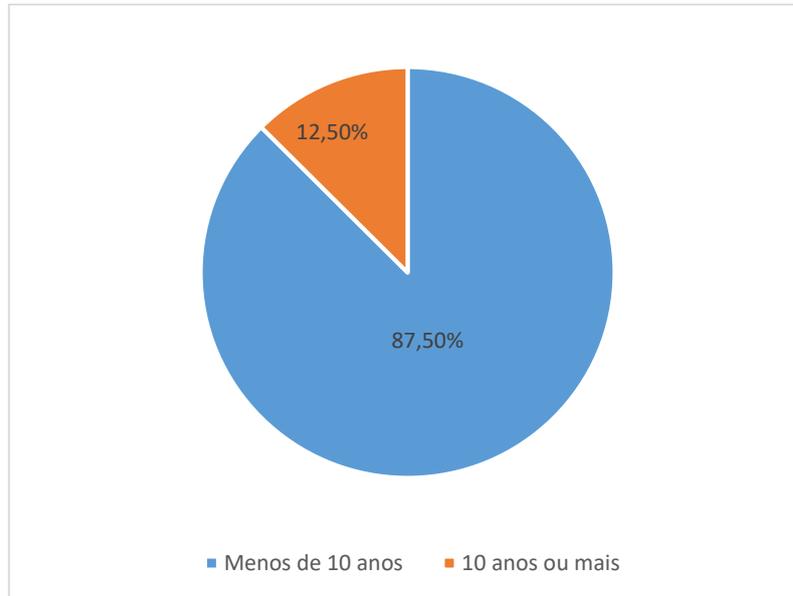
Pelos dados se percebe que há uma indicação de uma variação estável visto que os índices percentuais entre jovens, adultos e idosos são bem próximos, respectivamente 76,92%, 75% e 76,93%. Esta foi a hipótese que se defendeu na metodologia e que ora se confirma.

Cabe lembrar que para Bailey (2002), qualquer afirmação de certeza sobre a variável idade pode laborar em “erros”, visto que este trabalho está fundado na questão do tempo aparente, e desta forma, conforme o supracitado autor, não pode ser utilizado para se traduzir o itinerário evolutivo de um idioma.

Estudos como o desta dissertação servem para dar uma noção de como se encontra atualmente tal processo entre os participantes da pesquisa ora estratificados.

3.1.2.3. Influência da Restrição Escolaridade sobre o Uso da Lateral Palatal /ʎ/

GRÁFICO 04. Por Anos de Escolaridade



FONTE: (Autoria própria)

Os dados revelam que do total dos 8 participantes desta feira, 87,50% deles tem menos de 10 anos de escolaridade, um total de 7 pessoas, enquanto que os com 10 anos ou mais de escolaridade somam apenas 12,50%, um total de 1 ocorrência apenas.

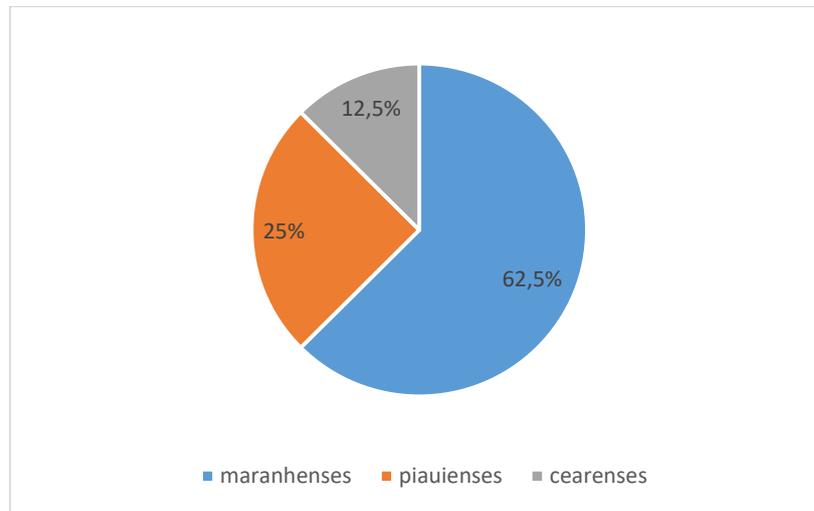
Conforme Votre (2003), a variável escolaridade é a “mantenedora” da variante de prestígio, portanto indicando que quanto mais anos de escolaridade, mais as variantes de prestígio estarão presentes, seja a nível semântico, de concordância, vocabular ou fonológico.

O resultado confirma a hipótese deste trabalho.

No presente caso o nível fonológico se torna evidente, pois quanto menos anos de escolaridade maior a presença da variante fonológica inovadora. 87,50% pontos percentuais foi a preferência pela variante [j] pelos menos escolarizados: menos de 10 anos de estudo.

3.1.2.4. Influência da Restrição Naturalidade sobre o Uso da Lateral Palatal /ʎ.

GRÁFICO 05. Naturalidade por Estado.

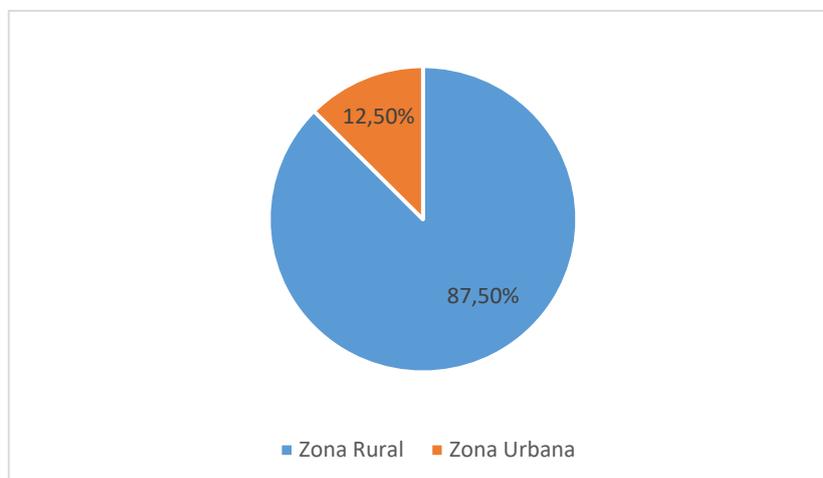


FONTE: (Autoria própria)

No referente à naturalidade, se se levar em conta o Estado de origem, dos 8 participantes da pesquisa, obteve-se o seguinte: 5 pessoas do Estado do Maranhão, 2 do Piauí e 1 do Ceará. Logo houve 62,50% de maranhenses, 25% de piauienses e 12,50% cearenses.

Os dados acima confirmam cabalmente o pensamento de Corazza, (s.d. p.12), a formação populacional de Araguaína é preferencialmente de nordestinos, notadamente de maranhenses, piauienses e cearenses. As feiras são uma amostra deste número de pessoas do Nordeste. O fato de a maioria ser da zona rural também é fator influenciador preponderante nesta situação. Quando se restringe para zona rural ou urbana, temos 7 pessoas da zona rural, o que corresponde a 87,50% e 12,50% da zona urbana. Somente 1 pessoa da zona urbana. Veja-se:

GRÁFICO 06. Zona Rural/Urbana



FONTE: (Autoria própria)

A população araguainense é em sua grande maioria, do nordeste, notadamente do Maranhão, Piauí e Ceará (CORAZZA, s.d. p. 12).

O presente resultado coincide perfeitamente com a afirmação de Corazza. Há mesmo um alto índice de maranhenses, e não houve um sequer que não fosse nordestino.

Diferentemente do estudo levado a cabo por Silva, (1997 apud FREIRE, 2016) que apontou que em Iguatu no Ceará, tanto na zona urbana quanto rural a preferência foi pela variante [ʎ]; aqui, se deu de forma diferente pois em termos de localidade, a zona rural atingiu índice de 87.50% e o falar rural tende a se aproximar mais da variante inovadora [j], a chamada iotização. Isto confirma a hipótese defendida.

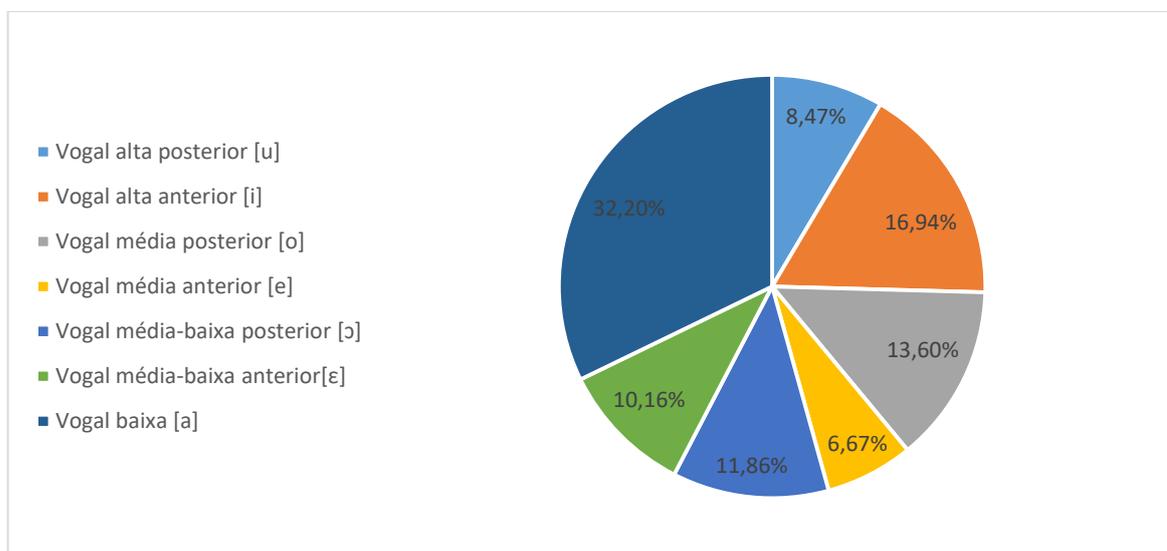
Aquele estudo só envolveu cearenses, e somente da cidade de Iguatu, enquanto que aqui se envolveu pessoas de três Estados e neles os cearenses são pouco mais de 30%.

3.1.2.5. Influência da Restrição Contexto Fonológico Precedente sobre o Uso da Lateral Palatal /ʎ/.

O resultado encontrado para o Contexto Fonológico Precedente endossa tanto a hipótese creditada na metodologia, quanto os trabalhos dos estudiosos Madureira (1987), Brandão (1996) e Soares (2002) que defendem que a vogal baixa [a] é apontada como tendo peso mais favorável à variante [j] no contexto em foco.

Note-se que a referida vogal, das 59 ocorrências, obteve 19, atingindo 32,20% o que não é desprezível, visto que das 7 vogais abordadas, o índice de 32,20% da vogal baixa [a] é considerável.

GRÁFICO 07. Contexto Fonológico Precedente



FONTE: (Autoria própria)

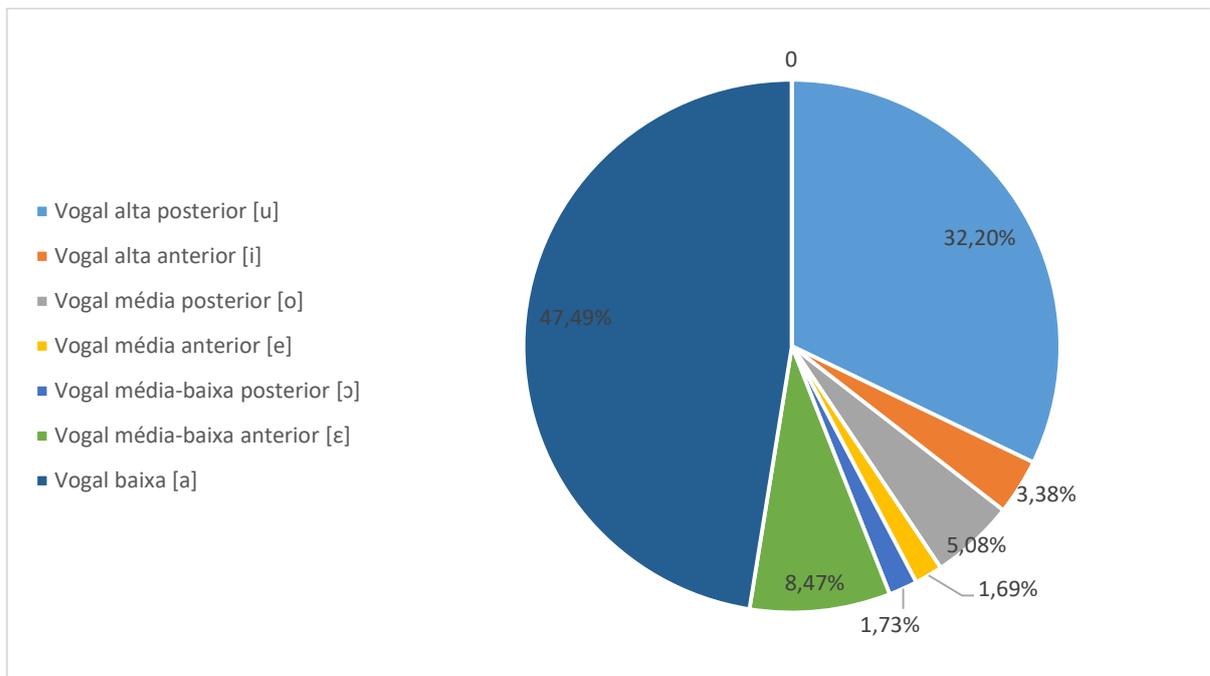
Logo em seguida as vogais que mais favoreceram a variante [j] em ordem decrescente foram: a vogal alta anterior [i], com 16,94%, correspondente a 10 ocorrências, seguida da vogal média posterior [o], com 13,60%, com 8 ocorrências. Esta última defendida por Brandão (2006 apud QUANDT, 2014), como uma das vogais que também favorecem a variante [j] neste tipo de contexto.

3.1.2.6. Influência da Restrição Contexto Fonológico Seguinte sobre o Uso da Lateral Palatal /ʎ/.

O resultado demonstra que a hipótese descrita na metodologia se confirmou fortemente, pois em termos de contexto fonológico seguinte, de acordo Freire (2011), a variante [j], (iotização) ocorre normalmente em presença de vogal baixa [a], hipótese também defendida por Madureira (1987), Brandão (1996) e Soares (2002). Isso se deu em 47,49%, isto é, 28 das 59 ocorrências totais.

Os dados colhidos junto aos feirantes são, portanto, ratificadores da hipótese e do pensamento dos quatro teóricos supracitados.

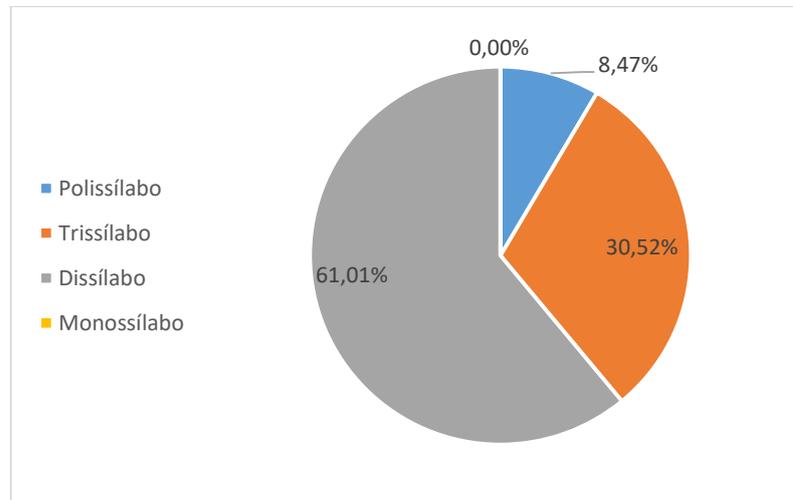
GRÁFICO 08. Contexto Fonológico Seguinte



FONTE: (Autoria própria)

3.1.2.7. Influência da Restrição Extensão do Vocábulo sobre o Uso da Lateral Palatal /ʎ/

GRÁFICO 09. Extensão do Vocábulo



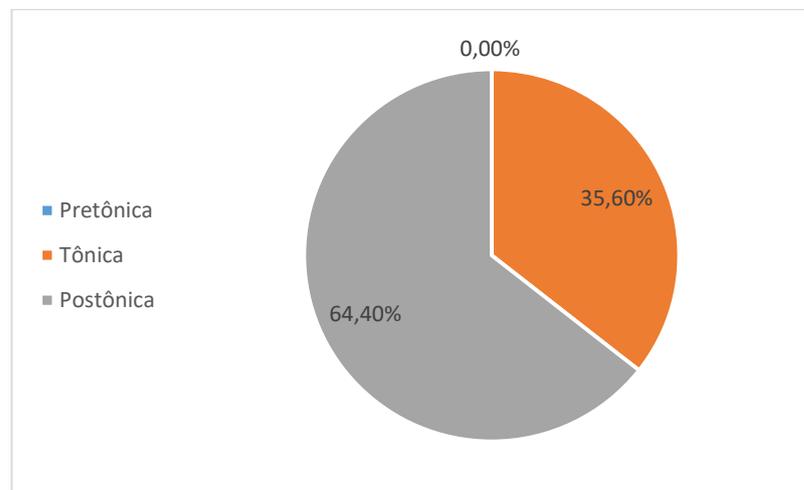
FONTE: (Autoria própria)

Cabe lembrar que conforme Santos (2012), a iotização, que é o realizar da palatal /ʎ/, como a variante [j] é também conhecida como vocalização e que Ferreira (2011) vai dizer que a iotização se dá mais em vocábulos dissílabos. Como percebemos, a iotização prevaleceu justamente nessas palavras num percentual de 61,01%, isto é, 36 das 59 ocorrências.

Percebemos pela quantidade de ocorrências de dissílabos, que realmente estes favorecem a escolha de nossos feirantes, isto é, a variante [j] o que ratifica tanto a hipótese da pesquisa quanto o pensamento dos dois teóricos supramencionados.

3.1.2.8. Influência da Restrição Tonicidade sobre o Uso da Lateral Palatal /ʎ/.

GRÁFICO 10 – Tonicidade



FONTE: (Autoria própria)

A hipótese defendida na metodologia se confirmou com bastante ênfase, visto que nela vislumbramos que a iotização prevaleceria e assim se fez.

Outra coisa que se confirmou, e que é corroborado também por Santos (2012), é o fato de quando a lateral palatal /ʎ/, ocorre em sílaba postônica, esta favorece a variante [j], e que, se em posição pretônica ocorre o contrário, há o desfavorecimento da presente variante.

A confirmação portanto da hipótese em ambos os casos (postônica e pretônica) é gritante, uma vez que 64,40% das ocorrências foram das postônicas, 38 das 59 totais, indicando a iotização e que 0,00% foi a ocorrência das pretônicas.

Pela análise, percebemos que a maioria das variáveis extralinguísticas e linguísticas influenciaram a realização a palatal /ʎ/ em sua variante [j] e foram confirmadas as hipóteses levantadas na metodologia em sua totalidade. Prevaleceu a iotização.

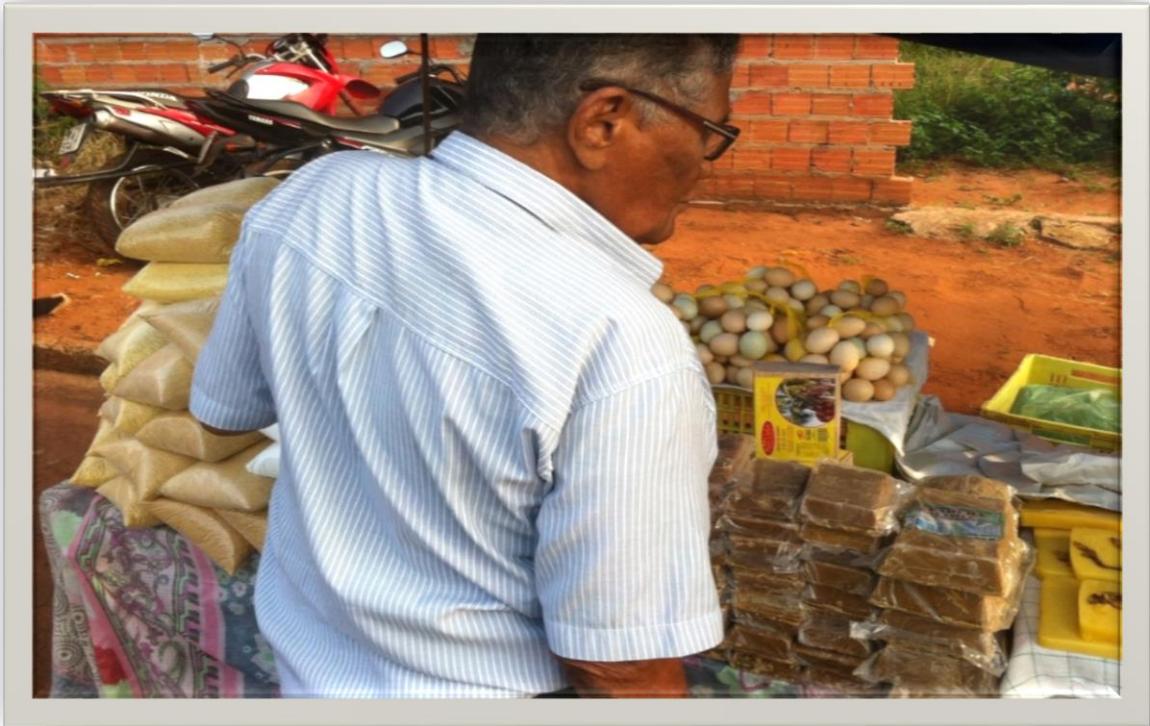
FIGURA 09. Barraca Tangenciando o Supermercado Superbox JK, Feira do JK



FONTE: (Autoria própria)

Ao lado da banca está o Supermercado (Superbox JK), é o representante do circuito superior da economia e que divide os fregueses desta feira do JK.

FIGURA 10. Freguês Sendo Atendido na Feira do JK



FONTE: (Autoria própria)

A feira só vai da esquina que aí é vista até a próxima esquina. A banca em foco oferece a venda de ovos, farinha, rapadura, queijo, requeijão e batida. O dono da banca também faz parte da Feira do Mercado Municipal, tanto na Feira Coberta quanto na não Permanente que ocorre nos fins de semana.

No que se refere ao território e à territorialidade, notamos que o fator naturalidade, em seus vieses, origem, zona rural, formação populacional de Araguaína, local de produção tanto de produtos quanto em termos culturais foram bastante produtivas para influenciar na questão da tendência à iotização.

3.2. Feira do Entroncamento

Apresentar-se-ão os dados colhidos na segunda das três feiras livres tanto em tamanho quanto em movimentação.

Os feirantes dão conta de que esta feira já foi às margens da BR 153, à semelhança da Feira do JK.

Não foram encontrados documentos comprobatórios, mas somente informações coletadas oralmente.

Esta feira disputa com a do Mercado Municipal em termos de quantidade de vendedores e de diversidade de produtos oferecidos ao público. E isso a despeito de dividir feirantes e inclusive pioneiros da mesma.

FIGURA 11: Feira do Entrocamento e Imediações



Logo depois passar-se-á à análise destes resultados a começar por uma visão geral e, em seguida com cada uma das variáveis extralinguísticas e linguísticas.

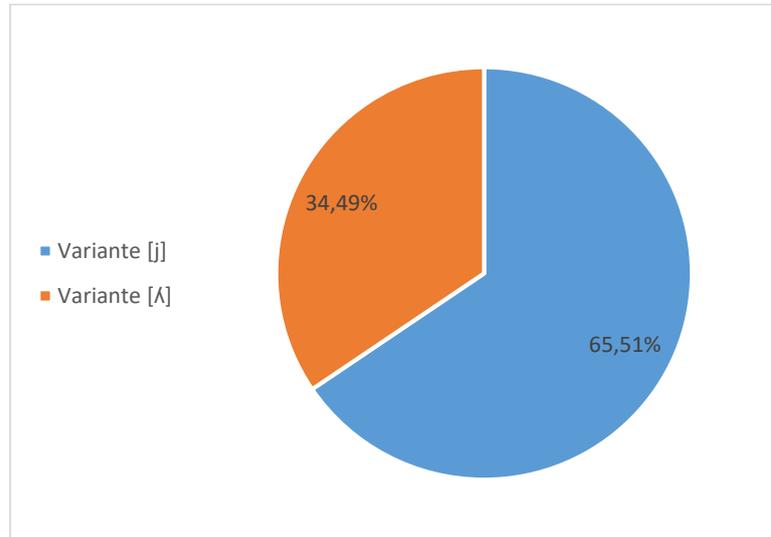
O público alvo específico desta feira foi de 8 participantes, sendo destes, 4 mulheres e 4 homens.

3.2.1. Visão Geral do Resultado por Variante

No que tange ao Resultado Geral por Variante, num total de 58 ocorrências conseguidas nesta feira, 38 delas, o equivalente a 65,51% favoreceu a variante [j], enquanto que 20 delas, 34,49%, a variante [λ].

O afirmado está de pleno acordo com o que se defendeu na metodologia. Na sequência serão esclarecidas as nuances do resultado geral quando serão abordadas as variáveis extralinguísticas e linguísticas.

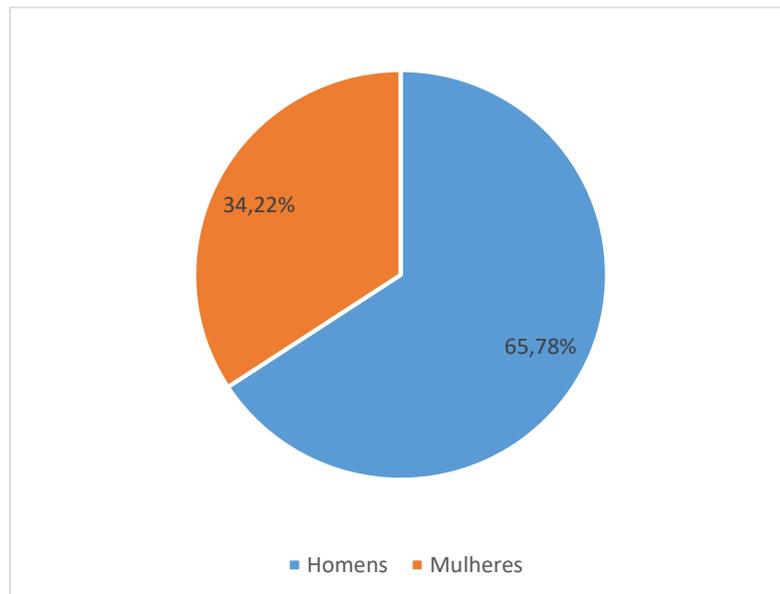
GRÁFICO 11 – Resultado Geral por Variante



FONTE: (Autoria própria).

3.2.2. Influência da Restrição Sexo sobre o Uso da Lateral Palatal /ʎ/.

GRÁFICO 12 – Variante [j] por Sexo



FONTE: (Autoria própria).

Ao iniciar a abordagem da variante prevalecente [j], analisa-se a variável sexo e seu peso na escolha da iotização.

Aqui foram 38 ocorrências, sendo que 25 ocorrências por parte dos homens e 13 ocorrências por parte das mulheres preferindo a variante em questão, o correspondente à 65,78% e 34,22%, respectivamente.

Esta variável se mostrou bastante produtiva com relação à escolha da variante.

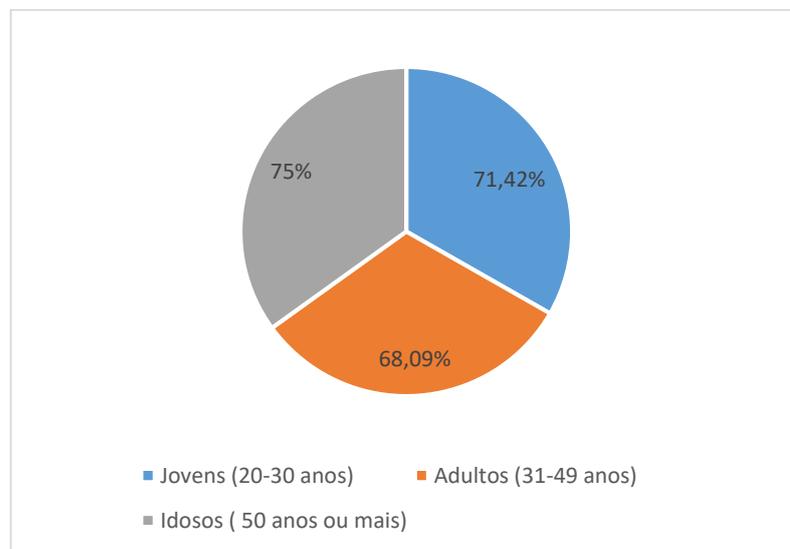
Veja-se que 65,78% dos homens inquiridos fizeram opção pela variante inovadora [j]. Resultado esperado com base na hipótese defendida.

Enquanto os homens optaram pela variante inovadora [j], as mulheres agiram ao contrário.

Segundo Fischer (1958, apud MOURA, 2009) e Paiva (2003), as mulheres fazem opção por variantes não estigmatizadas e que inclusive normalmente só passam a usar uma variante inovadora quando esta não é mais estigmatizada e que os homens contrariamente não se preocupam com isso. O resultado revela exatamente o que ora se afirma.

3.2.3. Influência da Restrição Idade sobre o Uso da Lateral Palatal /ʎ/.

GRÁFICO 13 – Realização da Variante [j] por Idade



FONTE: (Autoria própria)

De um total de 58 ocorrências, envolvendo as duas variantes, [ʎ] e [j], dos jovens (20-30 anos), tivemos 7 ocorrências, sendo 5 delas favorecendo a variante [j], o equivalente a 71.42%; dos adultos (31-49 anos), tivemos 47 ocorrências, sendo 32 delas favorecendo a variante [j], 68,09% e de idosos (50 anos ou mais): 4 ocorrências, sendo 3 delas favorecendo a variante [j], o equivalente a 75%.

O gráfico mostra já o resultado final da preferência por idade somente no que tange à variante prevalecente [j].

Há aqui uma variação estável ou uma mudança em curso?

Cabe lembrar que Labov (1972) diferencia variação estável de mudança em curso ao dizer que aquela ocorre quando jovens e adultos a utilizam de forma semelhante, e esta, quando sua ocorrência está em fase crescente entre os jovens.

Ao analisar o gráfico é facilmente perceptível que há uma variação estável.

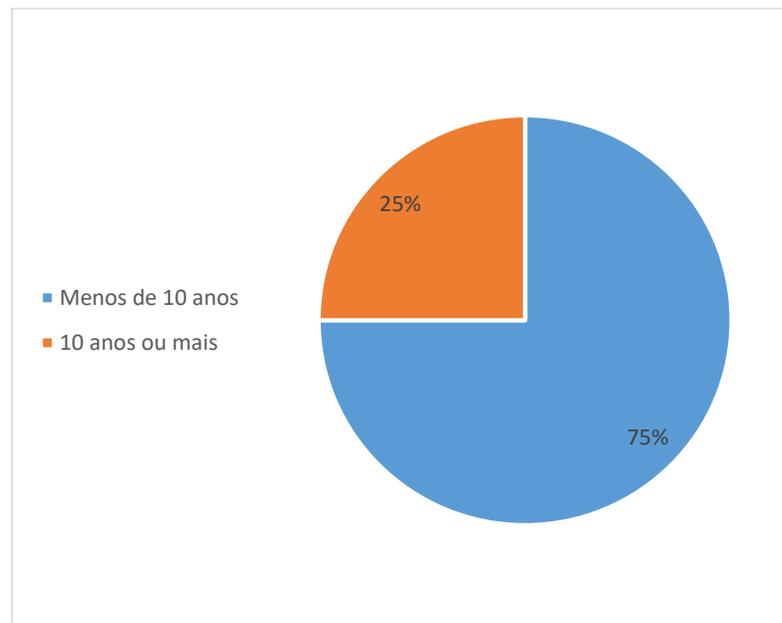
Os índices percentuais apontam para uma mínima diferença entre as idades: 71,42 %; 68,09% e 75%. Respectivamente, para jovens, adultos e idosos.

Segundo Bailey (2002) isso não é uma verdade absoluta, visto que quando se trabalha com a variável idade é possível ocorrer equívocos, até mesmo porque esta pesquisa se firma na questão do tempo aparente, e sendo assim, não é suficiente para descrever o itinerário da evolução de uma língua.

O que se pode dizer é que esta dissertação funciona para mostrar traços de como se encontra o processo evolutivo entre os pesquisados aqui enumerados.

3.2.4. Influência da Restrição Escolaridade sobre o Uso da Lateral Palatal /ʎ/.

GRÁFICO 14 – Anos de Escolaridade



FONTE: (Autoria própria)

Dentre os 8 participantes de pesquisa abordados, 6 deles têm menos de 10 anos de escolaridade, 75%, enquanto que somente 2 têm 10 anos ou mais de escolaridade, 25%.

É sabido que a quantidade de anos de escolaridade influencia fortemente na escolha entre uma variante conservadora ou inovadora.

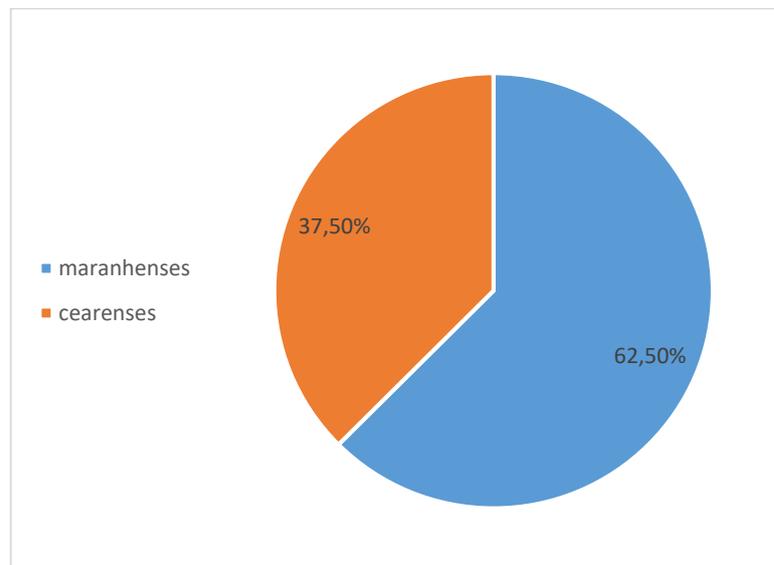
Quanto menos anos de escolaridade maior a tendência para a escolha da variante inovadora. Isso se dá tanto em nível vocabular, semântico, de concordância ou fonológico (VOTRE, 2003).

No caso em tela, é o nível fonológico que está em jogo, e pelo gráfico se percebe claramente que a afirmação de Votre (2003) se confirma de forma assaz, veja-se que os 75% de menos escolarizados representam justamente aqueles que prezaram pela variante inovadora [j].

Os resultados reafirmam a hipótese defendida na metodologia e ratifica o pensamento dos estudiosos supracitados.

3.2.5. Influência da Restrição Naturalidade sobre o Uso da Lateral Palatal /ʎ/.

GRÁFICO 15. Naturalidade por Estado

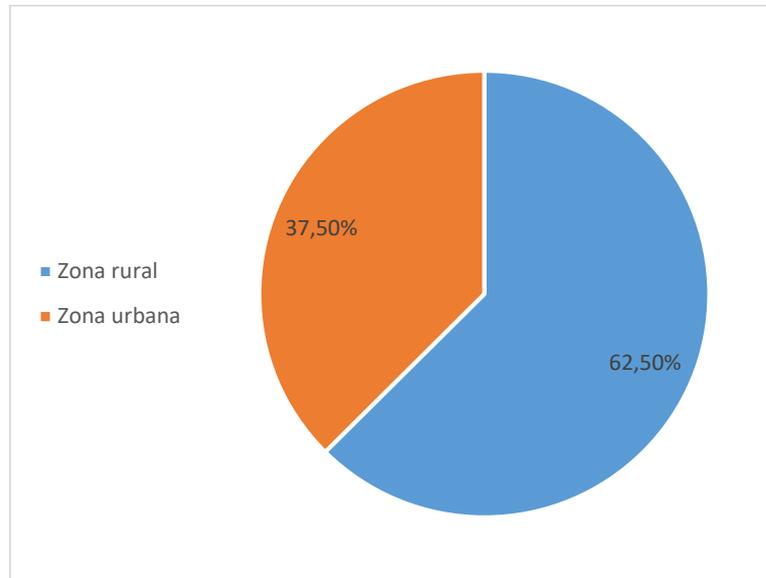


FONTE: (Autoria própria)

No referente à naturalidade por Estado, das 8 ocorrências, 5 são do Maranhão, 62,50% e 3 do Ceará, 37,50%. A população de Araguaína tem um forte sangue nordestino nas veias (CORAZZA, s.d. p. 12). Quando se restringe por zona, o panorama é o seguinte: zona urbana 3 e zona rural 5, sendo 37,50% e 62,50%, respectivamente.

A grande maioria das pessoas de Araguaína são de origem nordestina, logo isso também se reflete no ambiente da feira. (CORAZZA, s.d. p. 12).

GRÁFICO. 16 – Zona Rural/Urbana



FONTE: (Autoria própria)

Os dados aqui elencados mostram justamente o pensar do autor supra, visto que no Gráfico por Estado se vê claramente que foram 62,50% de maranhenses e 37,50% de cearenses. Da mesma forma como previsto no capítulo da metodologia, a despeito do estudo realizado por Silva (1997, apud FREIRE, 2016), no qual resultou que tanto pessoas da zona rural quanto da urbana da cidade de Iguatu – CE pronunciavam a lateral palatal [ʎ], como a variante [ʎ], e o motivo teria sido justamente porque desta forma se estaria considerando a variante como de prestígio; aqui, a contrário senso, haveria resultado diferente.

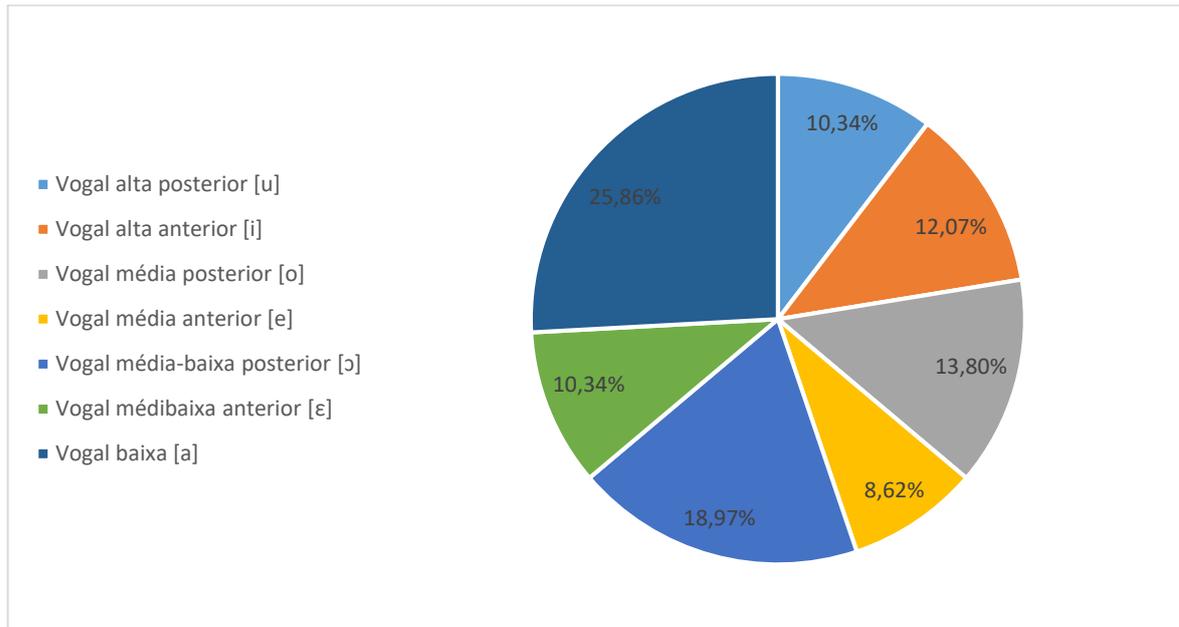
Visto que a maioria, ainda que nordestina como o são os da pesquisa mencionada, sua maioria é da zona rural e que dificilmente iriam pronunciar a variante padrão pois o falar dessas pessoas se aproximaria mais dos falares estigmatizados, variantes linguísticas inovadoras. O Gráfico por Zona Rural/Urbana teve como maioria a rural com o índice de 62,50% das ocorrências.

No estudo mencionado acima todos eram nordestinos cearenses e inclusive só de Iguatu, já aqui temos pessoas de dois Estados e os cearenses são a minoria, desta forma o resultado é diametralmente oposto. Ou seja, a despeito de parte de nosso público alvo se parecer com o do estudo de Silva (1997, apud FREIRE, 2016), (pois uma pequena parte é de

cearenses), a grande maioria é de outro Estado (de maranhenses) e nosso público é composto maiormente por pessoas da zona rural.

3.2.6. Influência da Restrição Contexto Fonológico Precedente sobre o Uso da Lateral Palatal /ʎ/.

GRÁFICO 17. Contexto Fonológico Precedente



FONTE: (Autoria própria).

Pelo Gráfico Contexto Fonológico Precedente se percebe claramente que a vogal baixa [a], com 15 das 58 ocorrências, 25,86%, foi a que mais favoreceu a ocorrência da variante [j].

O resultado tanto confirma a hipótese deste trabalho quanto os estudos levados a cabo por Madureira (1987), Brandão (1996) e Soares (2002) que asseveram que esta é a vogal que mais favorece a variante citada neste tipo de contexto.

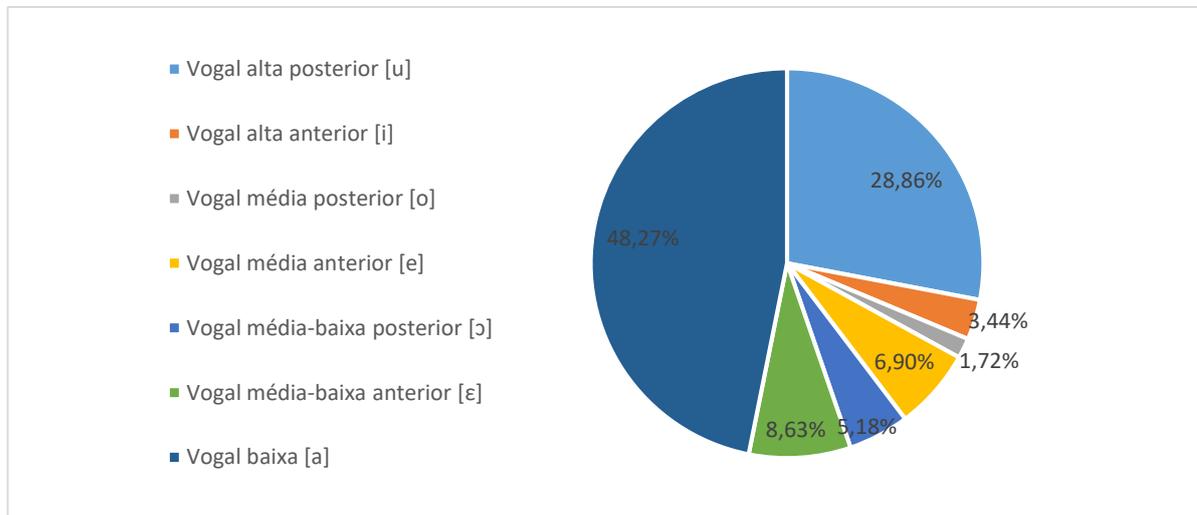
Em seguida as vogais que também tiveram um papel importante neste mister foram: a vogal média-baixa posterior [ɔ], com 11 das ocorrências, 18,97% e a vogal média-baixa anterior [ɛ], com 6 das ocorrências, 10,34%.

Cabe lembrar que Silva e Moreira (1997), além de apontarem como favorecedoras da variante [j] a vogal baixa [a], corroborando com os autores já citados, enumeram também estas ditas vogais: média-baixa anterior e média-baixa posterior dando maior fundamentação ao resultado encontrado.

O resultado é a reafirmação dos pensamentos dos 5 teóricos acima mencionados além de ser a clara confirmação da hipótese descrita na metodologia.

3.2.7. Influência da Restrição Contexto Fonológico Seguinte sobre o Uso da Lateral Palatal /ʎ/

GRÁFICO 18. Contexto Fonológico Seguinte

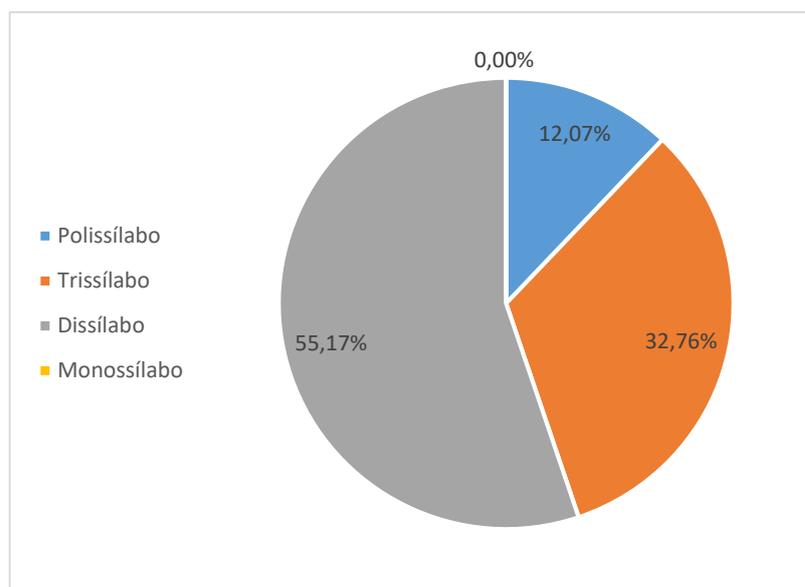


FONTE: (Autoria própria)

No que tange ao Contexto Fonológico Seguinte, o que se observou foi que de fato a vogal baixa [a], com 28 das 58 ocorrências, 48,27%, foi a grande responsável pela tendência à variante [j], iotização, ratificando o que diz Freire (2011) e ao mesmo tempo a hipótese defendida na metodologia.

3.2.8. Influência da Restrição Extensão do Vocábulo sobre o Uso da Lateral Palatal /ʎ/.

GRÁFICO 19. Extensão do vocábulo

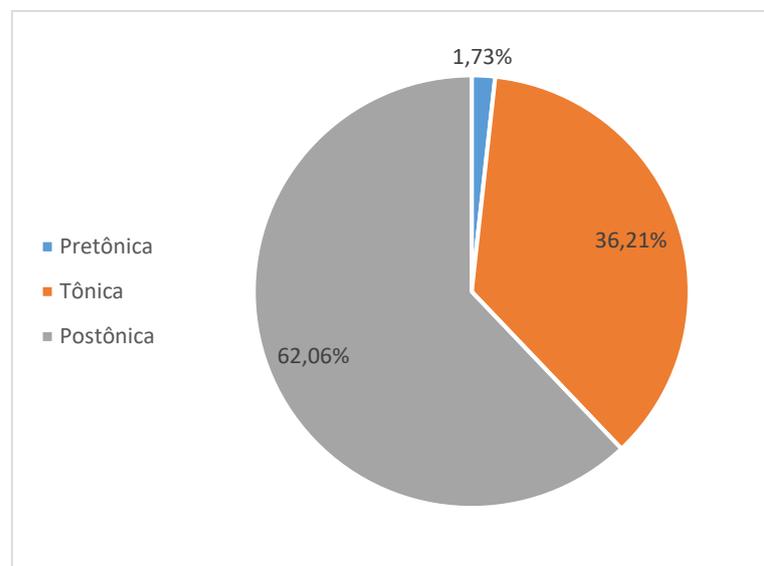


FONTE: (Autoria própria)

A iotização, que é a realização da palatal /ʎ/ como a variante [j], é também chamada de vocalização. (SANTOS, 2012). Ferreira (2011), defende a ideia de que a iotização tem maior ocorrência em vocábulos dissílabos. Os dados coletados comprovam tanto o pensamento de Santos (2011), quanto a hipótese defendida na metodologia. Note-se que o resultado nos dissílabos alcançou os 55,17%, ou seja, 32 das 58 ocorrências.

3.2.9. Influência da Restrição Tonicidade sobre o Uso da Lateral Palatal /ʎ/.

GRÁFICO 20. Por Tonicidade



FONTE: (Autoria própria)

Santos (2012) diz que quando a lateral palatal /ʎ/, acontece em sílaba postônica, o favorecimento é dado à variante [j], e, contrariamente, no outro extremo, o não favorecimento se dá quando esta tem ocorrência em sílaba pretônica.

O gráfico em análise é muito claro e conseguiu demonstrar que Santos (2012) tinha toda a razão pois as sílabas postônicas foram as maiores favorecedoras da iotização [j], com 62,06%, o que equivale a 36 das 58 ocorrências e de outro lado as pretônicas com apenas 1,73%, com apenas 1 ocorrência. Isso comprova tanto a ideia de Santos (2012) como a hipótese da dissertação.

Pode-se perceber, pelas análises aqui levadas a cabo, que todas as variáveis extralinguísticas e linguísticas corroboraram juntamente para a prevalência da iotização, isto é, a realização da lateral palatal [ʎ] em sua variante [j].

No referente ao território e à territorialidade, a variável naturalidade em especial quando restringida à zona de origem, em sua maioria rural, como vista acima, 5 dos 8 participantes da pesquisa, ou seja, 62,50%, foi a grande influenciadora.

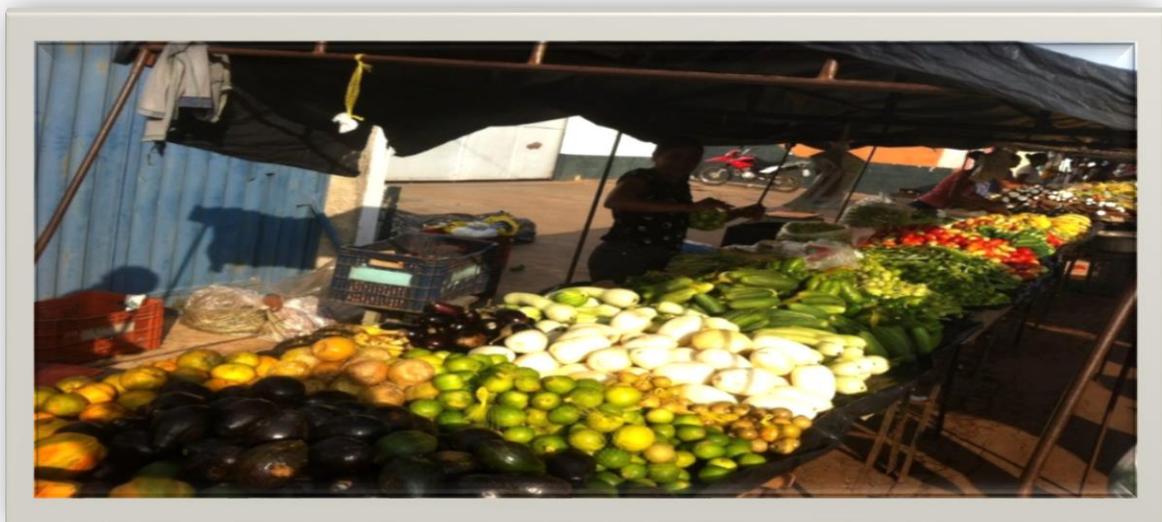
FIGURA 12. Frenesi dos Fregueses na Feira do Entroncamento



FONTE: (Autoria própria)

Feira do Entroncamento: É difícil se movimentar entre seus estreitos corredores.

FIGURA 13. Feirantes em Atendimento na Feira do Entroncamento



FONTE: (Autoria própria)

A variedade é enorme. É de encher os olhos.

3.3. Feira do Mercado Municipal

FIGURA 14: Feira do Mercado Municipal e Imediações



Fonte: Autoria própria.

Far-se-á a análise dos resultados desta que é a principal feira de Araguaína.

Como se esperava, nesta houve o maior número de ocorrências em relação às duas feiras anteriores.

O público alvo específico foi de 8 pessoas, sendo 4 mulheres e 4 homens.

Ela é a única das três feiras pesquisadas que possui um galpão onde fica a feira permanente.

Possivelmente por causa de sua centralização, por ser a mais antiga e por possuir este galpão onde ficam a praça de alimentação, o shopping popular do mercado e as gôndolas possui uma maior movimentação de mercadoria, pessoas e serviços.

Interessante que esta feira já foi na Praça das Bandeiras, depois próximo ao Colégio Guilherme Dourado e somente depois nesta atual localização.

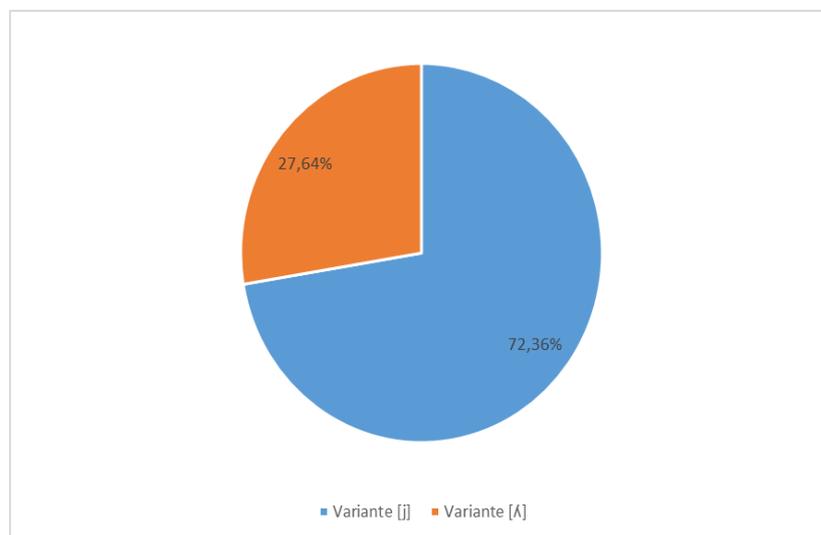
Uma parte desta feira costeia uma das maiores redes de Supermercados de Araguaína, o Campelo. Muitos dos feirantes daqui frequentam as três feiras mas principalmente a Feira do Entroncamento.

Boa parte dos que tem sua própria banca dentro do Galpão também saem destes locais para atuarem nas ruas durante a feira livre de cada final de semana normalmente realizando promoções. A parte da feira livre vai de sexta-feira até domingo aproximadamente meio dia.

Primeiramente os dados serão analisados em visão geral das duas variantes presentes na fala destes sujeitos socioespaciais e logo após se discorrerá variável por variável.

3.3.1. Visão Geral do Resultado por Variante.

GRÁFICO 21. Resultado Geral por Variante



FONTE: (Autoria própria)

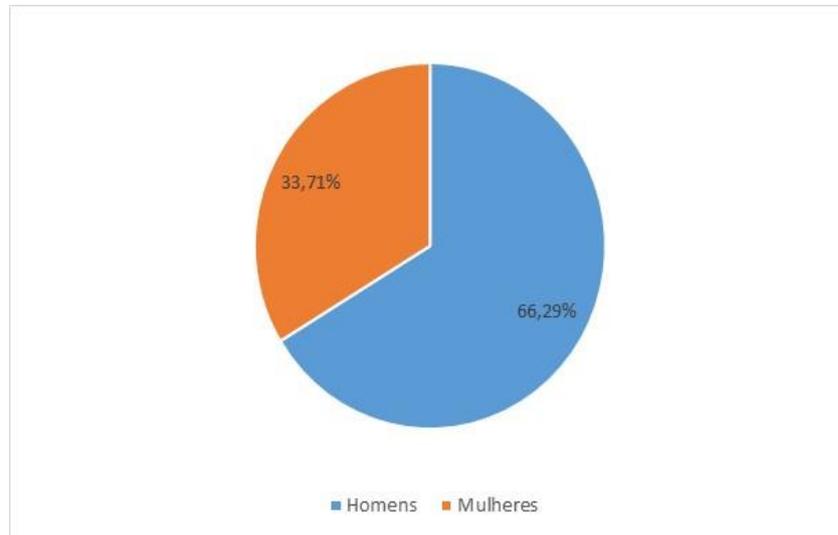
Dentro do universo de 123 ocorrências, 89 delas se deram em favorecimento da variante [j], 72,36%, enquanto que com relação à variante [ʎ], houve 34 ocorrências, 27,64%.

No gráfico acima é plenamente visível a enorme presença da variante [j] frente à variante [ʎ]. O resultado confirma claramente a hipótese disposta na metodologia.

Com a análise das variáveis linguísticas e extralinguísticas a seguir, discorrer-se-á sobre os motivos pelos quais a iotização prevaleceu também nesta feira.

3.3.2. Influência da Restrição Sexo sobre o Uso da Lateral Palatal /ʎ/.

GRÁFICO 22 – Variante [j] por Sexo:



FONTE: (Autoria própria).

O resultado mostra que a hipótese exarada na metodologia (a iotização) foi ratificada pelos resultados apresentados.

Fischer (1958 apud MOURA, 2009), diz que as mulheres têm maior tendência a preferirem as variantes conservadoras e que normalmente só adotam uma inovadora quando esta atinge prestígio social indiferentemente de terem vieses semânticos, morfológicos, sintáticos ou fonológicos. Por outro lado, os homens não laboram com esta preocupação.

Visualiza-se que a defesa deste quesito levado a efeito pelo autor acima é corroborado largamente por esses resultados.

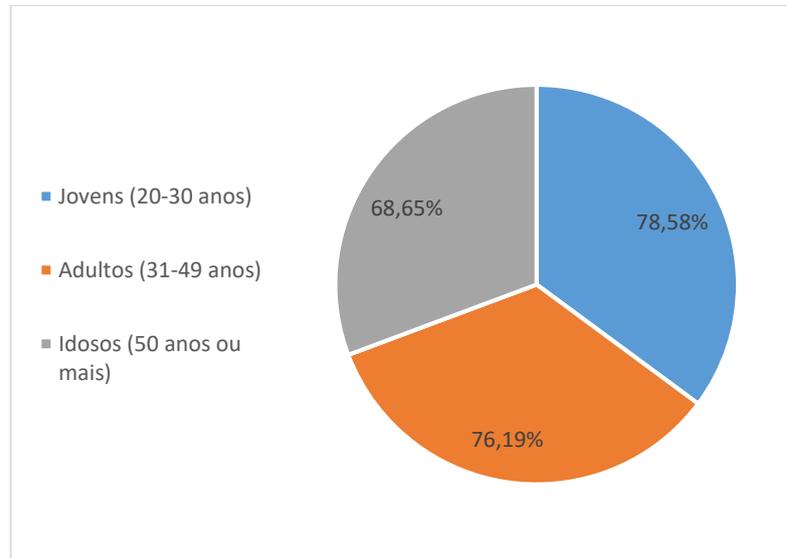
Vê-se que os feirantes homens preferiram a variante [j] em proporção quase que o dobro das mulheres: 59 e 30, respectivamente.

É uma forte demonstração de como realmente as mulheres preferem as variantes conservadoras e os homens as inovadoras.

Mais uma vez reforça a hipótese defendida na metodologia e o pensamento dos dois teóricos acima elencados.

3.3.3. Influência da Restrição Idade sobre o Uso da Lateral Palatal /ʎ/.

GRÁFICO 23. Variante [j] por Idade



FONTE: (Autoria própria)

Do total geral de 123 ocorrências, envolvendo as duas variantes, [ʎ] e [j], os jovens (20-30 anos), tiveram 14 ocorrências e, delas, 11, o correspondente a 78,58%, favoreceu a variante [j]; os adultos (31-49 anos), tiveram 42 ocorrências, e delas, 32, o equivalente a 76,19%, favoreceu a variante [j] e os idosos (50 anos ou mais), tiveram 67 ocorrências, delas, 46, o que equivale a 68,65%, preferiu a variante [j], ou seja, todos indiferentemente da idade, favoreceram a iotização.

O gráfico acima mostra o resultado final das idades para a variante [j]. É importante se falar sobre a variável idade, saber que quando nela jovens e adultos utilizam a mesma variante sem distinção, há uma variação estável, e, caso contrário, a mudança em curso, quando a dita variante se encontra em crescimento entre os jovens (LABOV, 1972).

Levando em conta o citado acima, e pelos dados aqui aquinhoados, se percebe que há uma variação estável, haja vista que a diferença entre as idades é mínima, senão veja-se: Jovens 78,58%, adultos 76,19% e Idosos 68,65%.

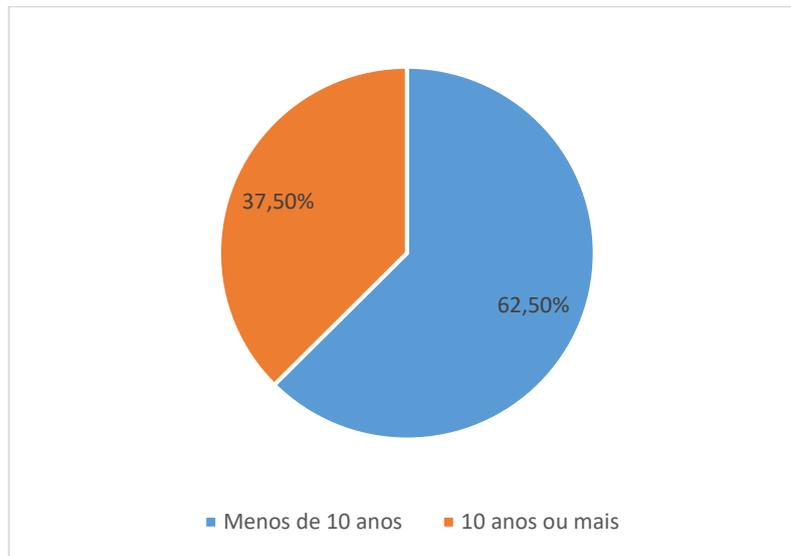
Este resultado não é próprio para revelar o caminho evolutivo de um idioma, até porque é baseado em uma pesquisa de tempo aparente. Se se quisesse se propor a isso nestas condições, poder-se-ia incorrer em equívocos.

Diante do supracitado no parágrafo anterior, esta dissertação objetiva dar uma visão geral de como está nos dias atuais este referido processo em meio aos feirantes do Mercado Municipal.

O resultado não somente ratifica a hipótese mencionada na metodologia, como o pensamento de Labov (1972).

3.3.4. Influência da Restrição Escolaridade sobre o Uso da Lateral Palatal /ʎ/.

GRÁFICO 24. Por Escolaridade



FONTE: (Autoria própria)

Dentro de um conjunto 8 pessoas pesquisadas, 5 delas têm menos de 10 anos de escolaridade, 62,50%.

Já os que tem 10 anos ou mais de escolarização foram apenas 3, ou seja, 37,50%. Para Votre (2003), a escolaridade é a grande guardiã das variantes de prestígio.

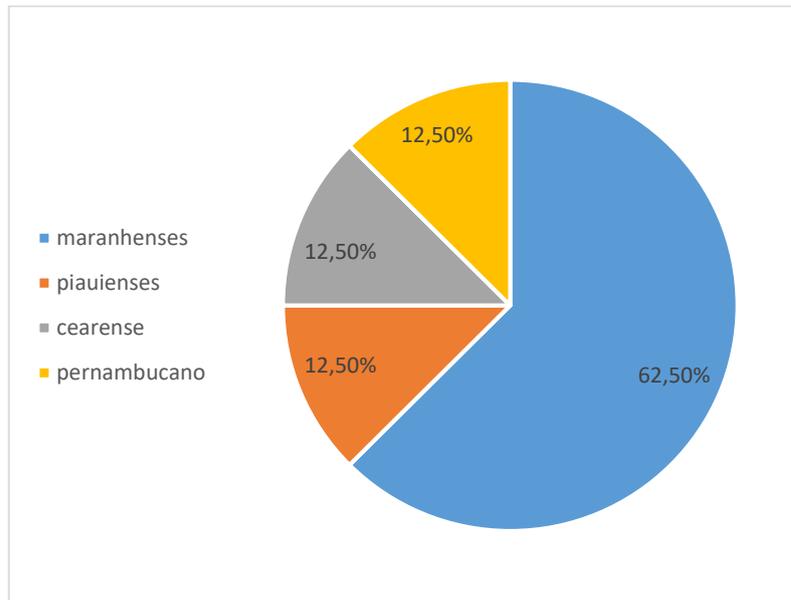
À proporção que se aumenta os anos de escolaridade, aumenta na mesma proporção a preferência por este tipo de variante. Quanto menos anos de escolaridade, maior preferência pelas variantes inovadoras.

Isso pode ocorrer semântica, vocabular e fonologicamente e até em termos de concordância. A hipótese da dissertação foi exatamente neste sentido, a preferência seria pela variável inovadora, no caso a iotização. Tudo isso se confirmou bem como o pensamento de Votre (2003).

Pelo que se vê a maioria dos feirantes tem menos de 10 anos de escolaridade o que leva à conclusão que corresponde ao Ensino Fundamental, pois este é composto de 9 anos de escolarização e claro que isso induziu a opção pela variante inovadora.

3.3.5. Influência da Restrição Naturalidade sobre o Uso da Lateral Palatal /ʎ

GRÁFICO 25. Naturalidade por Estado



FONTE: (Autoria própria)

Ao falarmos de naturalidade por Estado, do total de 8 pessoas pesquisadas, 5 são do Maranhão, 1 do Piauí, 1 do Ceará e 1 de Pernambuco. Logo temos 62,50% de maranhenses, 12,50% de piauienses, 12,50% de cearenses e 12,50% de pernambucanos.

De fato Corazza (s.d., p. 12), estava certo: Araguaína tem uma forte população de nordestinos em especial maranhenses.

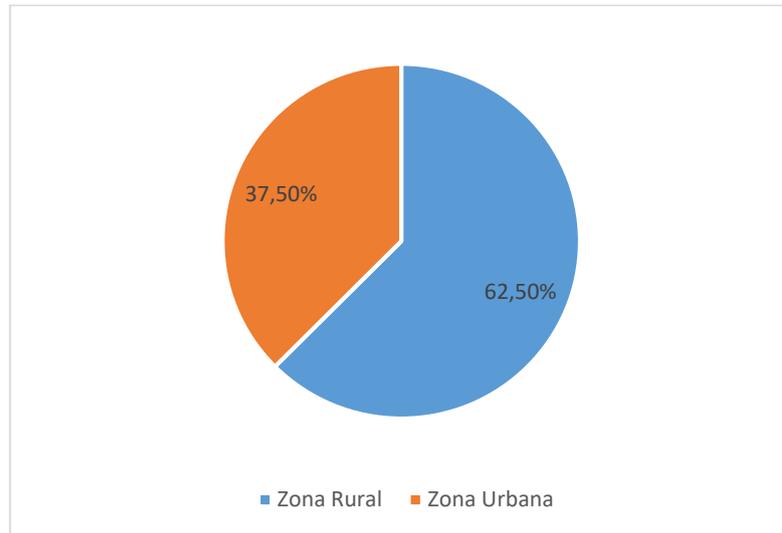
Esta naturalidade, em seu viés de zona rural, é grande influenciadora do resultado ora descrito.

No referente à zona, temos os seguintes resultados: 5 pessoas, portanto 62,50% são da zona rural e somente, 3 delas, 37,50% são da zona urbana.

Apesar do estudo realizado por Silva (1997 apud FREIRE, 2016), levado a cabo em Iguatu no Ceará, resultar que a maioria dos participantes da pesquisa fez opção pela variante [ʎ], quer tenham sido da zona rural, quer da urbana e que o motivo teria sido porque optaram pela variante de prestígio porque foram obedientes à norma padrão da língua, o estudo aqui é diametralmente oposto, lá eram da zona urbana e zona rural, aqui a imensa maioria é da zona

rural, 62,50%, lá era somente de nordestinos iguatenses, aqui é de nordestinos de quatro Estados (Maranhão, Ceará, Piauí e Pernambuco) e de regiões diferentes de cada Estado. Se comparados com a quantidade de maranhenses, os cearenses aqui são minoria.

GRÁFICO 26– Zona Rural/Urbana



FONTE: (Autoria própria).

Sendo eles majormente da zona rural, seria de se esperar que a opção fosse por variantes inovadoras vez que nestes casos seu falar normalmente se aproxima destas.

A hipótese defendida para este trabalho foi ratificada.

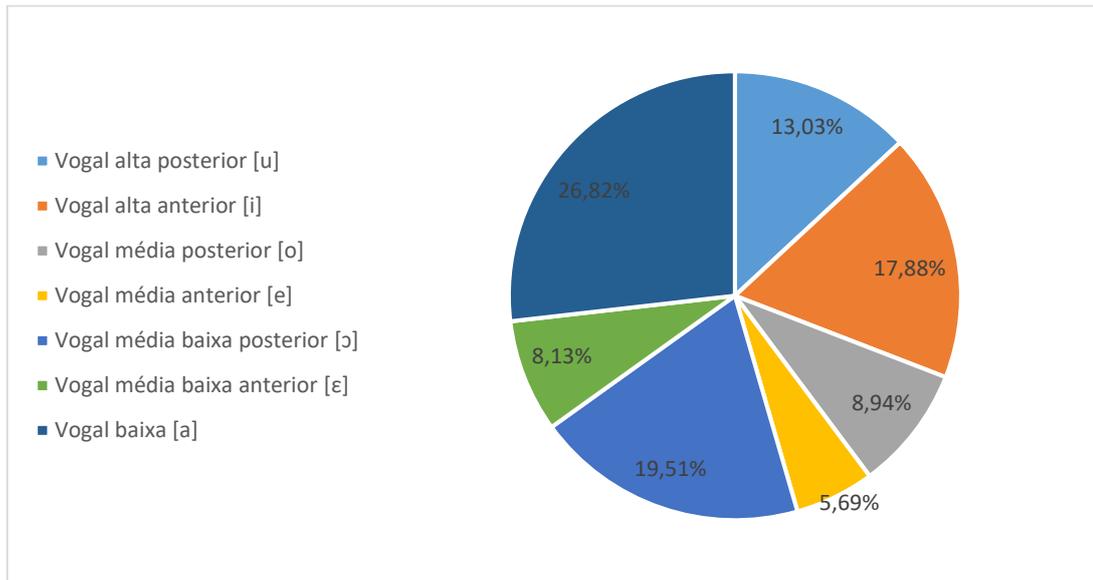
3.3.6. Influência da Restrição Contexto Fonológico Precedente sobre o Uso da Lateral Palatal /ʎ/.

Madureira (1987), Brandão (1996) e Soares (2002) defendem que a vogal baixa [a] é a que mais favorece a ocorrência da variante [j] neste tipo de contexto.

De uma gama de 123 ocorrências, 33 delas, o equivalente a 26,82% foi de vogal baixa [a]. Pela observação do gráfico abaixo se percebe que o pensamento destes estudiosos se confirma de maneira bastante patente bem como a hipótese desta dissertação.

Na sequência, cabe ressaltar que a segunda vogal mais produtiva no favorecer à variante em questão foi a vogal média-baixa posterior [ɔ], com 24 ocorrências, 19,51%.

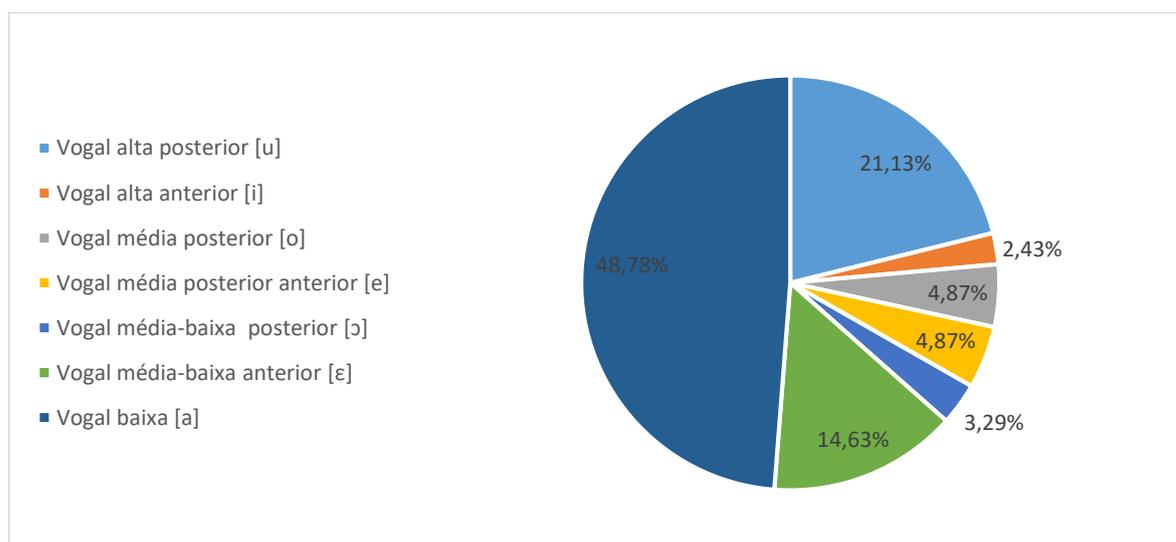
Conforme Silva e Moreira (1997), que também apontam a vogal baixa [a] como grande favorecedora da variante [j] neste tipo de ambiente, citam a vogal media-baixa também como grande favorecedora da mesma.

GRÁFICO 27 – Contexto Fonológico Precedente

FONTE: (Autoria própria).

Os resultados obtidos nesta feira comprovam o pensamento defendido pelos 5 autores acima citados que unanimemente defendem que a vogal baixa [a] é a grande influenciadora da variante inovadora [j] neste tipo de contexto, atingiu um patamar de quase 30% em meio a um universo de 7 vogais. Além do que, Silva e Moreira (1997) incluem aí as vogais médias-baixas, a exemplo da média-baixa posterior [ɔ], que foi bastante produtiva entre estes sujeitos sociolinguísticos.

3.3.7. Influência da Restrição Contexto Fonológico Seguinte sobre o Uso da Lateral Palatal /ʎ/.

GRÁFICO 28 – Contexto Fonológico Seguinte

FONTE: (Autoria própria)

Percebeu-se pelos resultados que a vogal que mais influência teve para a grande ocorrência da variante [j] foi a vogal baixa [a] com 60 das 123 ocorrências, o equivalente a quase metade delas, exatos 48,78%.

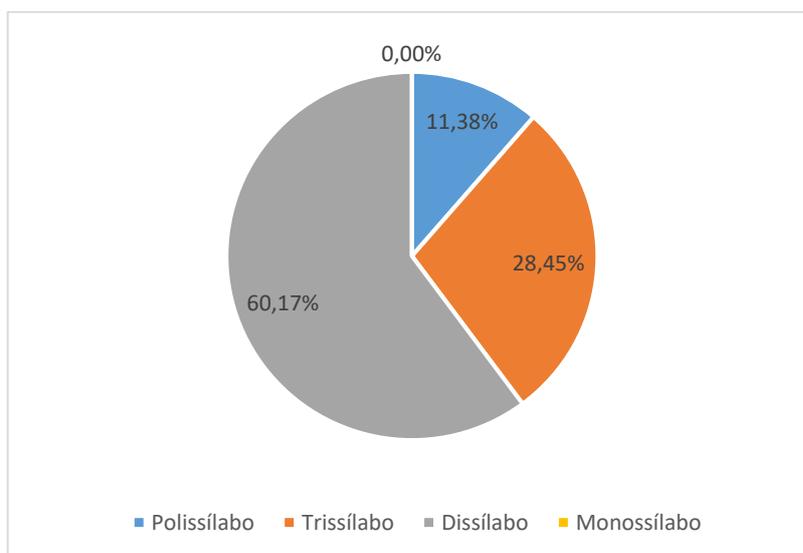
Conforme Freire (2011) a variante [j], iotização, acontece mais na presença da referida vogal baixa [a]. O pensamento de Freire e a hipótese da metodologia se confirmaram.

3.3.8. Influência da Restrição Extensão do Vocábulo sobre o Uso da Lateral Palatal /ʎ/.

A iotização é a realização da lateral palatal /ʎ/ como a variante [j], e é um tipo de vocalização (SANTOS, 2012). A iotização ocorre maiormente em palavras dissílabas (FERREIRA, 2011).

Bem, pelo gráfico abaixo se percebe claramente a presença da vogal baixa [a], na qual, dentro de um universo de 123 ocorrências, 74 foram delas, com um patamar de 60,17%, o que confirma o pensamento de Ferreira (2011), bem como a hipótese deste trabalho.

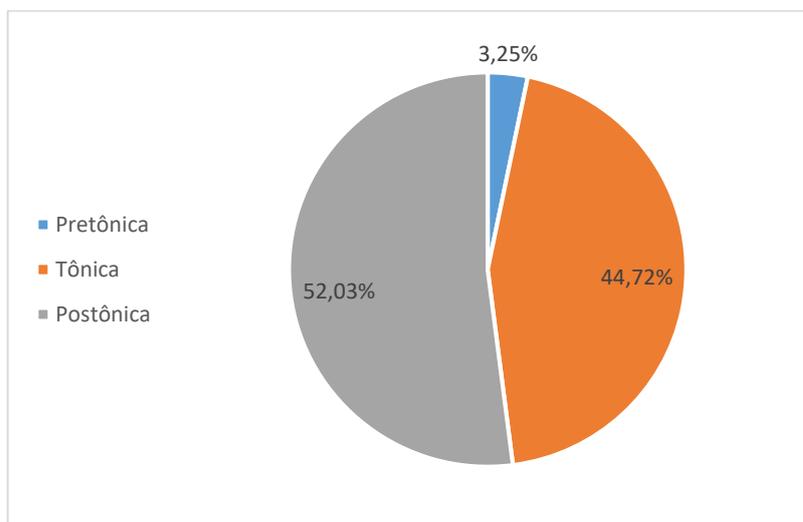
GRÁFICO 29 – Por Extensão do Vocábulo



FONTE: (Autoria própria).

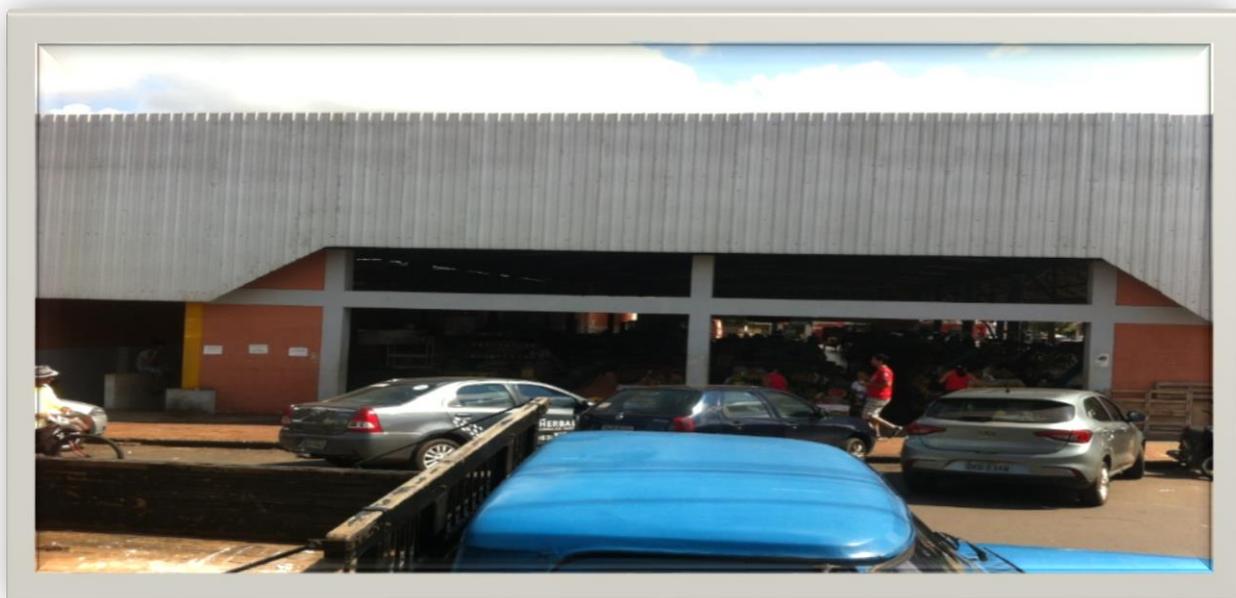
3.3.9. Influência da Tonicidade sobre o Uso da Lateral Palatal /ʎ/.

Em termos de favorecimento à variante [j], quando a lateral palatal /ʎ/ está em sílaba pretônica ele é mínimo, quando em sílaba postônica, ele é consideravelmente grande. Este pensamento é corroborado por (SANTOS, 2012).

GRÁFICO 30. Por Tonicidade

FONTE: (Autoria própria)

O gráfico 29 é uma prova cabal do pensamento de Santos (2012), visto que no que tange à sílaba pretônica, sua ocorrência foi de apenas 4, das 123 totais, o que perfaz 3,25%, enquanto que na postônica, este panorama muda drasticamente subindo ao nível de 64 ocorrências, perfazendo 52,03%. Isso não somente está a ratificar o pensamento do dito autor, como também a hipótese da presente dissertação.

FIGURA 15. Galpão do Mercado Municipal, Feira do Mercado Municipal

FONTE: (Autoria própria)

A foto apresenta uma visão geral do galpão da parte da Feira Permanente.

FIGURA 16. Coco Babaçu ainda Verde e Resina de Jatobá, Feira do Mercado Municipal



FONTE: (Autoria própria)

A foto mostra o quanto a feira traz o rural para o urbano. São produtos frescos às vezes retirados da natureza ainda no dia anterior ou no mesmo dia. Produtos frescos é um dos fortes das feiras livres. Pelas análises aqui efetuadas, viu-se que todas as variáveis, tanto extralinguísticas quanto linguísticas, favoreceram a tendência à iotização, a realização da lateral palatal /ʎ/ como em sua variante [j]. Notou-se também que novamente fatores relacionados o território e territorialidade foram influenciados grandemente pela variável naturalidade especialmente no referente à zona rural, com 5 das 8 pessoas, pertencente à mesma, o que corresponde à 62,50%.

3.3.10. Diálogo entre os Resultados das Três Feiras

Antes de se adentrar aos resultados sociolinguísticos, é importante ressaltar que as três feiras livres, para além do que comercializam, compram, vendem, precisam ser concebidas como espaços educacionais e pedagógicos não formais de aprendizagem que revelam o âmbito educativo do trabalho com o desenvolvimento humano.

As três feiras precisam ser entendidas como ambientes singulares de educação popular e de produção cultural criados e recriados pelos feirantes.

São saberes do trabalho, saberes pedagógicos, saberes matemáticos, que se veem presentes em todas elas. Estas operações, em especial as matemáticas, usadas no cotidiano são bem eficazes até para pessoas com dificuldade de leitura e escrita, são maneiras de se repensar as fórmulas matemáticas “padrões” em meio às suas práticas contributivas sócio-educativo-econômico-culturais.

Estes saberes se consubstanciam nas territorialidades das feiras bem como na manutenção de seu território.

O percebido nas feiras vai ao encontro do pensamento de Almeida (2009), em sua dissertação de mestrado com o título: *Fazendo a feira: Estudo das Artes de Dizer, Nutrir e Fazer Etnomatemático de Feirantes e Fregueses da Feira Livre do Bairro Major Prates em Montes Claros – MG*. Nesse trabalho o autor enfatiza o viés dos saberes pedagógicos e do trabalho levados a efeitos pelos feirantes.

Estes conhecimentos são estratégias de sobrevivência material e simbólica ensinadas gratuitamente. É contribuição dos feirantes para a formação educacional geral deles mesmos e dos fregueses. Estes saberes se caracterizam por atitudes, gestos, performances do corpo, movimentações e formas de dizer, maneira de agir, criando um tecido de sociabilidades por eles experimentadas no ambiente desses territórios construídos e reconstruídos no dia a dia.

As feiras do Mercado Municipal, do Entroncamento e do JK são meios visíveis de se oferecer alternativas de emprego para muitas pessoas de baixa renda, bem como espaço de sociabilidade pois ali se vive um clima de amizade e ajuda mútua.

Nelas se vê um dando a mão ao outro: quando um não tem mercadoria, logo indica um amigo. Quando alguém precisa ir embora mais cedo, pede para que o outro venda sua mercadoria para ele. Quando não se tem troco e o colega também não, um empresta o valor do troco e ao final da feira fazem os acertos.

O ato de pesar, cortar as mercadorias do tamanho exato, argumentos de convencimento são saberes compartilhados com todos os transeuntes que por ali passam.

Apesar das dificuldades e da concorrência, as feiras têm se mantido presentes nas paisagens contemporâneas como lugares de encontro, tradições e prática de sentidos e significados.

Às contribuições em termos culturais como acima descritas, somam-se as variações linguísticas que estão encaixadas nas artes de dizer das feiras (ALMEIDA, 2009).

A despeito das diferenças entre as três feiras, sejam em tamanho, seja em movimento, seguem a seguinte ordem crescente, Feira do JK, Feira do Entroncamento e Feira do Mercado

Municipal, elas têm muito em comum. Interessante notar que o número de ocorrências realmente se deu na mesma proporção do tamanho e movimento das feiras. Quanto maior, em tamanho e movimento, maior a quantidade de ocorrências.

Uma das coisas em comum são os feirantes. Muitos deles trabalham em pelo menos 2 delas, em especial na do Mercado Municipal e do Entroncamento. Mas há também quem vá do Mercado Municipal para a do JK e vice-versa. Em todas elas os homens tenderam mais à iotização que as mulheres, confirmando que as mesmas são mais propensas a se utilizar da variante de prestígio inversamente à tendência masculina que prevaleceu.

Quando analisada a variável idade, percebe-se que há uma variação estável e não uma mudança em curso vez que independentemente dela (idade) a variante foi pronunciada indistintamente mantendo somente uma minúscula diferença.

A maioria dos participantes da pesquisa, tem menos de 10 anos de escolaridade, oscilando entre 62,50% e 87,50%. Esta situação influenciou grandemente pela escolha da iotização, (variante [j]), pois esta é uma variante inovadora, e quanto menos escolaridade, maior preferência por elas.

Outra semelhança é a origem: todos os abordados são nordestinos, com imensa maioria de maranhenses, a maioria é da zona rural sendo que na Feira do JK chega próximo de 90%. Isso fez com que, além da baixa escolaridade, o fato de serem rurais, o falar deles se aproximasse da variante inovadora [j].

Isso também influenciou o território e a territorialidade da cidade e maiormente das feiras livres, pois a despeito disso, eles vêm da zona rural nos fins de semana e permanecem firmes e fortes apesar de todas funcionarem, quando não ao lado, muito próximo de grandes supermercados.

No contexto fonológico precedente houve uma forte tendência pela vogal baixa [a], variando entre mais de 25% a mais de 32%. Este índice da presença da vogal baixa [a] aumentou para quase 50% em contexto fonológico seguinte. Os teóricos defendem que, em ambos os casos, dita vogal influencia a iotização [j].

No referente à extensão vocabular, houve a forte presença de dissílabos, variando entre o índice de mais de 55% a mais de 60%. A iotização [j] é fortemente favorecida em vocábulos desta extensão.

Quando nos referimos à tonicidade, foi um dos índices mais produtivos, pois os autores defendem que a iotização ocorre fortemente nas postônicas e minimamente nas

pretônicas. Pois bem, enquanto nas pretônicas os índices ficaram entre 0% e 3,25%, as postônicas variaram entre mais de 52% até mais de 64%.

Nas três feiras, quando analisadas todas as variáveis extralinguísticas e linguísticas, estas direcionaram para o resultado comum: a iotização, a realização da lateral palatal /ʎ/ como em sua variante [j]. E quando analisamos o Resultado Geral por Variante houve uma tendência muito próxima ao percentual de 70% ou mais. Senão veja-se: JK com 76,26%, Entroncamento com 65,51% e Mercado Municipal com 72,36%.

REFLEXÕES FINAIS

Reflexão significa ato de refletir, concentrar-se sobre algo. No caso em tela este debruçamento é sobre o trabalho ora finalizado.

Falar-se-á sobre as dificuldades, os caminhos traçados e percorridos, os sucessos e insucessos, as possibilidades que se abriram frente a ele e a que resultado se chegou e como.

A pesquisa realizou-se nas três principais feiras de Araguaína: a Feira do JK, a Feira do Entroncamento e a Feira do Mercado Municipal.

Caso se fosse querer ordenar de forma crescente, ter-se-ia: Feira do JK, Feira do Entroncamento e Feira do Mercado Municipal.

Interessante se perceber que o total de ocorrências colhidas também seguem esta ordem: quanto maior a feira em tamanho e movimento maior o número de ocorrências a despeito de terem sido o mesmo número de pessoas por amostragem de cada feira.

Assim o total geral de pessoas das três feiras foi 24. Destas, 8 pessoas em cada uma e das 8 sendo 4 homens e 4 mulheres.

As semelhanças são imensas a começar por compartilharem parte de seus feirantes. Boa parte deles transitam entre uma e outra em especial entre a do Mercado Municipal e a do Entroncamento.

Nas feiras o apego ao local como expressão de pertencimento e de apropriação, bem como no sentido afetivo tanto no que tange ao espaço em si como com relação aos seus pares é algo que salta aos olhos.

Nas territorialidades da feira vemos a jocosidade presente nas artes de dizer, o forte uso de saberes populares matemáticos, visualizados nas artes de fazer, e a degustação e manipulação dos alimentos perceptíveis nas artes de nutrir. As variações linguísticas estão inscritas nas artes de dizer.

Assim sendo, este espaço tem sido rico e enriquecedor tanto do ponto de vista de saberes linguísticos, que é o ponto central da pesquisa, como do ponto de vista de saberes do trabalho, saberes pedagógicos e até saberes da saúde.

Neste trabalho buscou-se valorizar a performance destes sujeitos socioespaciais como: a originalidade das propagandas, as nuances das mesmas, as permutas não só de produtos, mas simbólicas que inebria a imaginação dos transeuntes e feirantes, pois antropologicamente, este é um lugar recheado de significados para quem vive a feira e desenvolve práticas sociais e compartilham conhecimento e vivência.

As feiras como representantes do circuito inferior da economia tem feito frente às grandes redes de supermercados que são os representantes do circuito superior. Para tanto têm tentado se reinventar e inclusive utilizar técnicas típicas do circuito superior.

Na reinvenção do circuito inferior, vemos que os feirantes: estão em dia com a tecnologia, aceitam cartão de crédito e débito, aceitam cheques, topam receber contraproposta, têm uma performance toda especial para convencer de que seus produtos são frescos, sem agrotóxicos e superiores ao do comércio concorrente.

No território da feira as relações econômico-político-sociais estão presentes e não deixam de consubstanciar-se no mover de interesses, significando e ressignificando o viver das territorialidades.

O Poder Público tem alocado e realocado os feirantes. Esta atitude tem sido vista de forma ambígua, vez que para alguns isso influencia na relação com o consumidor, na falta de liberdade de se estar em um “lugar” que é de praxe, nas constantes reuniões feitas por ele, na burocracia que muitas vezes tem feito com que a feira não aconteça em certos finais de semana e o resultado final que é o ganho tem minguado cada vez mais fazendo com que muitos passem a ter na feira uma espécie de “bico”, já que não tem mais rendido como dantes.

De outro lado há os que veem com bons olhos, para eles esta ação pública tem resultado em organização. Perceptível no melhor fluxo para os feirantes e fregueses, na localização mais fácil de certas mercadorias, pois ficaram separadas por área como: carne, frutas, verduras, roupas.

A relação rural/urbano tem contribuído para um enriquecimento cultural das feiras e da cidade. Seja sobre os conhecimentos destes dois lugares que da junção forma um novo, seja para a diversificação e talvez até para o surgimento de novas variações linguísticas.

Por meio desta pesquisa buscou-se identificar e analisar a variação linguística de feirantes de Araguaína TO, avaliando como se efetiva o uso da lateral palatal /ʎ/, bem como o território e territorialidade da mesma

No início se cria que seriam encontradas pelo menos quatro variantes da lateral palatal /ʎ/, que seriam: [ʎ], [j], [Ø] e [l]. Essa ideia permaneceu até quando se coletou mais dados, ao final foram tabulados e calculados e se viu que somente duas delas se mostraram produtivas, que foram somente as duas primeiras: [ʎ], [j]. Respectivamente: uma conservadora e uma inovadora.

Os resultados finais demonstraram a forte preferência pela variante inovadora [j], a chamada iotização.

As feiras têm muito mais em comum que em diferenças especialmente no que tange aos resultados da pesquisa, senão veja-se:

Nas três as pessoas do sexo masculino favoreceram mais a iotização, a vocalização da lateral palatal /ʎ/, como em sua variante [j] do que as mulheres, o que demonstrou de fato que eles tendem às variantes inovadoras enquanto que elas às de prestígio.

Ao se analisar a variável idade se notou que há uma variação estável e não uma mudança em curso pois a variante [j] foi favorecida quase que de forma igual independentemente dela (idade).

Os feirantes têm baixa escolaridade, a maioria tem menos de 10 anos de escolarização. O que corresponde ao Ensino Fundamental havendo feiras que beiraram os 90%.

A baixa escolarização foi preponderante para o favorecimento da iotização pois quanto menos estudos as pessoas têm maior favorecimento às variantes inovadoras.

A população de Araguaína é bastante nordestina, especialmente maranhense, é o que se nota ao se analisar a variável naturalidade.

Grande parte é da zona rural e em se tratando dos dados da feira do JK aproxima-se de 90%. Além da baixa escolaridade, a naturalidade, em especial o viés zona rural faz com que seu falar favoreça a variante inovadora [j], pois geralmente as pessoas da zona rural tendem a ter pronúncia que se aproxima das variantes inovadoras, “estigmatizadas”.

A naturalidade também influenciou o território e territorialidade de Araguaína e das feiras e ainda que estas façam parte do Circuito Inferior da Economia, permanecem firmes e fortes mesmo diante de suas localizações que são quando não ao lado de grandes supermercados, muito próximas.

Quanto ao contexto fonológico precedente, a ocorrência da vogal baixa [a] foi marcante, ficando entre mais de 25% e 32%. Ao ser analisado o contexto fonológico seguinte ocorreu um índice próximo a 50%. Observe-se que esta é a tendência nos dois tipos de contextos de acordo com os teóricos mencionados quando da análise dos dados a de que sua presença favorece a iotização [j].

Em termos de extensão dos vocábulos, foi bastante produtiva a presença de palavras dissílabas. Indo de mais de 55% a mais de 60%. Este tipo de palavras favorece a presença da variante [j].

No respeitante à tonicidade, esta foi uma das variáveis linguísticas mais produtivas.

Os autores elencados nas análises dos dados e na metodologia defendem que quando a lateral palatal /ʎ/ se encontra em sílaba pretônica, a iotização [j] é pouco favorecida e quando

em sílaba postônica é muito favorecida. Os resultados exaram com exatidão tal pensamento pois nas sílabas pretônicas os percentuais permaneceram entre 0% e 3,25% e nas postônicas, entre mais de 52% até mais de 64%.

As semelhanças não param por aí, pois em termos de resultados gerais, quando abordadas todas as variáveis sejam extralinguísticas e/ou linguísticas, essas foram na mesma direção: a iotização, isto é, a realização da lateral palatal /ʎ/ como em sua variante [j].

Tal afirmativa é corroborada nas análises dos Gráficos Resultados Gerais Por Variante nos quais os valores beiraram os 70% ou mais. Senão veja-se: JK com 76,26%, Entroncamento com 65,51% e Mercado Municipal com 72,36%.

Cabe lembrar que todas as hipóteses previstas na metodologia, hipóteses estas descritas logo após cada variável daquele capítulo, foram confirmadas com os resultados quer por parte das variáveis extralinguísticas quer linguísticas.

Esta é a primeira pesquisa sobre as variações linguísticas dos feirantes de Araguaína e anseia-se que se contribua:

No que tange às feiras livres, que haja reconhecimento de que estas possuem um papel preponderante em termos de renda, segurança de alimentos, agricultura da família, sociabilidade, identidades culturais e produção de territorialidades.

Na produção de um material didático-científico da história de Araguaína e das feiras, como ferramenta a ser utilizada nas escolas deste município, uma vez que há uma produção muito escassa nessa área.

Assim sendo, é de vital importância se pensar nelas não somente como espaço de comércio, mas onde ocorrem práticas educativas e pedagógicas relacionadas ao educar não escolar e de florescimento de saberes que necessitam ser debatidos no âmbito da academia e em especial nos conhecimentos sociolinguísticos.

A pesquisa sobre as feiras apresenta aportes que devem ser destacados na consecução das garantias subjetivas e coletivas sejam no acolher, seja no reconhecer de sua multiplicidade cultural.

Que se estimulem mais pesquisas que procurem tornar efetivos estes direitos na busca de melhores condições de vida, trabalho e educação para todos.

No que se refere às variações linguísticas, espera-se que pesquisas como estas despertem outras similares e que considerem que a linguagem é instituída e instituinte da cultura e da relação do homem com o espaço e o tempo e que compreendam e empreendam esforços de forma a contribuir para que a interdisciplinaridade se estabeleça e que assim não

fiquemos somente nos saberes compartimentados, disciplinares, mas tenhamos uma visão mais plural do mundo e que se perpassasse pelo perspectivismo, convergência, e combinação interdisciplinares, mobilizando tudo isso a favor não só dos conhecimentos sociolinguísticos, a exemplo das Variações Linguísticas, mas para a aquisição, produção e compartilhamento de todos os bens culturais.

Que haja conscientização de que não há uma variação linguística mais adequada do que outra, uma vez que há diferentes formas de se dizer a mesma coisa. A violência simbólica leva ao preconceito linguístico.

Buscou-se dar contribuição para a Sociolinguística como Ciência, especialmente no que se refere às pesquisas de caráter fonético-fonológico que seguem os princípios da sociolinguística variacionista laboviana, oferecendo subsídios para o entendimento do uso e também da teoria.

Anseia-se que a pesquisa possa ajudar em reformulações de políticas educacionais públicas, bem como orientar projetos escolares quer regionais quer a nível de Brasil, que valorizem as variantes linguísticas tão pulsantes num país de extensões continentais.

É importante também na descrição do Português Brasileiro (PB), nomeadamente as variantes tocantinenses. Urge mencionar que o estudo da linguagem nas interações sociais, possibilitam não apenas entender uma parte indispensável do universo do homem, seu aspecto simbólico, porém e sobretudo, partindo desse entendimento, intervir na realidade e modificá-la.

Uma das facetas desta intervenção pode estar ligada ao ensino da língua portuguesa, que precisa ser não apenas uma ferramenta por meio da qual o homem se relaciona oralmente de maneira eficiente, porém um instrumento para a liberdade do homem dos meios de subjugação, que presentes na sociedade, submete o próprio homem.

Que contribua ainda para o respeito por cada variante das comunidades de fala pois esta é a trilha para se quebrar paradigmas na busca pela liberdade linguística, e isso se consegue com o conhecimento destas variantes e dos procedimentos sociolinguísticos que fazem florescer seus usos, de maneira que se mitigue os variados preconceitos linguísticos tão enraizados no dia a dia e inclusive no âmbito da escola. Este é um dos mais admiráveis aportes da sociolinguística para a sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Marlucy Sousa. **A Construção e Desconstrução de Territórios às Margens da BR-153, no Município de Araguaína.** Araguaína: UFT, 2006. Trabalho de Conclusão de Curso.

ALMEIDA, Severina Alves de. **Etnossociolinguística e Letramentos: Contribuições Para Um Currículo Bilíngue e Intercultural Indígena.** Apinajé. Tese de Doutorado. Orientadora: ROSINEIDE MAGALHÃES DE SOUSA. -- Brasília, 2015. 358 p.

ALMEIDA, Shirley Patrícia Nogueira de Castro e. **Fazendo a feira:** estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático de feirantes e fregueses da Feira Livre do Bairro Major Prates em Montes Claros – MG. 2009. 135f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Montes Claros. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social. Montes Claros-MG, 2009.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **A despalatalização e iotização no Atlas Linguístico da Paraíba.** In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, I. *Atas.* V. II, Dialetoлогия e Sociolinguística. Salvador: UFBA, 1997.

ARAGUAÍNA (TO). **Câmara Municipal.** 1991. Disponível em:< <http://araguaina.to.leg.br/legislacao/leis-municipais/page/133/>>. Acesso em: 03 out. 2018.

_____. **Câmara Municipal.** 2015. Disponível em:< <http://araguaina.to.leg.br/legislacao/leis-municipais/page/133/>>. Acesso em: 03 out. 2018.

_____. **Câmara Municipal.** 2016. Disponível em:< <http://araguaina.to.leg.br/legislacao/leis-municipais/page/133/>>. Acesso em: 03 out. 2018.

ARAGUAÍNA (TO). **Prefeitura.** 2015. Disponível em:<<http://www.araguaina.to.gov.br/portal/pagi-nas.php?p=turismo>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

ARAÚJO, Claudivan Santiago de. **Araguaína:** história e atualidade. Araguaína: (s/Ed.). Secretaria Municipal de Educação, 2000.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso:** por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2011.

BAILEY, Guy. **Real and Apparent Time.** In: CHAMBERS, J. K; TRUDGILL, Peter; SCHILLING-ESTES, Natalie. *The Handbook of Language Variation and Change.* Oxford: Blackwell Publishers, 2002.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem.** 5. Ed. São Paulo: Hucitec, 1990. (título original, 1929).

BASÍLIO, Jucilene Oliveira Sousa. Os Usos das Estruturas com Estar + Gerúndio no Português Brasileiro. In: CARDOSO, Caroline Rodrigues; SCHERRE, Maria Marta Pereira; LIMA-SALES, Heloísa Maria Moreira; PACHECO, Cíntia (Orgs.). **Variação Linguística, Contato de Línguas e Educação: Contribuições do III Encontro do Grupo de Estudos**

Avançados de Sociolinguística da Universidade de Brasília. Campinas, SP: Pontes Editora, 2013.

BEVENISTE, E. **Estrutura da Língua e Estrutura da Sociedade.** In: Problemas de Linguística Geral II. São Paulo: Cia. Editora Nacional/EDUSP, 1989. (Título original, 1968).

BONNEMAISON, Jöel. **Voyage autour du territoire.** L'espace géographique, Paris, v. 10, n. 4, p. 249-262, 1981.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. / UFRJ, 1996.

_____. **Sobre a lateral palatal no Português do Brasil.** In: ASSIS, Rosa (org) **Estudo de língua portuguesa (e de todas as línguas que fazem a nossa).** Belém-PA: Unama, p. 63-86, 2006.

_____. **Um estudo variacionista sobre a lateral palatal.** Revista Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 42, n. 3, pp. 89-99, setembro de 2007.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRIGHT, SOCIOLINGUISTICS CONFERENCE. **As Dimensões da Sociolinguística.** In: FONSECA, M.S.V. (orgs.) Sociolinguística. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. (Título original, 1968).

BRITO, Eliseu Pereira de; DIAS, Reges Sodrê da Luz e Silva. **A Transformação do Território Econômico na cidade de Araguaína.** In: Encontro Nacional da ANPPAS, VI, 2012, Belém, PA. **Territórios e Usos da Terra na Amazônia.** Belém: ANPPAS, 2012. p. 1-15.

CÂMARA JR., J. Mattoso. **Manual de expressão oral e escrita.** Petrópolis: Vozes, 2001.

CASTRO, Adriana Lima de. **Visão de poder e sociedade nas obras do senador Benedito Ferreira: história, memória e representação.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Departamento de História – UFT, Araguaína, 2005.

CASTRO, Vandersi Sant' Ana. **A resistência de traços do dialeto caipira: um estudo com base em Atlas linguísticos regionais brasileiros.** (Tese de Doutorado) - Campinas, SP: [s.n.], 2006.

CHAMBERS, J. K. **Sociolinguistic Theory.** Oxford: Blackwell, 1995.

CHAVES, Lindinalva Messias do Nascimento; MELO, Francisca Eleni Silva de. **A despalatização /λ/ na fala da zona urbana de Rio Branco (AC).** Cadernos dos Anais do XIII do CNFL. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2009.

COAN, Márluce; FREITAG, Raquel Meister Ko. Sociolinguística Variacionista: Pressupostos Teórico-metodológicos e Propostas de Ensino. **Revista Eletrônica de Linguística,** São Paulo, v. 04, n. 02, p. 21, 2º semestre, 2010. Disponível em:<[http://www.seer.ufu.br/index.php/domínios de linguagem](http://www.seer.ufu.br/index.php/domínios_de_linguagem)>. Acesso em: 28 ago. 2018.

CORAZZA, Pe. Remigio. **Primórdios de Araguaína: Fatos e feitos**. Araguaína: (s/Ed.), (s.d.).

DIAS, Joaquim Pereira. 29 anos, maranhense, pioneiro da feira, 2018.

DURAND, G. **Multidisciplinarités et Heuristique**, in E. Portella (Org.), **Entre Savoirs. L.Interdisciplinarité en Acte: Enjeux, Obstacles, Perspectives**, Toulouse: Ères / Unesco, 1991. p. 35-48.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. (org.). **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.

FERREIRA, Milena Machado. **A Variação da Lateral Palatal Segundo Transcrição do Banco de Dados VARSUL**. Dissertação de Mestrado, Porto Alegre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2011. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/49688/000836037.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

FERREIRA NETTO, Waldemar. **Introdução à Fonologia da Língua Portuguesa**. 2ª ed. Revisada. São Paulo: Paulistana, 2011.

FISCHER, J. L. **Social influences on the choice of a linguistic variant**. Word: 1958.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. RJ: Graal, 1979.

FREIRE, Josenildo Barbosa. **A Variação da Lateral Palatal na Comunidade de Jacaraú (Paraíba)**. João Pessoa: PROLING, 2011.

_____. **Variação, estilo, atitude e percepção linguística: o caso das laterais /ʎ/ e /l/ no falar paraibano**. 2016. 233 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/9220/2/arquivototal.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2018.

GAGNÉ, G. **Língua Materna: Letramento, Variação & Ensino**. São Paulo: Parábola, 2002.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “Fim dos Territórios” à Multiterritorialidade**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

_____. **Identidades territoriais**. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999. p. 169-190.

_____. **Território e Multiterritorialidade: um Debate**. *GEOgraphia* - Ano IX - No17 – 2007.

_____. **Identidades territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (ou: do hibridismo cultural à essencialização das identidades)**. In: ARAÚJO, Frederico Guilherme; HAESBAERT, Rogério (Org.). **Identidade e Territórios: questões e olhares contemporâneos**. Rio de Janeiro: accs, 2007, p. 93-123.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Dados demográficos de Araguaína 1960-2000**. Araguaína, 2013.

_____. IBGE. **História & Fotos do Município de Araguaína**, 2015. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/araguaina/historico>>. Acesso em: 07 mar. 2019.

_____. IBGE. **Panorama do Município de Araguaína**, 2016. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/araguaina/panorama>. Acesso em: 27 fev. 2019.

_____. IBGE. **Panorama do Município de Araguaína**, 2018. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/araguaina/panorama>. Acesso em: 27 fev. 2019.

_____. IBGE. **Panorama do Município de Araguaína: Economia: PIB Per Capita**, 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/araguaina/panorama>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

_____. IBGE. **Panorama do Município de Araguaína: Educação: IDEB – Anos Finais do Ensino Fundamental**, 2015. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/araguaina/panorama>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

_____. IBGE. **Panorama do Município de Araguaína: Educação: IDEB – Anos Iniciais do Ensino Fundamental**, 2015. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/araguaina/panorama>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

_____. IBGE. **Panorama do Município de Araguaína: Educação: Taxa de Escolarização de 6 a 14 anos de idade**, 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/araguaina/panorama>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

_____. IBGE. **Panorama do Município de Araguaína: População: Densidade Demográfica**, 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/araguaina/panorama>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

_____. IBGE. **Panorama do Município de Araguaína: População: População Estimada**, 2018. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/araguaina/panorama>>. Acesso em: 27 fev. 2019.

_____. IBGE. **Panorama do Município de Araguaína: População: População no Último censo**, 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/araguaina/panorama>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

_____. IBGE. **Panorama do Município de Araguaína: Território e Ambiente: Arborização da Vias Públicas**, 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/araguaina/panorama>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

_____. IBGE. **Panorama do Município de Araguaína: Território e Ambiente: Área de Unidade Territorial**, 2016. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/araguaina/panorama>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

_____. IBGE. **Panorama do Município de Araguaína: Território e Ambiente: Esgoto Sanitário Adequado**, 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/araguaina/panorama>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

_____. IBGE. **Panorama do Município de Araguaína**: Território e Ambiente: Urbanização das Vias Públicas, 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/araguaina/panorama>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

_____. IBGE. **Panorama do Município de Araguaína**: Trabalho e Rendimento: Percentual da População com Rendimento Nominal Mensal per Capita de até ½ Salários-Mínimos, 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/araguaina/panorama>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

_____. IBGE. **Panorama do Município de Araguaína**: Trabalho e Rendimento: População Ocupada, 2015. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/araguaina/panorama>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

_____. IBGE. **Pesquisas**: Cadastro Central de Empresas: Número de Empresas Atuantes em Araguaína, 2015. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/araguaina/pesquisa/19/29761>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

_____. IBGE. **Pesquisas**: Índice de Desenvolvimento Humano – IDH: Série Histórica, 1991, 2000, 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/araguaina/pesquisa/37/30255?tipo=grafico>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

JAKOBSON, R. **Linguística e Poética**. In: Linguística e comunicação. São Paulo: Cultrix, 1970. (Título original, 1060).

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**/William Labov; tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. – São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

_____. **Principles of linguistic change: internal factors**. Oxford: Blackwell, 1994.

_____. **Principles of linguistic change: social factors**. Oxford: Blackwell, 2001.

_____. **Some sociolinguistic principles**. In: PAULSTON, Cristina Bratt; TUCKER, G. Richard (eds.). **Sociolinguistics: the essential readings**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 235-250.

_____. **Where does the Linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera**. In: **Sociolinguistic Working Papers**, 44, p-43-88, 1978.

LUCCHESI, Dante; ARAÚJO, Silvana. **A Teoria da Variação Linguística**. Disponível: <<http://www.vertentes.ufba.br/a-teoria-da-variacao-linguistica>>. Acesso em: 10 mar. 2019

MACHADO, Luzia da Cruz. **Minhas lembranças**. Araguaína: Gráfica e Editora Santa Rita, 2006.

MADUREIRA, Evelyne Dogliane. **Sobre as Condições da Vocalização da Lateral Palatal no Português**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

MEDEIROS, Antunes Euclides; CORMINEIRO, Olívia M.M. **Territórios e Linguagens Nas Fronteiras Amazônicas: Os Movimentos Narrativos de Territorialização na Obra Roteiro dos Tocantins**, de Lysias Rodrigues. Revista Territórios & Fronteiras, Cuiabá, vol. 10, n. 1, jan.-jul, 2017.

MEILLET, A. **Linguistique historique et linguistique génétiques**. Berna: Francke, 1992.

MOLLICA, Maria Cecília. **Fundamentação Teórica: Conceituação e Delimitação**. In: MOLLICA, Maria C.; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística – O Tratamento da Variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. **Fundamentação Teórica: Conceituação e Delimitação**. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.) **Introdução à Sociolinguística: O Tratamento da Variação**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

MOURA, Adriano Carlos de. **O comportamento da lateral pós-vocálica em posição de coda no falar Tocantinense: uma análise variacionista**. 2009. 90 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e ensino) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/6481/1/arquivototal.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2018.

OLIVEIRA, Dijeane de Almeida Lima de; MOTA, Jacyra Andrade. **As variantes do fonema lateral palatal em inquéritos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)**. III Seminário de pesquisa em Estudos Linguísticos e do III Seminário de Pesquisa em análise de Discurso. Anais. Vitória da Conquista, BA: Edições Uesb, 2007.

PAIVA, Marica C. de; DUARTE, Maria E. I. In: MOLLICA, Maria C.; Braga, Maria Luíza. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística – O Tratamento da Variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

POMBO, Olga. **Epistemologia de Interdisciplinaridade**. Ideação. Revista do Centro de Educação e Letras da UNIOESTE – Campus de Foz do Iguaçu. V. 10. nº 1. P. 9-40. 1º semestre de 2008.

_____. **Práticas Interdisciplinares**. Sociologias, Porto Alegre, ano 8, nº 15, jan/jun 2006, p. 208-249.

PORTAL O NORTE. Vitrine Cultural. Internauta araguaïnense posta fotos antigas de Araguaína no Facebook e se surpreende com repercussão. Araguaína, 2015. Disponível em: <<http://www.portalonorte.com.br/vitrinecultural-77453-internauta-araguaïnense-posta-fotos-antigas-de-araguaína-no-facebook-e-se-surpreende-com-repercussao.html>>. Acesso em: 07 mar. 2019.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In: RIBEIRO, Maria Therezinha; FENELON, Déa Ribeiro. **Revista Projeto História**. São Paulo, v. 14, Fev. 1997.

QUANDT, Vivian de Oliveira. **A Lateral Palatal no Português do Brasil e no Português Europeu**. 2014. 215f. Tese (Doutorado) – UFRJ/Faculdade de Letras/ Programa de Pós-

Graduação em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa), 2014. Disponível em: <<http://www.posvernaculas.letras.ufrj.br/images/Posvernaculas/4-doutorado/teses/2014/25-QuandtVO.pdf>> Acesso em: 31 out. 2018.

SÁ, E. J. **A Pesquisa Sociolinguística e a Seleção de Informantes**: O que sugere Fernando Tarallo? Web-Revista SOCIODIALETO: Bach., Linc., Mestrado Letras UEMS/Campo Grande, v. 4, nº 12, mai. 2014. Disponível em: <<http://www.sociodialeto.com.br.>>. Acesso em: 28 dez. 2018.

SACK, R. 1986. **Human Territoriality :its theory and history**. Cambridge : Cambridge University Press.

SANTOS, Cimara Borges dos. **A Belém-Brasília e Araguaína na década de 60**: uma breve reflexão histórica. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Departamento de História –UFT, Araguaína, 2005.

SANTOS, Karoline Biscardi. **Análise Variacionista da Vocalização da Lateral Palatal em Papagaios** – MG. 2012. 76f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras. 2012. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/MGSS-A6UNED/disserta__o_karol.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 nov. 2018.

SANTOS, Maria Francisca dos. 59 anos, maranhense, pioneira da feira, 2018.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. Técnica e Tempo Razão e Emoção. São Paulo: HUCITEC. Edição atual: São Paulo: EDUSP, 2008a.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: HUCITEC, 2008. p. 231.

_____. **Da Totalidade ao Lugar**. São Paulo: 2008.

_____. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

SANTOS, Milton e SILVEIRA, María Laura. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: 2008.

SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo. Expressão Popular, 2007.

_____. **Por uma abordagem territorial**. In: _____; SPOSITO, Eliseu Savério. (Org.) **Território e Territorialidades**: teorias, processos e conflitos. 1ª ed. São Paulo; Expressão Popular, 2009. p. 73-94.

SILVA, Eudenio Bezerra da. **A Substituição da Soante Palatal /λ/: Uma representação linear**. Dissertação de Mestrado, 1997.

SILVA, Flávia R. Santoro. MOREIRA, Valéria Regina de O. **O Comportamento das Palatais Lateral e Nasal na Fala de Comunidades Pesqueiras Fluminenses**. Jornada de Iniciação Científica da UFRJ, XIX. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, 1997.

SILVA, Maria Gilda. 73 anos, piauiense, pioneira da feira, 2018.

SILVA, Raylinn Barros da. **Pedro milagroso: o mendigo que virou santo**/Raylinn Barros da Silva – Goiânia: Kelps, 2013.

SILVA, Thais Cristóforo. **Fonética e Fonologia do Português: Roteiro de estudos e Guia de Exercícios**. 7 Ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SOARES, Eliane Pereira Machado. **Variações dos Fonemas Palatais Lateral e Nasal no falar de Marabá – PA**. Dissertação de Mestrado. Belém: 2002.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2007.

TRENTINI, M.; PAIM, L. **Pesquisa em Enfermagem**. Uma modalidade convergente-assistencial. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

VALVERDE, Orlando e DIAS, Catarina Vergolino. **A rodovia Belém-Brasília: estudo de Geografia Regional**. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia, 1967.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 9 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

VOTRE, S. J. **Relevância da variável escolaridade**. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.) **Introdução à Sociolinguística: o Tratamento da Variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

WHITNEY, W. D. **Language and Study of Language**. New York: Scribner's, 1901.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO SOCIOLINGUÍSTICO



Universidade Federal do Tocantins - UFT

Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território – PPGCULT

Identificação

1. Nome completo: _____
2. Idade: _____
3. Sexo: Masculino () Feminino ()
4. Data de Nascimento: ___/___/___
5. Escolaridade: () menos de 10 anos () 10 anos ou mais
6. Em que cidade e Estado o (a) senhor (a) nasceu?
7. O que o fez escolher ser feirante? Há quanto tempo exerce esta profissão? Por quê?
8. Há quanto tempo mora em Araguaína?
9. Qual seu estado civil? Casado(a) ou solteiro(a)?
10. Incluindo você, quantas pessoas moram em sua casa?
11. Comente um pouco sobre cada pessoa que vive em sua casa?
12. Tem filho? Quantos?
13. Conte como foi o nascimento deles?
14. Você já realizou algum sonho? Qual?
15. Existe amor de verdade? Sim? Não? Por quê?

Infância

1. Conte como era quando você era pequeno?
2. Que tipo de brincadeiras havia naquela época?
3. Conte uma história da sua meninice que o (a) marcou muito.
4. Havia alguma “história” naquela época que você apreciava? Qual? Por quê?
5. Conte um pouco sobre seus pais.
6. Você pensa que os pais de hoje são mais tolerantes? Sim? Não? Por quê?

Diversão

1. No meio artístico, quem é seu ídolo? Há alguma razão especial para essa escolha?
2. Você ouve rádio?
3. Se sim. Que rádio você ouve? Que programas prefere e por quê?
4. Você se diverte? Que tipo de diversão você prefere? Por quê?
5. Dentre as comemorações festivas, quais você mais gosta? E por quê?
6. Relate sobre uma destas festas (comemorações) que você participou.
7. Você gosta de TV?
8. Se sim. Quais seus programas de preferidos?
9. Aos domingos, além de ir à feira, qual seus programas preferidos? Por quê?
10. Você se considera namorado(a)? Sim? Não? Por quê?
11. Qual o seu gosto musical? Quem é seu cantor preferido?
12. O que você pensa das novelas? Por quê?
13. Fale sobre os lados positivo e negativo da TV
15. Você participa de outros tipos de diversão? Quais?
16. Aos sábados e domingos, além de vir à feira, o que mais você faz?
17. O que opina do carnaval?

Problemas Sociais

1. Há alguma coisa que lhe cause tristeza? Por quê?
2. Se de repente você se tornasse presidente do país, o que você faria por ele?
3. O que pensa das pessoas que moram na rua? Inclusive crianças.
4. Se você pudesse. O que faria por estas pessoas?
5. O que você iria fazer pela juventude?
6. Qual sua opinião sobre os políticos brasileiros?
7. O Brasil tem conserto? Como?
8. A TV contribui para a violência e a prostituição infantil? Sim? Não? Por quê?
9. Qual a importância da Educação para o futuro da juventude? Por quê?
10. Que conselho você daria aos jovens na luta por um futuro melhor?

Esportes

1. Qual o valor do esporte para o ser humano? Por quê?
2. O que você opina sobre a violência das torcidas? Por quê?
3. Você poderia contar uma situação de violência que você sofreu? No esporte ou fora dele.

4. O que fazer para mitigar a violência desportiva?
5. Qual o time do seu coração?

Linguagem

1. Você poderia falar de alguém que fala de um modo bem diferente do seu?
2. O que você pensa de sua maneira de falar? Por quê?
3. Você a mudaria? Por quê?
4. Você fala corretamente? O que é falar corretamente para você?

ANEXOS

Lei que Institui a Feira Livre do Bairro Juscelino Kubitschek (JK) como Patrimônio Histórico de Araguaína



Estado do Tocantins
Prefeitura Municipal de Araguaína
Gabinete do Prefeito

LEI MUNICIPAL 3030, DE 31 DE OUTUBRO DE 2016.

Institui a feira livre do Bairro Juscelino Kubitschek de Oliveira (JK) Como patrimônio histórico da Cidade de Araguaína e dá outras providências.

O PREFEITO MUNICIPAL DE ARAGUAÍNA, ESTADO DO TOCANTINS, no uso de suas atribuições legais, conferidas pela Lei Orgânica do Município e Constituição Federal faço saber que a **CÂMARA MUNICIPAL DE ARAGUAÍNA, ESTADO DO TOCANTINS, APROVA**, e Eu, **SANCIONO** a seguinte Lei:

Art. 1º – Fica instituída à Feira Livre Bairro Juscelino Kubitschek de Oliveira (JK) como Patrimônio Histórico da cidade de Araguaína.

Art. 2º - A feira livre Bairro Juscelino Kubitschek de Oliveira (JK) já faz parte da história da cidade de Araguaína.

Art. 3º – Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Araguaína, Estado do Tocantins, aos 31 de outubro de 2016.

RONALDO DIMAS NOGUEIRA PEREIRA
Prefeito de Araguaína

Lei Municipal Publicada no DOM nº1151, quinta-feira, 25 de agosto de 2016.

Lei que Institui a Feira Livre do Bairro Entroncamento como Patrimônio Histórico de Araguaína



Estado do Tocantins
Prefeitura Municipal de Araguaína
Gabinete do Prefeito

LEI MUNICIPAL 2974, DE 11 DE NOVEMBRO DE 2015

Institui a feira livre do bairro entroncamento como patrimônio histórico da cidade de Araguaína e dá outras providências.

O PREFEITO MUNICIPAL DE ARAGUAÍNA, ESTADO DO TOCANTINS, no uso de suas atribuições legais e fundamentado na Lei Orgânica Municipal, faço saber que a **CÂMARA MUNICIPAL DE ARAGUAÍNA, ESTADO DO TOCANTINS, APROVA** e Eu **SANCIONO** a seguinte Lei:

Art. 1º Institui a Feira Livre do Bairro Entroncamento como Patrimônio Histórico da Cidade de Araguaína e dá outras providências.

Art. 2º A Feira Livre do Bairro Entroncamento já faz parte da história da cidade de Araguaína.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogando as disposições em contrário.

RONALDO DIMAS NOGUEIRA PEREIRA
Prefeito de Araguaína

Lei que Institui a Feira Livre do Mercado Municipal como Patrimônio Cultural de Araguaína



Estado do Tocantins
Prefeitura Municipal de Araguaína
Gabinete do Prefeito

LEI MUNICIPAL 2946, DE 29 DE JUNHO DE 2015.

Institui a Feira livre do Mercado Municipal como Patrimônio Cultural de Araguaína e dá outras providências.

O **PREFEITO MUNICIPAL DE ARAGUAÍNA, ESTADO DO TOCANTINS**, no uso de suas atribuições legais e fundamentado na Lei Orgânica Municipal, faço saber que a **CÂMARA MUNICIPAL DE ARAGUAÍNA, ESTADO DO TOCANTINS, APROVOU** e Eu **SANCIONO** a seguinte Lei:

Art. 1º. Fica instituído, como patrimônio Cultural do Município de Araguaína Estado do Tocantins, a "Feira Livre do Mercado Municipal de Araguaína".

Art. 2º. A "Feira Livre do Mercado Municipal de Araguaína" é realizada principalmente por pessoas que comercializam produtos de origem animal, vegetal, artesanato, processados ou semi-processados, entre outros e ocorre preferencialmente aos sábados no entorno do Mercado Municipal de Araguaína e suas vias de acesso, principalmente Rua 15 de Novembro e Rua 7 de Setembro.

Art. 3º. A "Feira Livre do Mercado Municipal de Araguaína" deverá ser divulgada pela Prefeitura Municipal sempre que possível.

Art. 4º. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Araguaína, Estado do Tocantins, aos 29 dias do mês de junho de 2015.

RONALDO DIMAS NOGUEIRA PEREIRA
Prefeito de Araguaína

- Lei Municipal publicada no DOM nº 867, Ano IV, segunda - feira, 29 de Junho de 2015.